

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

BRENNO MUNIZ DE SOUZA . . .	Immigração e indeseja- veis.	133
MARTIM FRANCISCO	Viajando (III)	149
HEITOR DE MORAES	Ricardo Gonçalves	167
RICARDO GONÇALVES	Poesias	179
MONTEIRO LOBATO	O Plagio	194
POMPEU PEQUENO	A Sombra	201
JULIO DE MESQUITA FILHO . . .	Carlyle e a Guerra	204
REDACÇÃO	Bibliographia	217
	Resenha do mez	226

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 34 - ANNO III

VOL. IX

OUTUBRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ: — A “Casa portugueza” em S. Paulo (*Ricardo Severo*) — Dos males o menor (*Adalgiso Pereira*) — O Araguaya (*Eurico de Goes*) — A Fruticultura na California (*Ed. Navarro de Andrade*) — A Capital do Brasil (*J. Maria Bello*) — O imperialismo Norte-Americano (*A. Chateaubriand*) — Um Grande Invento.

ILLUSTRAÇÕES: Seis gravuras antigas extrahidas da obra “Brazil and Brazilians” de Kidder e Fletcher.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo.

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Director: MONTEIRO LOBATO.
Secretario: PINHEIRO JUNIOR.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: DR. JOSE' MARIA BELLO.

Minas: DR. J. ANTONIO NOGUEIRA, Bello Horizonte.

Pernambuco: MARIO SETTE, Recife.

Bahia: DR. J. DE AGUIAR COSTA PINTO, S. Salvador.

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno.	22\$000
Seis mezes	12\$000
Numero avulso	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa postal: 2-B — Telephone, 1603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA
nesta Capital, e LUCINDA, na estação
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)
Vendedores de fios de algodão, crús e mercerisados

*Compradores de Algodão em
Caroço em grande escala, com
machinas e AGENCIAS nas
seguintes localidades, todas
do Estado de S. Paulo:*

*Sorocaba, Tatuhy, Piracica-
ba, Tieté, Avaré, Itapetinin-
ga, Pirajú, Porto Feliz, Con-
chas, Campo Largo, Boitu-
va, Pyramboia, Monte Mor,
Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Ta-
tuhy.*

GRANDES NEGOCIANTES
de Algodão em rama nes-
te e nos demais Estados algo-
doeiros. com Representações
e Filiaes em Amazonas, Pa-
rá, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO
RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central
Caixa postal n. 931

Proprietarios
da conhecida
Agua Mineral

PLATINA

Cognominada
A VICHY
Brasileira

A melhor agua de mesa
Acção medicinal
A PLATINA, cuja FONTE
CHAPADÃO, está situada na
estação da PRATA, é es-
crupulosamente captada, sen-
do fortemente radio-activa e
bicarbonatada sodica como
a WICHY e é como esta
agua franceza

Vendida em
garrafas escuras

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA, RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO, ROSARIO DE STA. PÉ e BUENOS AIRES.
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na ocasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abrir-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaisquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

**TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO**

Guarana

IDO-KOLA
(GRANULADO)
**SUPERIOR AOS IODURETOS
E COALHADA**



MOLESTIAS DO CORACAO
MOLESTIAS DO ESTOMAGO
MOLESTIAS DO INTESTINO
MOLESTIAS NERVOSAS : ANEMIA
FRAQUEZA : ARTHRITISMO : NEURASTHENIA
ARTERIO-SCLEROSE

VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C^{ia} ♦

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

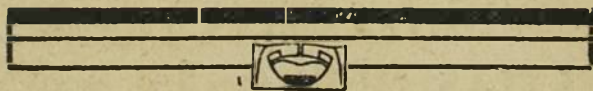
SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO
:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

AOS LEITORES

Ha um ponto em que a superioridade da Argentina sobre o Brasil é indiscutivel: nas suas revistas. Tem-nas optimas, prosperas e em melhora crescente. Porque não havemos nós de conseguir o mesmo? Já possuímos uma por todas as razões em caminho e digna de ser a grande revista nacional. Pela sua tiragem, pela sua collaboração, pela sua independencia, a "Revista do Brasil" está destinada a occupar esse logar. Indica-o a entrada crescente de assignantes novos, cerca de 200 por mez, de Julho para cá. E' muito, dado o marasmo em que sempre viveram entre nós as revistas sérias; mas é pouco diante do objectivo que temos em mira: dotar o paiz de uma revista que marque época.

Para conseguil-o nenhum auxilio mais precioso do que o prestado pelos seus proprios assignantes. São elles os que melhor a conhecem, os que lhe tem amizade, os que podem, portanto, propagal-a com maior efficacia. Foi tendo em vista esta circumstancia que nos lembramos de pedir aos nossos assignantes, em circular, o inestimavel auxilio duma sympathia activa, e que hoje voltamos ao assumpto.

--- ATENÇÃO ---

Cada assignante que nos angariar QUATRO assignantes novos terá a sua assignatura gratuita. Se nos angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das suas assignaturas ou na aquisição das obras editadas pela revista

--- BOLETIM A ENCHER ---

.....
Illmo. Sr. Gerente da "REVISTA DO BRASIL

Junto seguem.....\$..... importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome) (Nome)

(Residencia) (Residencia)

(Nome) (Nome)

(Residencia) (Residencia)

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de

.....\$.....

..... de de 19.....

.....

Edições da "Revista do Brasil"

O SACY PERÊRE

Bello volume de 300 paginas em optimo papel, contendo tudo quanto corre a respeito desta interessantissima criação do nosso folk-lore, e ornado de numerosas gravuras de pagina.

Preço. 4\$000
Pelo correio 4\$500

URUPÊS

Terceira edição, a sair. Livro de contos, por Monteiro Lobato, com 260 pags., illustrado.

Preço. 3\$000
Pelo correio 3\$300

NO PRELO:

RINDO, por MARTIM FRANCISCO

Collecção dos melhores excerptos do grande pensador e ironista, acompanhada de notas elucidativas de seu proprio punho.

PEDIDOS A'

"REVISTA DO BRASIL"

CAIXA, 2-B

(Desconto de 20 % aos revendedores)

IMMIGRAÇÃO E INDESEJAVEIS

A população brasileira, deploravelmente combalida em sua maioria pelo hausto voraz das graves endemias que a deprimem, tende para progressivo declínio em seu valor ethnico, se a esse sorvedouro de energia não se oppuzerem densas barreiras capazes de impedir que se installe, definitiva e total, a degeneração da raça. O aspecto nosocomial do interior do paiz, synthetisado na lugubre e nitida formula de Miguel Pereira, attrahe tristemente todos os olhares; para solver o problema do saneamnto vão convergir os designios dos nossos scientistas, e conjugar-se todos os esforços da nação. Muito calida e justamente se tem louvado a coragem, tardia, embora, porém ainda opportuna, dos que arrancaram de sobre o quadro desolador da decadencia dos nossos patricios a criminosa cortina de indiferença que o velava. Delineado em sua crueza destruidora o mal enorme, resta focalisar sobre elle, um cerco inexoravel e sem treguas todo o poder adverso da prophylaxia aggressiva e defensiva. Combater a malaria, debellar as verminoses, vencer a trypanosomose, limitar a lepra, extinguir o trachoma — eis o lemma glorioso da cruzada salvadora que emprehende libertar a nação do atroz parasitismo que lhe vem sorvendo toda a vitalidade.

O aureo ideal dessa campanha, embora triumphante, não bastaria porém, para realizar por completo a restauração de um typo humano robusto e perfeito, digno da grandiosa natureza que nos cerca. A nossa raça, profunda, visceralmente attingida em muitas gerações pelos ten-

taculos implacaveis das endemias reinantes, por longo tempo se conservará debil e vacillante e trará ferozmente cravado em seu seio o estigma de degeneração do seu passado morbido. Ao lado, pois, do assalto directo ás devastadoras molestias radicadas em nosso meio, para o bom caldeamento da futura população as regras elementares de eugenia devem orientar esse trabalho ingente da renovação de um povo: o desenvolvimento da cultura physica, a defesa contra a lues e contra o ethylismo, o progresso da hygiene alimentar e muitos outros factores servirão de amparo e impulso á nobilitação da raça.

A immigração

Na hora angustiosa em que a humanidade se debate convulsa em horrido morticínio, em que a labareda européa destróe em sua infernal combustão milhões de vidas e de energias em pleno vigor, a immigração, contingente de alto valor na formação da nossa nacionalidade, merece particular analyse.

Antes do cruento conflicto ás nossas plagas aportavam, em busca de trabalho e de riqueza, attrahidos para o amanho dos nossos campos uberes, mas desertos, levas de gente sã e laboriosa, indispensaveis ao nosso desenvolvimento. Esse affluxo normal e constante do nobre sangue europeu, transbordante do velho continente superlotado, agia intensamente sobre a evolução da nossa raça, quer como elemento de recomposição ethnica, quer como factor economico da prosperidade do paiz. A guerra tremenda paralysa a salutar corrente immigratoria justamente no momento em que ella mais util se poderia tornar, promovendo o augmento da producção agricola, favorecendo o surto e a expansão das industrias nacionalisadas, contribuindo para a regeneração do povo entibiado pelo parasitismo.

O Brasil, terra feracissima, porém de população escassa e debil, é e será por muito tempo forçado a procurar alhures o braço facil e de pouco custo necessario ao seu progresso. Já é tempo, por isso, de irmos fixando idéas sobre as condições em que se ha de reorganizar esse supprimento

durante e após a guerra, cuidando desde já de nos precaver e garantir contra a invasão possível de individuos inuteis, improductivos ou prejudiciaes, contra as raças inassimilaveis e inferiores que se venham estabelecer entre nós, contra qualquer elemento pernicioso cuja introdução faça decrescer o valor somatico, moral ou economico da nossa gente.

Depois da guerra

Terminada a conflagração, que destino tomarão as populações remanescentes da terrifica voragem? Não se pode prever com segurança se o europeu, vencido ou vencedor, preferirá curvar-se aos onerosos impostos de guerra e dedicar-se á fertilisação da sua gleba revôlta pelo bombardeio, á restauração das industrias paralysadas, á reconstrução das cidades destruidas, ou se procurará, pelo contrario, regiões mais prosperas, que o cataclysmo não devastou, para nellas esquecer, em dias de ventura e de bonança, o terror da tormenta passada. E' esse um problema complexo cuja solução só se ha de aclarar com o desenrolar dos acontecimentos; é certo, porém, que desde já as nações conflagradas receiam o despovoamento e contra elle se previnem, onerando pesadamente os bens dos que se retirarém.

O progresso na arte de matar attingiu á suprema perfeição na lucta hodierna; basta lembrar que só no primeiro anno de guerra a França perdeu 400.000 homens, cifra egual á das baixas soffridas em vinte annos de campanhas napoleonicas, e que se calcula em dois milhões o numero de mortos da Allemanha, até agora; e o que se extermina na guerra é a parcella mais activa, mais nobre, mais productiva dos povos, é a mocidade vigorosa dos campos, é a juventude promissora das escolas. As nações dilaceradas hoje pela carnificina conservarão por certo, acorrentado por largo tempo á necessidade da propria reconstituição, o elemento humano, base primordial de toda a riqueza e dellas não podemos esperar, tão cedo a exportação do braço obreiro, de que não é possível abstermo-nos.

Um outro phenomeno social parallelo se processa simultaneamente: é a fixação do habitante das nações neutras, nas quaes o capital e o trabalho se desenvolvem rapida e prodigiosamente, proporcionando aos seus povos uma farta prosperidade, com que o destino cego e injusto galardôa a criminosa indiferença dos que assistem impassiveis e insensiveis, á lucta gloriosa do Direito e da Justiça contra a brutal prepotencia da Força. Desses paizes não receberemos tambem o imprescindivel concurso de operosidade que a fome propellia para aquem-mar, em multidões avidas de ouro, portadoras, em sua ambição, do germen da nossa expansão economica.

Collapso da corrente immigratoria

Cessando assim as condições de densificação extrema de população e de desequilibrio economico, para os quaes a immigração se impunha como correctivo unico, não mais podemos contar com as nossas antigas fontes de supprimento de braços. Que resta, pois? Paiz essencialmente agricola, onde o braço escasso tem sido o maior entrave opposto ao augmento da producção e á independencia economica que della deriva, não podemos abdicar desse caracter, sob pena de inevitavel esboroamento da nossa autonomia. Perante tão graves difficuldades, a introducção em massa do immigrante asiatico tem sido a solução adoptada com entusiasmo por certos espiritos optimistas, que nessa medida não descobrem outros inconvenientes, além do transporte difficil e insufficiente.

Não somos dos que se insurgem em franca e absoluta hostilidade contra a importação do trabalhador asiatico: a isso nos constangem as nossas especiaes condições de paiz agricola, de população tenue e doentia, privado subitamente do laborioso concurso das raças aryanas. Resignados, porém, a tragar estoicamente o penoso remedio não devemos nos abster das garantias contra os males que dessa adducção do elemento amarello possam advir para a nossa nacionalidade.

A immigração asiatica

As populações asiaticas, sobrias, resistentes e prolificas, foram sempre um repositório de energia humana de que se valeram as raças superiores em épocas criticas, em que por qualquer evento social, faltou o factor habitual de trabalho. Esse facto se verificou nas colonias conquistadas pelos europeus nas zonas tropicaes, após a libertação do escravo africano. A ilha Mauricia, as colonias francezas de Guadelupe, Reunião e Martinica se utilizaram de chinezes e hindus como succedaneos dos negros em suas lavouras. A Nova Zelandia e a Australia pediram ao asiatico o impulso inicial para as suas culturas, até que pudessem attrahir da Europa o colono branco mais exigente. Mesmo na America do Sul, o Peru' e o Equador chegaram a abusar a tal ponto do aproveitamento do asiatico que a opinião liberal na Inglaterra se alarmou e fez cessar essa migração por temer uma recrudescencia do captiveiro humano. Modernamente, as colonias inglezas da Africa do Sul recorreram de novo ao braço oriental para prover ao trabalho das industrias mineiras, que de outro modo ahi se teriam perdido, segundo affirma Neame no seu estudo sobre o trabalho asiatico nessas colonias. Mesmo a Europa, nos dias tristes que correm, com os seus filhos sacrificados e absorvidos pela guerra, foi haurir no inesgotavel formigueiro humano do Oriente a seiva que lhe vae minguando; annamitas, tonkinezes e chinezes foram trazidos em auxilio do trabalho dos portos, das industrias e das lavouras da França e da Inglaterra; só em 1916, 114.000 asiaticos deram entrada nesses paizes para occorrer a esses serviços periclitantes.

O oeste americano, California e Estados visinhos, attrahio para as lides das suas culturas e das suas minerações magnificas enorme corrente de migração asiatica e a ella se deve grande parte da assombrosa fortuna ahi originada; de 1848 a 1876 foram introduzidos nessa região 250.000 chins que facilitaram a construcção de vias ferreas e o desbravamento da terra rude e inhospita, para a qual mais tarde

affluíram milhões de colonos europeus. O relatório da comissão de inquerito do Congresso Americano de 1876 avalia em 400 milhões de dollars o accrescimento de riqueza devido então ao trabalho chinês.

Como demonstram todos esses exemplos, o oriental é um trabalhador barato e abundante, capaz de acudir á brusca deficiência do material humano. E' isso bastante para que se aconselhe em nosso paiz o incremento illimitado da importação do braço asiático? E' a essa interrogativa premente que os nossos economistas e ethnólogos devem responder com urgencia e com a consciencia de uma grave responsabilidade, concedendo ao problema o alto valor social que nelle realmente reside.

Para compensar a penuria e a incapacidade da nossa população deficiente e dessorada pelas parasitoses, para conservar e garantir o nosso equilibrio economico, cujo fundamento mais solido repousa sobre a produção agricola, para evitar enfim o naufragio da autonomia nacional, apontam os paladinos da colonisação asiática como unico e heroico remedio a intensificação das culturas, só possivel mediante o despejo de multidões amarellas sobre as nossas landes despovoadas.

Desvantagens do asiático

Não deviam, porém, os adeptos da inundação mongolica olvidar as desvantagens que della podem decorrer para o aperfeiçoamento do nosso typo ethnico. E' neste particular que o caso brasileiro differe e se distancia dos exemplos citados acima, nos quaes o appello ao asiático foi coroado de relativo successo; nessas oportunidades o oriental vinha quasi sempre substituir o negro, de menor capacidade productiva e de gráo intellectual ainda inferior; ou então, em regiões onde era chamado sómente pela utilidade e pouco preço do seu trabalho, como se deu na America do Norte, encontrava já formado e vigoroso um soberbo e definitivo typo de raça, como o "yankee", impenetravel a todas as influencias, resistente a todos os attrictos.

O estudo da anthropogenia brasileira nos leva a verificar que o nosso povo, oriundo da confluencia hybrida ainda não

terminada entre o branco colonizador, o vermelho aborigene e o negro servil, não adquirio por emquanto caracteres de estabilidade e de homogeneidade, em virtude da varia dosagem das raças basicas componentes e da diversidade de condições mesologicas em que se vae operando a fusão e o preparo ethnico.

Para justificar o escrúpulo que deve inspirar a escolha do immigrante não se pode, pois, invocar uma pureza de raça, cuja eterna flamma reclame carinhos de vestal; é, inversa e desgraçadamente, a necessidade de melhorar a nossa gente que exige a introdução de elemento extranho, de mais intensa vitalidade, capaz de augmentar o nosso exíguo potencial de energia e de recalcar e extinguir as más qualidades ancestraes recessivas e regressivas, que por força das leis mendelianas surgem em nossa evolução. Devemos almejar que a influencia atavica conserve essa modelação ao brasileiro futuro, a energia e a bravura do indigena, o suave perfume da sensibilidade africana; porém a aspiração suprema deverá convergir para o predominio do factor aryano, da raça branca civilisadora e tenaz, principal detentora da nobreza e do progresso humanos.

Interrupção da corrente immigratoria européa

A fatal convulsão que hoje conturba o mundo e desvia o destino dos povos, como um terremoto muda o curso dos rios, obriga-nos a conter o nosso anseio pela immigração branca, agora irrealisavel. Paralyzada a fluencia normal dessa corrente depuradora, emquanto se forem attenuando pelo saneamento as causas morbidas que tanto ensombram o porvir da nacionalidade, atiremo-nos á valorisação do solo patrio para impedir um grave hiato em nosso progresso, mesmo que para isso seja necessario tolerar temporariamente o colono asiatico, inassimilavel porém operoso; opponham-se, entretanto, quer pela selecção do immigrante, quer pela limitação do seu numero e pela localisação exclusiva em zonas de cultura, barreiras aos inconvenientes que acompanham a colonisação amarella.

Para os paizes em estado de penuria demographica, como o nosso, a immigração é uma fonte preciosa de enriquecimento; cada adulto que se recebe pode ser calculado pelo valor do custo da sua vida até os 15 annos (\$550 dollars, Ernst Engel), ou pelo valor da sua producção média durante a vida, excluidas as despesas da manutenção (lib. 175, W. Farr). O Brasil, que possui um territorio capaz de abrigar e nutrir uma população dez vezes maior do que a existente, não pode, pois, recusar esse lenitivo para a sua pobreza.

O japonéz e o chinéz

Dos asiaticos o unico toleravel é o japonéz. O hindu', indolente, vingativo, desleal e sordido, esmagado pelo deprimente regimem millenario das cástas, fakirisado pelas insidias de uma natureza grandiosa e cruel, conserva-se, onde quer que o destino o arraste, o mesmo pária inerte e desprezível.

O chinéz era descripto em 1879 pelo nosso consul nos Estados Unidos, Salvador de Mendonça, no seu memoravel Relatório sobre trabalhadores asiaticos, como sendo industrioso, economico, intelligente e com aptidões varias, a elle estando, por certo, reservada mais tarde a colonisação dos nossos valles do S. Francisco e do Amazonas, transformaveis em novos eldorados pela mão de obra mandchu'; entretanto confessava que os reputava suspeitos, desleaes, mentirosos e dados ao latrocinio! Em toda a parte em que se estabeleceram foram utilizados pela extrema barateza do seu trabalho, derivada da vida miseravel a que estavam habituados, competindo vencedoramente com o *standard of life* mais custoso aos outros colonos. Após alguns annos de aproveitamento em larga escala desse trabalho remunerado com "salarios de fome", taes grupos ethnicos se enkystam nos paizes a que foram chamados, principalmente se se localisam nas cidades, e começam a supportar a lucta proteccionista que acaba por esmagal-os. Foi o que se observou na America do Norte onde foi com esforço contida a avalanche amarella attrahida pelas *montanhas de ouro* da California; para isso foram decretadas severas leis de exclusão, apoiadas em motivos de ordem

economica, proteccionista, em razão de ordem moral, que a *pruderie* do anglo-saxão alentava, e em ponderações de ordem religiosa, despertadas pelo horror ao paganismo chinês.

A tendencia para a estagnação nos centros populosos, onde se aggravam profundamente a sua miseria organica e a sua torpeza moral, avilta ainda mais o filho do Imperio Celeste, que se torna infernal em suas atrozès machinações criminosas; em Chinatown de S. Francisco, como em todos os agrupamentos chinezes no estrangeiro, reinam soberanamente o jogo, o opio, a prostituição, a immundicie, a degradação social em todas as suas formas mais repugnantes e vergonhosas (C. H. Rowell, *Annals of Americ. Acad. of politic and soc. sciences*, t. 34).

Nada ha, pois, a esperar de um povo que se conserva obstinadamente refractario a toda a assimilação de progresso, fiel eternamente ás absurdas tradições nacionaes, estigmatizado medullarmente pelos vicios de uma raça cuja evolução, se se deu, será tão lenta que melhor será não contar com ella. A proposito da mutabilidade *psychica* das raças cabe aqui lembrar o divorcio de opiniões que separa os sabios objectivistas e positivistas dos sociologos da escola de Le Bon, Laponge, Sergi e Ferrero: estes conferem a cada especie humana caracteres immutaveis, tendencias particulares instinctivas e irreparaveis; para aquelles a proclamação da fixidez da formula *psychica* de um povo é tão risivel como a prophecia dos grandes encyclopedistas Diderot e D'Alembert recusando aos russos a faculdade de se civilisarem á européa. Finot, por exemplo, affirma, no seu solido trabalho sobre o "Preconceito das raças", que é impossivel escrever algo de duravel sobre o fundo essencialmente instavel dos povos. Mau grado esses conceitos, a impenetrabilidade do chim, garantida por uma transmissão hereditaria immemorial, tem-se mostrado rigida, irreductivel nos paizes para onde emigrou; por isso, nessas terras progride hoje a campanha para a extirpação desse cancro social, já em parte enkistado pelo rigor da exclusão, porém sempre aviltante e execravel.

A capacidade do japonês

Após o justo anathema que paralysoou em quasi toda a parte a importação do chinês, surde na arena dos mercados de trabalho o japonês, avido pela expansão de uma actividade exuberante, dotado de fortes aptidões para supplantar o seu primo mongolico. O sopro de civilisação, que ha meio seculo ventila as ilhas do Mikado, exerceu sobre o seu povo uma completa transformação, definida pela absorpção total do progresso occidental, muitas vezes já demonstrado em provas brilhantes de energia, de cohesão e de combatividade guerreira. A instrucção, largamente disseminada, reduzio o analphabetismo á esplendida proporção de 5 %; o japonês moderno operoso, intelligente, disciplinado, methodico, especializado e obediente, é bem o allemão do Oriente no qual a capacidade invasora se organisa e se desenvolve numa lenta e paciente extractificação de qualidades, adquiridas com o objectivo final de expansão economica. Apesar da forte densidade da população do seu paiz de origem e da exiguidade dos salarios distribuidos, o japonês que emigra não pode ser recusado por pauperismo; a média do dinheiro entrado nos Estados Unidos com cada um desses estrangeiros attinge a 31 dollars, tres vezes superior á dos italianos e superior á dos scandinavios, irlandezes, polacos, etc. E' notavel a diffusão dos preceitos de hygiene, mesmo nas baixas camadas; as grandes levadas de immigrantes, como as que inspeccionamos na Hospedaria de Immigrantes de S. Paulo, apesar da longa travessia maritima a que são obrigados, apresentam-se sempre com o mais esmerado asseio individual.

Uma outra attenuante para a tolerancia do japonês é não preferir elle a permanencia nas cidades, sendo facillima de obter a colonisação agricola voluntaria. Esse pormenor é de capital relevo uma vez que se trata de evitar a attricção modificadora sobre o nosso povo de raças biologicamente incapazes de uma fusão proveitosa; tal receio, aliás, perde vulto se pensarmos que são rarissimas as uniões de japonezes com individuos de outra raça; uma moral especialissima e um profundo sentimento religioso bem diverso conserva impolutos e insulados os grupos nipponicos emigrados. Já em

1907, em Nova York, o embaixador Aoki discursando em um club japonês, pretendia combater essa tendencia para o isolamento da raça, e procurava intensificar a força de insinuação ao seu povo, aconselhando aos seus jovens patricios que desposassem americanas.

Um povo com taes caracteres, penetrante, mas impenetravel, resistente a qualquer assimilação, unido por uma solidariedade granitica, tenaz e paciente em seus designios, estoico e resignado em seus infortunios, despertou sempre nas regiões em que se implantou, uma notavel luta reaccionaria, originada principalmente no temor da concurrencia da mão de obra nipponica copiosa e barata. Na California como na Australia, no Canadá como em Havai e nas Philippinas multiplicaram-se os motins anti-japoneses e as ligas de protesto; o brado de "Fire the Japs" muitas vezes arrastou as turbas excitadas do proletariado branco a serios movimentos em pròl da exclusão do japonês; a reconstrucção de S. Francisco, destruida pelo terremoto e pelo incendio, foi retardada e encarecida enormemente pela recusa nessa empresa, do operario amarello.

A experiencia dos outros

A experiencia está pois concluida e só nos resta aproveitar os ensinamentos dos outros povos; a importação do asiatico para o cultivo do nosso immenso territorio só deve ser feita moderadamente, evitando a plethora desse elemento nos centros povoados e o grande mal do urbanismo e restringindo exclusivamente ao japonês a nossa tolerancia. A lei de 1907, promovida a bem do povoamento do solo pelo ministro Miguel Calmon, concedendo aos immigrants terras para a sua fixação com largos prazos de pagamento, offerece, no caso da admissão do japonês, vantagens incontestaveis, podendo-se, pela sua bem orientada applicação, utilizar a energia valorisadora dos asiaticos, localisaveis em grupos disseminados por terras ingratas, que só a tenacidade dessa raça pode desbravar; subtrahese assim a nossa gente a qualquer nociva influencia do colono extranho e dissolve-se em parte a ferrea *blood-union* que solidarisa esse povo e faz temer a sua invasão.

Amplia-se hoje por toda a parte o receio do espraíamento da onda amarella e justifica-se agora o conselho prophético de P. Leroy Beaulieu, que, em 1880, pedia ao mundo civilisado precauções contra uma raça cujo idéal se resume num prato de arroz.

Devemos temel-a, porém aproveitando-a em seu valor economico, porque, como pensa G. Prato ("Proteccionismo Operario"), privar-se um paiz afflicto pela penuria chronica de braços de cooperação pouco custosa de homens cuja habilitade technica revela-se maravilhosamente perfectivel equivale a recusar uma parte da propria contribuição á grande empresa de valorisação do globo.

Insurgem-se os socialistas contra o direito de pequenos grupos organizados monopolisarem, sob o escudo do patriotismo ou da propriedade, bens terrenos cuja exploração racional pudesse dilatar o bem estar geral e a fortuna da humanidade. Essa doutrina não autorisaria a introduccão em nossa terra de uma massa consideravel de japonezes absorventes e inassimilaveis, capazes de alterar o lento progresso de uma raça ainda debil e mal definida como a nossa. O auxilio do braço japonês só deve penetrar em nosso organismo social através das malhas filtrantes de uma defesa bem aparelhada, que lhe neutralise toda a toxidez e lhe sorva toda a utilidade. Uma das precauções a tomar, no periodo temporario de tolerancia do japonês, é a de evitar que sob esse nome nos sejam enviados habitantes da Coréa e de outras colonias do Mikado, povoadas por chins e raças proximas, absolutamente indesejaveis na nossa colonisação; trazidos de mistura com os japonezes e sob a sua ascendencia, viriam pela sua submissão e inferioridade, prestar-se á implantação de um regimen de trabalho odioso e quasi servil, incompativel com a nossa democracia e favoravel ás tendencias avassaladoras dos japonezes.

A nova solução

Proseguindo na serie de observações que determinaram estes commentarios, não podemos nos abster de fazer referencia á tentativa possivel de provocar em nosso paiz desloca-

mento de grandes massas de população, transportando-se, por essa forma, de zonas safaras, remotas e insaneaveis para regiões menos agrestes, parte desse aproveitavel capital humano, que jaz em marasmo desolador no seio do nosso aspero sertão, languescendo, ischemiado, torpido e tropego, em vias de uma fatal dissolução. A bôa orientação dessas correntes de migração interna iria sorver no proprio solo nacional a seiva de trabalho, por cuja falta desfallece a nossa vitalidade. Seria necessario um penoso esforço para conseguir arrancar o nosso sertanejo morbido, ingnaro e ignavo da inercia em que vegeta, vacillante e impotente contra a degeneração que o ameaça, porém afferrado á misera palhoça, algemado ao arido torrão em que nasceu e que lhe rouba incompensadamente o seu minguido alento titubeante.

O nosso cearense já se revelou, na exploração da região amazonica, o mais destemido e heroico dos colonisadores; nunca o apavorou o espectro tenebroso do inferno verde onde a morte germina na *agua negra e lethal das febres pestilentas*, descripta em versos immortaes pelo poeta do "Verão". Character sobrio e resignado, temperado sob a ardente irradiação do sol equatorial e na aridez cruel das planicies adustas, conforma-se o sertanejo com as asperezas da natureza, e como outro horizonte não divisa, limita-se á estagnação em que dorme o seu valor, capaz de se multiplicar admiravelmente, se, peadas ao mesmo tempo as causas morbidas de degeneração, lhe acenarmos com o estímulo de um conforto e de uma fartura, facilmente tangiveis.

Em 1912, acoitados pela secca e pela fome, mais de 5.000 cearenses abrigaram-se na Hospedaria de Immigrantes de S. Paulo; desses, mais da metade não quiz regressar á terra inclemente, apesar das chuvas sobrevindas, trocando de uma vez pela riqueza do Estado que os acolhera a incerteza e a miseria do sertão.

Feita em larga escala a migração interior corresponderia a uma perfeita reciprocidade de interesses, provendo-se por seu intermedio á farta subsistencia de gente que hoje definha, á mingua de recursos e que amanhã, transferida para zonas ferteis, proximas ás linhas ferreas, permeaveis ao

saneamento e á instrucção, poderá se enriquecer e enriquecer o paiz. Contra esse patriotico e proveitoso processo de corrigir a carencia de braços de certas zonas do Brasil, levantar-se-ia, como o mais serio obstaculo, o protesto dos politicos regionaes, que apontariam a tal expediente o defeito de ser um grave factor de despovoamento; seria essa entretanto uma razão sentimental, pois, sob a mesma bandeira, o interesse maximo deve sempre visar o progresso geral da nação.

Ainda para remediar a deficiencia da obra agricola do paiz deverá o Governo instituir providencias tendentes a combater o urbanismo que nos asphyxia; promover a mobilisação agraria, analoga á decretada ultimamente na Italia, obrigando o aproveitamento dos terrenos incultos; disseminar o ensino agricola, despertando o gosto pela lavoura; favorecer quanto possivel a descongestão das cidades lembrando que na labuta dos campos se enrija o corpo e se aperfeiçoa a especie e que o transbordamento salutar da plethora urbana sobre a terra avida do suor humano é o exodo salvador, que prepara o futuro da raça e esteia o equilibrio das nossas forças vitaes.

Precauções hygienicas

Na urgencia de mover e de canalisar a energia humana em favor da uberdade da terra é indispensavel fixar as condições de hygidez, de valor moral e somatico dos que accorrem ao appello do nosso hospitaleiro paiz, filtrando com rigor as levas de immigrantes, instituindo nos portos de desembarque e nas fronteiras medidas de defesa contra a penetração no solo nacional dos elementos indesejaveis. Esse aparelho existe ha longo tempo na America do Norte e é universalmente conhecida a severidade com que são recusados em Ellis Island todos os individuos reconhecidamente inutilisaveis ou perniciosos ao paiz. A lei uruguaya de 1915, de Battle y Ordones, como a americana, nega accesso ao territorio do paiz áquelles que positivamente se verifique incapazes de contribuir para o progresso da republica; são assim repudiados os leprosos, os tuberculosos, os trachomatosos; os de-

mentes em qualquer gráo; os mendigos; os que, por defeito de conformação ou defeito physico, sejam inaptos para o trabalho; os bohemios; os asiaticos e africanos aos quaes as autoridades de "contrôle" da immigração julgue opportuno interditar o accesso do territorio nacional; os maiores de 60 annos e os cegos, que não forem acompanhados de arrimo.

No Brasil até agora nenhum estorvo se levantara á franca permeabilidade das nossas vias de accesso e ao livre ingresso do estrangeiro; apenas as leis communs de defesa sanitaria nos garantiam. Em bôa hora o deputado Azevedo Sodré, em agosto deste anno, fundamentou um projecto de lei que concede á nossa patria o direito de recusar os maus e os inuteis. Todos os nossos votos são para que se approve e realize essa lei antes que o fim da guerra nos traga a eventualidade de sermos procurados pelo residuo humano sobrevivente ao tremendo cataclysmo; seria doloroso accrescentarmos ao multiplo parasitismo que nos devora mais uma legião de estropiados, mutilados, cegos, loucos e invalidos que por ventura procurem expatriar-se em busca de vida mais facil e mais farta.

O que fez S. Paulo

S. Paulo, como tantas outras vezes, antecipou-se á União, decretando meios de defesa contra a penetração em seu territorio dos elementos nocivos; o art. 567 do seu modelar Código Sanitario, em vigor desde o começo deste anno, já assegura o direito de impedir, de accôrdo com o serviço sanitario federal dos portos, o desembarque dos inadmissiveis; esse dispositivo da legislação sanitaria estadual ficará, porém, improductivo, se o governo federal não adoptar medidas analogas, por continuarem abertas as fronteiras terrestres.

Mesmo entre os Estados deveria existir o direito de defesa reciproca contra os indesejaveis; das unidades federadas, umas esmeram em proteger o seu territorio e a sua população contra a corrupção externa e buscam os meios de valorisar, pelo aperfeiçoamento, o seu capital humano; outras, por doutrina, por desleixo ou por pobreza, deixam em con-

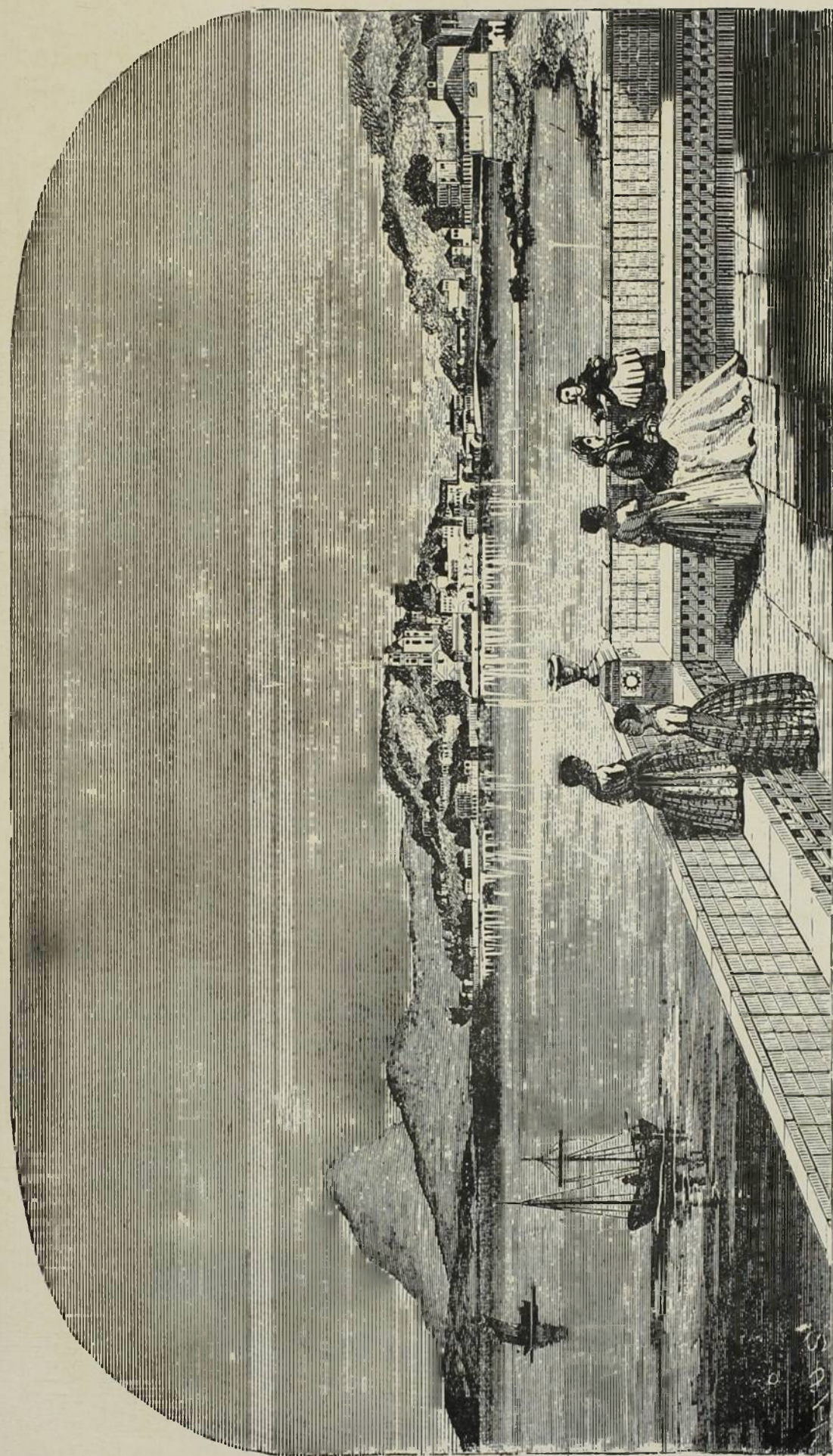
demnável abandono a perfectibilidade do povo; não é justo que da symbiose fraternal em que vivem os Estados resulte para os mais adiantados o dever de acolher a gente residual, fraca, doentia e a viciada, que pretenda auferir o gozo e as vantagens de um progresso que lhe não pertence. S. Paulo, por exemplo, possuirá dentro em breve uma leprosaria modelo e não poupará esforços para obrigar o isolamento dos lazarus, suavizando porém com um conforto que ha de, por certo, despertar a cubiça dos pobres morpheticos errantes nos Estados vizinhos ou mesmo remotos em que essa assistencia não existe; não se podendo evitar essa intromissão, aggrava-se singularmente o computo dos leprosos e a macula se entranha mais indelevel do que devera ser. Identica critica se poderá fazer ao numero elevado de enfermos mentaes que, refugados pelos Estados nataes, se alojam nos asylos paulistas, que lhes não sabem fechar as portas.

Outro exemplo: a lei da obrigatoriedade da vaccina jennariana, executada com rigor no Estado de S. Paulo, protege-nos contra a invasão da variola; Estado do sul existe, entretanto, em que essa medida, por uma falsa comprehensão de certas doutrinas philosophicas, é mais ou menos facultativa, sendo ahi possiveis as explosões de epidemia e, mediante o livre intercambio existente, a exportação de doentes para o territorio paulista, que terá assim a sua estatistica injustamente sombreada por males adventicios.

Parecerá, talvez, irrisorio que se clame por leis de exclusão contra indesejaveis no Brasil, cuja população, em parte, rola debil e exangue pelo declive da decadencia e da degeneração. Entretanto é exactamente por essa mesma razão que se não deve permittir que a ruina se accelere e que avulte a legião de incapazes que tanto nos opprime.

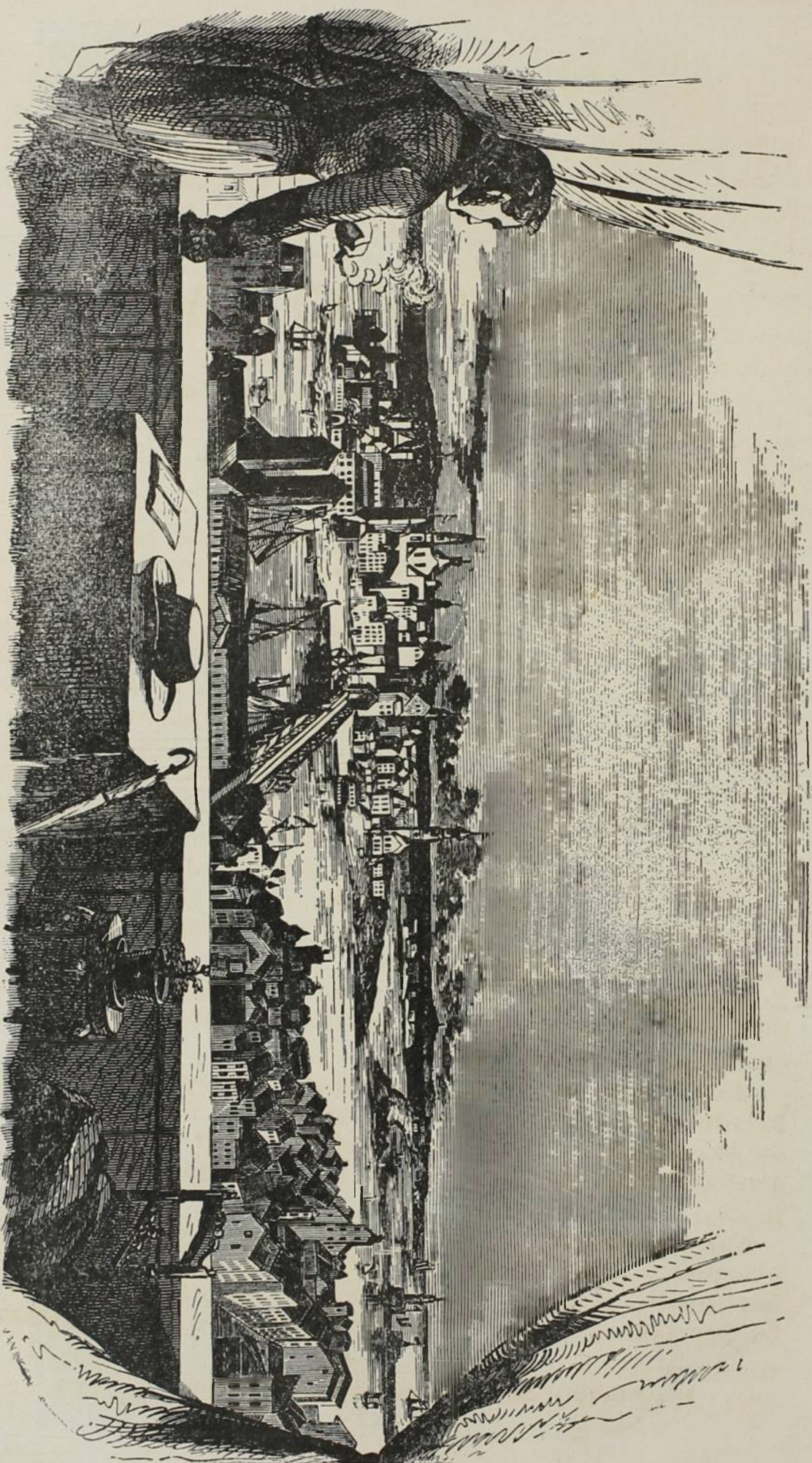
Pela ferida da degradação do povo, jorra desperdiçada, aos borbotões, a vida do paiz. Gloria á geração actual se souber estancar-a!

BRENNO MUNIZ DE SOUZA.



GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher
Morro da Gloria, visto do Passeio Publico



GRAVURAS ANTIGAS

Vista de Pernambuco

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

VIAJANDO... (1)

(COISAS DO MEU DIARIO)

1913

No Forum. Março, 5

— Não estou em minha caça, mas estou em caça conhecida. Livrinho de H. Tedenat e um rapido exame da **Roma Restituta** (nitido rezumo da cidade no IV. seculo P. C.; entrada uma lira; á esquerda um busto perfeitissimo de Julio Cezar), alinhando-me idéas, me impediram de confusão numa area tão grande e, ao mesmo tempo, diminuida pela excessiva aglomeração de monumentos.

Partindo de Vicolo Orfeo n.º 3, telephone 5132, e pedinte de que eu o recomende aos brasileiros em geral (o que estou fazendo para dez annos depois de minha morte), encontro-me o guia Rufini Emilio. Engana-se, ou pensa enganar-me, attribuindo a Trajano inscrição da epoca de Augusto. Tento peita-lo. Ofereço-lhe cincoenta liras por sesterccio incrustado no chão, á direita da **Curia**, onde o Senado celebrava sessões e onde, hoje, S. Adrião tem noticias duma egreja que lhe recorda o martirio. Recuza pezarozo, deixando-me na duvida si trato com um sincero, si com um silingornio.

Mas o cazo me está a intrigar. Moralmente, tão desbriado é o corrompido como o corrutor. Nem a venalidade existe sem o concurso dambos. Hum! Na pratica a sentença não pode ser tão radical. Menos ainda na politica.

Euzebio de Queiroz, conservador, poder em 1851-2, sempre pobre e probo, ha de descer da altura, que incontestavelmente ocupa na veneração brasileira, só porque a verba secreta encommendava ao redator do **Grito Nacional**,

(1) V. a "Revista do Brasil" de agosto e setembro.

portuguez, em linguagem cuja virulencia desconceituasse a opposição, ofensas ao imperador e sua familia? O segundo Paranaguá, tres vezes presidente de provincia, uma do conselho, ministro cinco vezes, juiz integerrimo, politico pobre de dinheiro e rico de serviços ao paiz, perderá o titulo de homem de bem porque, quando no poder, consentia que os jornaes adversarios, victimas de oportuno desmancho nos cilindros, recorressem ás oficinas do **Diario Oficial** justamente quando abrandavam no emprego de adjetivos deprimentes? A gravidade das nossas tradições democraticas desaparece porque as viagens, regulares de preço e de prazo, de Borges da Fonseca e Jozé Maria do Amaral (republicanos depois de mortos), coincidiam com a cessação dos motins no Recife e da irrequietação jornalística na rua do Ouvidor? Jugurta será tão criminozo como Lucio Opimio? Hei rezolver isso em Sallustio, no Brazil. Agora tenho coiza mais exigente a atender. Um sentimento de gratidão me chama á **Cloaca Maxima**.

— Nella. Della.

O local não é de minha especialidade. Mesmo do que li, ha muitos annos, em Sexto Frontino, sobre limpezas de Roma, nada ou pouco recordo ou aproveitei. O sentimento do dever, porém, manda-me á **Cloaca Maxima**; aqui a gratidão, esse imperativo categorico das consciencias equilibradas, reina, governa e administra no meu proceder. Peço, obtenho e pago meia duzia de cartões postaes; e, nuns em proza, noutros em prozaicos setissillabos, envio saudações a varios jornalistas fluminenses. Alliviado dessa obrigação, dirijo-me a outras ruinas.

Mais Forum

— “Quem te viu e quem te vê!”, foi o que exclamei deante do **Templo de Saturno**, reconhecivel apenas pelas oito columnas que lhe restam. Coitado! Começou ha vinte e quatro seculos como erario publico a sua respeitavel carreira historica, e acaba despecuniado como qualquer fim de mez! Muito mais moderno, e ainda mais desvalorizado pois só lhe restam tres columnas, é o de **Vespa-ziano**. Nos seus destroços, examinei-os, não vi nem uma mosca; indiscutivelmente quem o construiu foi o calvo Domiciano. Do estilobato, quazi só o que subsiste do afamado **Templo de Castor e Pollux**, guardo a lembrança de

autenticos, branquissimos e bellissimos marmores de Pa-ros.

— Vou mandar ao Vieira Fazenda uma flor, colhida bem no meio do local onde deveria ter existido o **Templo de Vesta**, mas com a condição de o mestre esclarecer-me a respeito da aparição de S. Antonio, em defeza dos pernambucanos, na batalha das Tabocas, 16 de Julho de 1645, e quando, pela primeira vez, tropas europeas, arregimentadas, foram vencidas na America. Isso por natural associação de idéas.

Si Castor e Pollux, a cavallo como estão nos denarios, desceram dos céus para decidir da batalha do Monte Regillo; si Cristo entrou em combate, na vanguarda, no decizivo prelio de Ourique; si a Santa Cruz influiu brilhantemente na ponte Milvia contra Maxencio: porque estaria o illustrado S. Antonio, numa epoca intensa de milagres, impedido de inaugura-los, como uma novidade aceitavel, cá pelas terras do Novo Mundo? Responde-me, Fazenda!

— Não sinto, nunca senti, absoluta necessidade de adquirir opinião deciziva a respeito do papa Zacarias; seio-o na historia por haver bazeado o cazo carlovingio, que sem elle teria mesmo de vir. Tomou-me hoje, entretanto, S. Santidade dez minutos de atenção quando, no **Impluvium**, e sequentemente apreciando as decorações muraes da **Egreja de S. Maria**, a duvida a seu respeito e do seu episcopado me torturou a intelligencia sempre avida de acerto e de justiça. Esse grego foi um bom ou um mau? Annular, destruir a livraria de Augusto, substituindo-a por uma egreja, é tolíce; iniciar, porém, a grande, a espantosa Biblioteca do Vaticano é alcançar direito á gloria. Como sentenciar Zacarias? Como?

Não sei. Vacillo. Em identico embaraço estava, ha mais de quarenta annos, o tribunal do juri de Taubaté, ao julgar um assassino que, na vespera do crime, praticára outro de defloramento que o fizera pai.—“Matei um, mas fiz outro”, defendia-se o réu. Foi absolvido pelo voto de Minerva.

— Plena antiguidade. Já os antigos romanos lhe não entendiam a inscrição! Vejo a **Pedra Negra**, e á esquerda de quem olha para o **Arco de Constantino** tomo a escada de madeira e desço á **Cova**. Prelatino o que mal consigo soletrar sem relacionar as sillabas. Etrusco? Indecifrável? Não estará alli o nome secreto de Roma (Valentia)? Não revelará algum dia, a qualquer Letronne ou Champol-

lion, esta misterioza inscripção a identidade de Pitagoras e Numa Pompilio?

Para se não retirar o vizitante com as orelhas abanando, dizem-lhe que a **Cova** guarda ou é o tumulto de Romulo. Pois sim! Essa legenda de Romulo e Remo, tem-na a critica historica como repetição mal alterada da de Caim e Abel; já a buscára parodiar a mitologia hellenica sacrificando Eteocles e Polinice ás terriveis imprecações de Edipo. Estupida! a influencia do fratricidio na historia, na legenda, na inveja e na delegacia de policia!

Subo. Perto me está o **Arco de Triunfo de Septimio Severo**, dos menos incompletos monumentos do **Forum**. Ora! Mais fratricidio: dos filhos desse Severo, um, Caracalla, foi severissimo contra o mano Geta: matou-o e excluiu seu nome do monumento. Fez trabalho completo.

— Uma lição inesquecivel: é maior a somma de monumentos legados pelo cazarismo que os deixados pelo patriciado republicano. Explicação? Talvez porque sob as consequencias rezultantes da vitoria de campones do Arpinio, sobre a aristocracia desalentada pela falta de successor digno de Silla, o povo, logo que os debates senatoriaes se tornaram publicos, adquiriu mais consciencia dos seus direitos: ficou mais exigente de gozos, de documentação de glorias, de soberania, de monumentos, de espetaculos.

Depois da passagem do Rubicon, cresceu a depravação nos costumes? Provavelmente. Maior a nau...

.....

Com o Papa. Março, 6.

— Leão XIII era Summo Pontifice; Pio X é apenas Santo Padre. Gordo, bondozissimo, olhar meigamente amortecido, conversando num francez vagaroso e quazi não italianizado, correspondeu o actual chefe do catolicismo á idéa que delle me haviam, informantes, feito fazer. Nos dominios pontificios (população: oitocentos e trinta sete homens; mulheres, não sei), graças á influencia de nossa amavel e geitoza legação, minha entrada foi rapida, e minha saída gratuita. Atravessei uma serie policolor de grupinhos, mais ou menos militares; examinei na antesala, mobiliada com indizivel luxo, duas exorbitantes jarras chinezas; admirei o dezenho do avermelhado tapete; fui chamado; entrei; vi o papa. Era dia de grande recepção.

Doente, o que lhe aumentava a natural mansidão fisionomica, só ponde Pio X, da centena de visitantes que, duma feita e em vasto compartimento lateral abençoou sorridente, receber, de pé e numa das suas muitas saletas de conferencia, o meu casal e um irlandez, professor, que implorava benções para a espoza enferma.

Com a mesma imperturbabilidade com que, ha vinte e seis annos, assistira ás cerimoniaes do **Yom-Kippour** judaico, respeitozo ás crenças alheias e sincero na minha inofensiva descrença, ajoelhei como os outros, beijei o anel escurecido (pareceu-me) do occidental Dailama, e esperei a minha vez de falar, que aliás pouco tardou.

Em explicito francez, discursinho decorado, pedi ao Santo Padre indulgencias para o dr. João Galeão Carvalho que, um anno antes, deliberadamente, sabendo que eu era incapaz de aceitar logar que me não pertencesse, mandou na Camara dos Deputados do Brazil tres **bócós** (ao olhar interrogativo de S. Santidade expliquei corresponder o vocabulo "bócó" ao francez "grotesque") apresentarem emenda contra a minha eleição e em favor de demonstradas falsidades. Intervindo com ademanes repreensores, interrompeu-me minha mulher implorando benções para sua familia e seu paiz. Insisti, porém, e obtive de S. Santidade o que dezejava. Não foi, pois, inutil o trabalho, que tive, de subir os cento e vinte oito largos e altos degraus que amparam os restos do poder temporal do sucessor de S. Pedro. Retirei-me gratissimo.

Mais Vaticano.

— Tres horas empreguei em percorrer salas do Vaticano. Uma, a que contém as doze sibillas ao lado de doze profetas, trabalho de Bentivoglio (caza nova no vispóra dos meus conhecimentos) reobrigou-me á reminiscencia de Pompeio Gener e da trapalhona permanencia, no **dies iræ**, duma daquellas pagãs ao lado de David, o ungido do Senhor. Na **Clementina** a abundancia de luz e a vivacidade das pinturas bem corrige da duvida impressão que o morno de outras salas, onde Pinturicchio alternou viciadamente a flacidez e a audacia, não deixa de determinar no animo de quem lá se retarda.

Uma compensação, porém. Mais do que aquelle trono moderno, em pechisbeque na sala do Consistorio, avançando contra quem chega; mais do que a originalidade do

servente do cardeal Vivesiluto encommendo-me um sello brasileiro de 5\$000 para inicio de relações amistozas; mais do que a restauração das, hoje, abertas e apreciadissimas salas dos Borgias, empreza devida a Pio IX e Leão XIII; mais do que a cara redonda e o pescoço corretissimo de Julia Farnéze; mais do que tanta coiza a me justificar a indignação e esgravatar-me a seriedade: lá encontrei, numa das salas, em sete trabalhos rodeando o involvidavel tétó, a classificação das sciencias do decimo quarto seculo. Lá estavam, cada uma no seu interessante quadro, a grammatica, a didatica, a muzica, a arimetica, a geometria, a retorica, a astronomia.

Raimundo de Lulle! Esqueceram-te, mas aproveitaram para o seculo seguinte ao do teu genio a tua classificação de sciencias. Como Crisipo antes de ti, e Cardan depois, soubeste tudo o que em teu tempo se sabia, tudo o que ignoram os que, ainda hoje, nem sabem que exististe!

No Arquivo.

— Convidam-me a percorrer os jardins, os afamadissimos jardins do Vaticano. Recuzo acceder á amabilidade. Não entendo de plantações, especialmente de horta e jardim. Em 1876, solteiro, na Limeira, advogado, estreante dono de caça, fiz uma plantação de rabanetes. Nasceu couveflor. Dezisti da lavoura.

— Das cincoenta salas, nem todas grandes, que guardam o Arquivo do Vaticano, uma dellas porém com trinta e seis metros de comprimento, só vizitei quatro. Perfeitos pergaminhos. Tudo tão á mão! Serviço tão bem gerido, regido e dirigido pelo competente e faceto Emilio Rezzini!

— Li, traduzindo-a aos pulinhos, uma bulla de Xixto V., longa como a esperteza desse pescador de preeminencias. Abri ao acaso um dos quinhentos volumes de cartas de mandões, principes e imperadores, e fiquei conhecendo, sem vantagem palpavel, a firma de Constantino Franchecci, doge em 1709. Boa tinta. Letra peor que a do Oliveira Lima, coiza unica, aliás, que não presta no maior dos pernambucanos vivos.

Na sala numero oito, e foi a que mais me interessou, na primeira prateleira á esquerda, estão encadernadas, catalogadas em ordem impecavel, de 1815 a 1850, as relações diplomaticas da Santa Sé com os poderes profanos, constituidos. Em 1892, no Senado paulista, projéto que apresentei pedia dez contos para, por copia de documen-

tos do arquivo espanhol de Simancas, serem preenchidos alguns dos muitos claros da historia dos paulistas. Annos mais tarde, antes de ser commerciado o jornal **Commercio de S. Paulo**, delle enderecei amavel artigo ao coronel Antonio Franco de Lacerda, influente estadista estadual, convidando, retomado aquelle projéto, s. s. a solidificar as suas relações com as letras. Perdi tempo e projéto. Valha-me a intenção.

Acabrunhado por esse dezilludido recorde, retiro-me do Vaticano e vou dormir uma hora.

.....

Ostia. Ida e Volta.

— Apenas cochilei. Mas descancei. Em meia hora: presença dos convidados, todos; dois automoveis; partida para Ostia, cujas escavações têm sido noticiadissimas. Distancia: vinte quilometros. Cinco horas de ida e volta. Director commandante da expedição: Adalberto Rechsteiner, intelligente, com illustração acima da média e na média da dos nossos officiaes de marinha.

— Tumbar velhissimas. Bonitos mozaicos. Restos dum teatro cuja ensenação era, em parte, movida por agua, o que tem dado agua pela barba aos archeologos. Uma inscrição de saída, inexplicavel, num muro no centro da primitiva povoação.

A despeito dos compendios, está a topografia a ensinar que Ostia é mais antiga do que Roma. Anco Marcio aí continuou o que já achou muito principiado. Ostia proporcionou mais tarde férias e banhos ás classes menos favorecidas da fortuna, e isso talvez até o começo do V. seculo P. C. As invazões, especialmente as sarracenas, diminuiram para quinze ou vinte centenas população que já atingira a oitenta mil habitantes nos dias de paz e de ventura. Soterrou-a destruidoramente o terremoto humano. Mataram-na. O que se está aqui a revelar é mais do que uma cidade morta: é uma cidade assassinada. Sente-se-lhe a rigidez cadaverica. No vortice dos interesses mediterraneos, Ostia foi, ainda na sua maior vivacidade, obediante satellite de Roma. Ha povoações-individuos; passam sem historia. Felizes por isso? As escavações de Ostia que o digam. Efetua-as um doutor austriaco-germano. Descobertas, estudadas, dezenhadas, as cazas são, ato continuo, restauradas. Reviverá Ostia? Restaurada, talvez.

— Lobrigou o olhar esperto duma companheira de excursão, num tablado angular de teatro semiescavado, em pintura conservadíssima num fragmento de barro, como que nos dezafiando a atenção, e exhibicionista a seu modo: um vazo, pequeno, alto de oito centímetros, seis na largura. Ve-lo e furta-lo foi obra dum momento: o momento em que o operario, magro descendente de qualquer centurião, tinha o rosto voltado para o pollegar concludente e ordenador do germano. Das ruínas aos automoveis o percurso foi subjetivamente grave. De instante a instante o caquinho mudava de portador ou de bolso, enquanto bipedemente um soldado, injusto alvo de nossa desconfiança medroza, nos ia acompanhando, passo lento, distanciando-se. Emfim sós! Pulo ao automovel. Vamos, vamos embora. Tenho, pertence-me, o dezenho completo, perfeito, do antigo ciato. Não, não te tróco, pedaço de barro, por uma pasta de ministro. Nem por um ministro!

— Formosa, a volta. Na fimbria do horizonte o sol, desse vermelho sem as iras do poente tropical, afunda, apaga-se como uma bola de fogo. Doutro extremo, precipitando a noite, já refulgentes as estrellas, a natureza repete

jam noxe humida celo

Praecipitat, suadentque cadentia sidera somnos.

Voam os automoveis. Caminho magnifico. Lá, nesse pertolonge de quem corre, Roma, com illuminação inferior á do Rio e superior á de S. Paulo, conversa, mexe-se, murmura, borborinha. Olho o céu. Vejo pela primeira vez, no seu eterno ponto de interrogação, os sete brilhantes da Grande Ursa. A' esquerda, em réta, a Estrella Polar, minuscula, dezenxabida, não sendo pozitivamente a estrella que eu sonhava. Numa volta do caminho, porém, muda-se-me de repente a vista para o sul. E como namorado reencontrando companheiras queridas, divizo, sempre esplendida nas variantes do seu brilho, Betelgeuze, e Rigel, e Bellatrix, a constellação inteira de Orion a ostentar, na maravilhoza originalidade da sua nebulosa, o mais profundo dezafio á desvanecida insaciabilidade da siencia.

Chego fatigado. Escrevo esta nota que deve, pelo tamanho, ser insipida como as de Pereira e Souza.

Na Capella Sixtina. Março, 7.

Constipado, e com indigestão de idéas (este dislate li em Voltaire), volto ao Vaticano. Quero ver, na **Capella Sixtina**, coizas dantemão recommendadas, escolhidas e consultadas.

Da provizão de elogios que trouxe, porém, já em começo e numa salinha de espera sou obrigado a aplicar alguns a uma soberba estatua de **Alcibiades**, de autor ignorado. Tapeçarias de Rafael, embora me não possa o guia elucidar si se trata de originaes fornecedores de cópia ao Muzeu de Londres, si de cópias arranjadas nessa fria metropole, exigem, e eu obedeço, abundantes manifestações de admiração. Basta? Qual! Cá está um celeberrimo fresco, **Incendio de Borgo Nuovo**, onde a elegancia das fórmãs femininas atenua o incongruente aparecimento, numa obra de arte imaginada para o IX seculo, da Fornarina, Enéas, Anquizes, Ascanio, Leão IV., Astolfo e Godofredo de Bulhão! Alli cada discipulo chegou com a sua contribuição; o do mestre, porém, conjuntando as parcellas, justificou o aplauzo da posteridade e o respeito de todos os artistas áquella portentosa revelação do genio, das derradeiras, infelizmente, duma mocidade tão proxima á tarde da existencia!

Que rumo tomar? Consulto-me. Decido. Acerto. Aquelle **Tezeu** é soberbo. Veiu, inteiro de idéa e de fórmula, da lenda para a estatuaria. Portentosa obra de arte! Não lhe deveria ser, em verdade, inferior em merito artistico o baixo relevo que a completava, mas que, infelizmente, já não está completo: nelle Ariadne se acha sem cabeça. Pena! E', todavia, toleravel que, na escultura, tenha perdido a cabeça quem na tradição perdera coiza mais irrepontivel. Já se sabe: não se sabe o nome do autor.

Não desgostei dos sessenta por cento reaes do **Apollo de Belvedere**, nem dos cincoenta por cento possiveis do **Grupo de Lacoonte**; naquelle a mão direita não está direita.

— O **Torzo**, o formozissimo Torzo, peza na gente! E' de Hercules. Necessariamente. Explica-o, demonstra-o, a fadiga dos doze trabalhos. Seu autor? Discutivel inscrição deigna-lhe "Apollonio filho de Nestor de Atenas". Noutros tempos se declaravam filhos do pai os artistas notaveis; ainda hoje, na China, si o descendente se avanta, o ascendente lhe toma o nome para sobrenome. Em S. Paulo essa duvida genealogica desapareceu: os antigos escravos adotaram linhagem, raça, estirpe, casta, fa-

milia, tudo dos antigos senhores; nomes e cognomes fidalgos de 1532, alli desembarcados com a prozapia de limpos de sangue moiro, surgem com adoravel naturalidade nas partes policiaes... E' melhor assim. Prefiro Finot a Lapouge.

.....

— Faltam-me em infinita quantidade "rr" e "aa" para escrever as palavras "burro e canalha". Refiro-me ao papa Pio VI. Consagro-lhe, já se vê, simpatia muito moderada. Na arte sua personalidade dóe; sofria de vulgaridade incuravel.

Esse impio Pio, sexto de sua serie nominal, incapaz talvez de concertar a roda dum carro, tentou concertar uma divina cópia da **Venus de Praxiteles** (pertencêra a Julio II, e só isso deveria bastar para que a não alterassem), tapando-lhe as partes sexuaes com um manto de bronze! Escapou á profanação de semelhante cortina a carnadura posterior. Parei. Indecizo. Indignado. Decidi-me. Paguei ao funcionario zelador, que dum estradinho fiscalizava artes e visitantes, uma fotografia da estatua, puxei a minha faquinha de caipira, cortei o cartão pelo meio, bem pelo meio, entreguei energicamente ao homem o retrato do manto, guardei o da deusa, e retirei-me como quem acabasse de pagar o ultimo credor.

Olhava-me o bruto, apavorado; pensava-me louco. E eu ia, entretanto, deliciar-me na visita ao

Juizo Final.

— Mas é de tirar o juizo a quem o sente, a quem raciocina, a quem... vive! Tempestade de episodios. Cada um delles crearia uma celebridade.

Cada figura, observada, é despoticamente melhor que as outras; cada grupo nega, na atenção, lembrança immediata ao que o antecedeu.

Lá num canto, em baixo, nas agruras infernaes, o secretario do pontifice Paulo III; noutro, noutra extremidade, porém no mesmo plano, o proprio Miguel Angelo, espiando o efeito do seu genio, medindo, pezando o predomínio do seu pincel inexcedivel, universal na sensibilidade, sobre as manifestações que rodeiam. — assinadas entretanto por Perugino, Boticelli, Ghirlandaio — a mais complexa e complicada exteriorização da supremacia na

arte! E predomínio que obtem victoria sobre o proprio Miguel Angelo! Do tétó, por elle mesmo pintado trinta annos antes, e que, totalizado, dá a suspeita dum começo de estudo para o poema final do **Juizo**, elle mesmo, o sarcástico, o en vaidado semi-principiante, desce para genuflexar perante o seu genio integrado, rematado, completado.

Entontece. Desvaira. A lenda hebraica do Valle de Jozafat, de minúscula, está a merecer pateada. Quinze minutos de Miguel Angelo dão á gente quinze vezes, pelo menos, mais vida, mais pensamentos, mais prazer intellectual, mais elevação moral, do que quinze horas de permanencia em qualquer secretaria de instrução publica de minha terra. Quem conseguir enfeixar aquelles episodios, sommar na memoria os diversissimos incidentes do **Juizo Final**, será doutor em arte, tenha ou não frequentado a nossa Academia das Bellas Ditas.

Conselho aos meus poucos leitores que forem á **Capella Sixtina**: peçam ao porteiro (uma lira: preço de estribilho) um espelho; assentem-se num banco, á direita, em direcção á porta da entrada; olhem durante cinco minutos a immensa tela; acompanhem depois com o espelho cada um dos quadros lateraes (meia hora, talvez, de attenção deliberada); levantem-se; saiam de cabeça baixa para a sala proxima, e cuja porta fica mesmo em frente ao **Juizo Final**; voltem, binoculo bom em punho firme, e consagrem mais uma hora ao exame, dessa, a mais larga, a mais meditada, a mais confuza, e ao mesmo tempo mais intelligente consequencia artistica que as cogitações humanas excitaram e produziram.

Cautela, porém; muita cautela. Nada de demora na sala vizinha. Quem lá chegar, volte, volte depressa. Alli está, também recheiado de episodios, mas irrezoluto, morno, o citadissimo quadro de Zucari: a **Batalha de Lepanto**. Um arroto ao lado duma tempestade.

.....

— A tarde, para quem não a pode cantar como Odorico Mendes, deve ser aproveitada especialmente, aqui em Roma, para um passeio ao Janiculo. Arranjassem-lhe um ascensor, ruim mesmo como o nosso de S. Tereza pelo preço, e da Fonte Paulinã, graciosa de relevos, melhorados por Paulo V. (1612) nas suas tres tentativas de cachoeira e nos seus dois esticados esguichos lateraes, poder-se-ia sem fadiga examinar metade da antiga capi-

tal do mundo. Para lá chegar passei pela egreja de S. Cecilia, ilha de arte moderna no meio das velharias romanas, e onde tudo parece ter sido renovado ha menos de vinte annos. Aureli, talento que goza das vantagens de vida e saude, caprichou em abonitar, mas muito, a não muito grande imagem da santa.

— Estatua de Garibaldi. Recommendaram-m'a, está visto, como a melhor de todas as do guerrilheiro. Está mesmo muito boa. O rigor das linhas e a sobranceria do gesto denotam o heróe já triunfante. Olha para longe Calmo. Impavido. O cavallo está perfeitissimo. Inveja-vel (para os outros).

— Dois minutos deante da caza de Torquato Tasso me foram de sobejo para lamentar não tivesse ella caído sobre a cabeça do poeta antes de haver elle tentado melhorar, e de fato peiorado, o seu respeitavel poema.

Apre! (arre! é exclamação de arrieiro). Como estou cansado! O somno é uma opinião; adoto-a até amanhã, permitindo que se me diga: "dormes e eu velo, sedutora imagem, etc."

Na Villa Adriana — Março, 8.

— Partida ás nove e meia. Manhã linda. Automovel, em carreira vertiginosa, a lembrar de Boisgobey, no "La Peau d'un autre", aquella sêde de espaço tão exactamente descrita. A' direita uma egreja (?) com o corpo (?) de Pio IX; á esquerda um cemiterio muito povoado (Cemiterio povoado! Onde o **Paiz**, jornal, aprendeu isso?): á minha direita, irrequietas, duas crianças encantadoras, Dora e Gizella, rindo a cada pulo mais forte do automovel. E é assim a vida: juventude, mocidade, morte, viagem, carreira, vertigem: tudo passa. Ruinas, torres feudaes, tumulto espalhafatozo de Plauto Silvano, duradoiro porque aproveitado para fortaleza, riacho de enxofre, carneiros; tudo passa. Repentinamente me vejo na **Villa Adriana**, mudado com pensamentos e comitiva para os dias e para o Palacio do maior dos Antoninos.

Hora e meia de informações, annotações e admirações. Rezumo: que saque! que molle! que devastação! Depois de haver rapinado o litoral do Mediterraneo, o laciano passou a rapinar-se. O Palacio de Adriano é uma assolação demonstrada.

Dum altar tiraram a **Venus de Medicis**, que eu hei de ver em Florença. Acolá, perto do afastado pavimento

onde escravos especialistas esgravatavam com pennas de gallinha a garganta aos convidados para que, esvaziado o estomago, repetissem o banquete: o estrago não poupou os encanamentos, inutilizando-os de maneira a se não poder hoje saber si os romanos uzavam ou não de caloriferos. Do edificio inteiro tirou o Vaticano tudo quanto lhe ficou ao alcance da ganancia. Daqui a Italia só não furtou o que não poudé, e, no grande refeitório, deixou uma cornija esfacelada, talvez por lhe não haver o agente entendido a valioza significação.

Tivessem-no conservado, restaurado ao menos em parte, e o Palacio de Adriano seria o mais regular compendio para o estudo da civilização greco-occidental. Vasto, solido, construiu-o, sob sua incessante direcção, o melhor interprete administrativo dos ensinamentos hellenos; construiu-o como discipulo fanatico, como alumno repetidor. Parnazo e Olimpo denominavam-se as elevações proximas; Peneu, o rio nascido no Pindo, era o riacho que lhe bordava a depressão á direita. Eram consagrados a Baco, Diana, Venus e Ceres os altares que o adornavam.

A linha de columnas, de mais de duzentos metros e na rigorosa direcção norte-sul, dividia os espaços, ladrilhados de mozaicos hellenicos, onde os estudiosos da epoca, peripateticos, estoicos, epicuristas, discutiam a metafizica de todas as escolas. Lá em cima, no teatro particular do **imperador**, na sua salinha de meditação, aí onde provavelmente dezenhou elle a cunhagem (urge cunhar este vocabulo) de suas moedas imitadoras dos antigos filipos, metade do chão, bellissimo de azulejos, de longe semelhando um pouco os nossos modernos encerados, destróe o prazer da vista pelo desgosto do estrago na outra metade.

Ora! Onde a superioridade dos invazores normandos e sarracenos, dos conventos medievaes, do açougue das cruzadas, sobre a arquitetura que elevou o Palacio de Adriano? A transformação do escravo em servo da gleba, a separação dos poderes temporal e espiritual, e a permanencia de Constantinopla pelo rumo dos cruzados para o sul: não compensam, no progresso efetivo, como serviços da média-edade, os males destruidores que lhe atopetam os annaes.

A lei dos tres estados... Ora! Quatro têm sido elles no Brazil: ha tambem, a datar de 1889, o estado de sitio. E este tanto sitiou e restringiu o coração nacional, que, durante dois annos de revoltas, prizões, fuzilamentos, os po-

zitivistas brasileiros não pediram pela liberdade e pela vida de quem quer que fosse. Não gosta de martires a Religião da Humanidade; prefere empregos publicos.

.....

Tibur — Tirol.

— “Narciza, nós damos o que temos e depois pedimos á vizinhança”, costumava dizer á espoza o velho Jozé Bonifacio. Veiu-me a fraze á lembrança quando, na Terezopolis do patriciado, rodeando de automovel o cimo circular onde se descortina o bellissimo espetaculo de quatro cachoeiras verdes, grande uma, e tres successivamente menores, soube que, por ellas Tibur fornecia luz á Roma, sujeitando-se á escuridão e condemnando á auzencia da electricidade as ruas estreitissimas que asseguram sua persistente decadencia.

Cazas decrepitas. Possivel villegiatura de Cicero, uma dellas. Alto e recreativo ponto de vista. Mostrados ao longe, parecem salpicos escorregando dos Apeninos os nucleos de povoações, lutantes de trabalho contra a natureza madраста, invernoza, cançada.

— Almoço retardado, encómmendado e saboreado. Extra-cardapio, um velho rabequista, com acompanhamento de violão e bandolim, canta e dança, pulador e chistozo. Intimo-o a escolher o pagamento: almoço ou uma lira? Responde-me preferir a lira e o almoço.

— De passagem tento conhecer o Castello d'Este; contentam-me as regularissimas pinturas muraes do primeiro pavimento. Pertence a um principe austriaco; cobra entrada de meia lira. Está abandonado. Abandonei-o, Amanhã farei o mesmo a Roma, onde pensei e vivi, poucos porém otimos dias, anonimo, innotado, sem que as autoridades se preocupassem em inquirir si eu era animal, mineral ou vegetal. Fosse assim no Brazil!

.....

Ao voltar de Tivoli, num posto fiscal, um individuo de galão finissimo nos punhos me perguntou cortezmente si eu trazia caça. Respondi-lhe, em portuguez, que trazia chita. Cumprimentou-me e fez signal de passagem livre. Esses eleitores governistas são sempre os mesmos, em todas as aduanas!

O Barão do Rio-Branco.

No hotel encontro Germano Barreiros, alumno que encaminhei para a pintura, na Italia, com carta do Barão do Rio Branco; unico obzequio, aliás, que pedi ao aclamado prezidente da alma nacional. Quanta saudade esta visita me avivou!

—Tive pelo segundo Rio-Branco extraordinaria e correspondida estima. Dissipadas, numa imprevista conversação de quarto de hora, pequenas nuvens com que os seus artigos de "Kent" haviam envolvido a nota do ministro de estrangeiros do gabinete de 3 de Agosto a proposito da linha-Apaporis, matriculei-me naturalmente no numero dos seus admiradores. Mas aquelle homem era um coração, e aquelle coração era um despota! De sua convivencia nunca dezertou a boa vontade. Nada do que fosse generoso lhe era extranho. Nelle até as inadvertencias encantavam.

Tinha fundo o sentimento da justiça, e não lhe fugia á auto-aplicação. Pessimo orador, acabando de falar pouco e mal em banquete diplomatico, escreve e manda entregar immediatamente a um dos convivas bilhete assim expressivo: "Cezar Bierrenbach: toma a palavra e salva a situação."

Suas palestras me são inesqueciveis. Conhecia admiravelmente a historia brasileira; era mestre em cartografia; sua memoria prodigiosa fechava de momento qualquer vacillação concernente a pormenores de nossa politica interna. A respeito de politica sul-americana ouvi-lo era aprender, mas aprender sempre e aprender muito. Como lhe repugnavam os perfidos, os mentirozos, os ingratos! Afastava-os sem ofensa, permitindo-se, quando muito, delicadas malicias. Desconhecia a inveja. Elogiava auzen-zentes.

Politico, foi o Barão o unico artifice de sua gloria. Preparou no estudo as suas batalhas, e nellas a sua grandeza de estadista. Mais, muito mais deveu ao merito do que á fortuna. Dominou nossa politica externa pelo ascendente da competencia e pela firmeza do carater. Podem negar-lhe traço genial, não, porém, golpe de vista prompto e persistencia eficaz até a vitoria. Guardou, é certo, de sua primeira educação, e dos ensinamentos paternos, desconfiança do argentino, e magua da ingratidão paraguaia; modificou, todavia, na pratica dos derradeiros annos, esses

explicaveis sentimentos, e, ao partir para o nada, seu epitafio estava assim redigido na consciencia nacional: "Agiu. Concluiu. Acertou.."

Notinhas.

Esfregou-se-me hontem á paciencia um filho de fazendeiro rico. Veiu á Europa a titulo de propagandista de café; pretende esperar em Paris a proxima safra, tendo já estado em Monaco alguns dias. Cortez. Bacharel.

O filho do fazendeiro paulista, na Europa, é um tipo a estudar. Tem quatro ou cinco irmãos, pai com quatro centos ou seiscentos contos, mas gasta por aqui como si fosse filho unico, sendo inuteis quaesquer geadas para resfriamento do seu entuziasmo pelo desperdicio.

Nos homens e na luta da vida, a bazofia é um dos caminhos mais curtos da mediocracia para a cadeia. Nas mulheres o fracasso moral é mais lastimavel ainda.

Em S. Paulo, desde a extinta landocracia do assucar e engrossadamente na do café, formava-se e hoje mais se fórma, nos institutos femininos de ensino, pelo luxo e pelas preferencias, uma especie de aristocracia collegial. Viciada e illudida a indole das meninas, deixam ellas os bancos escolares levando a preguiça como norma e a comodidade como sistema. Não era extranhavel, no tempo da escravidão, ouvir de manhã o grito da filha do fazendeiro: "O' Maria, venha lavar minha cára!"; e hoje, espelho, vestidura e respetivos preparos, certo tomam ás minhas jovens patricias uma sexta parte de vida. Penosa verdade, mas verdade: o meio paulista mais tem as desvantagens que as vantagens da civilização.

Para um nucleo humano de quazi quatro milhões, confesse-se, não apresentamos abundancia de intelligencias e demonstração de talentos. Nossos artistas nada perdem com o silencio. Municipalizam-se nossos poetas. Sofre nossa imprensa de falta de leitores. As galerias de nossas assembléas politicas só conseguem espectadores quando se prevê repetição de escandalo da vespera. Não ha, entre os chefes dirigentes dos negocios publicos, dezenove que possam, durante meia hora, conversar sobre questão litteraria ou scientifica. Pensa-se pouco. Ha mais baralhos do que livros.

Morrerá solteiro, ou viuvo de suas cazeiras aspirações quem, para constituir familia, procurar agora espoza que

saiba pregar um botão, preparar uma cataplasma, temperar uma canja ou trazer á sobremeza um prato de queijadinhas.

Peior, talvez, era a situação da Argentina, em 1868, quando Sarmiento recebia, no banquete de Chivilcoy, a atrapalhada herança administrativa de Mitre; salvou-a, concertou-a, ergueu-a o desenvolvimento da instrução; nobilitou-a o livro. Descendente dos bandeirantes, e por isso pouco dado ás letras, imitará o paulista o exemplo argentino?

.....

— Em Roma diminue, em proveito do centro, a população dos arrabaldes; isso mesmo já eu observára em Nápoles e no Rio de Janeiro. A facilidade de transportes chama para as commodidades urbanas o agricultor das circumvizinhanças.

Em S. Paulo, a datar do serviço regular dos bondes, 1873, começaram a aparecer e transitar caras que, antes e só durante a Semana Santa, se auzentavam de S. Anna, Guarulhos e O'. Não dessas inculpaveis localidades, mas do fenomeno que as conduz a esta nota, trata com a habitual competencia o sociologo russo J. Novicow, amigo do Brazil e grato apreciador do café paulista.

— Por falar de café: receitam-no, aqui e como remedio barato, alguns medicos; a borra, disputa-a a pobreza na cozinha dos hoteis. Um mimo annual de tres sacas de café (precioza rubiacea: diz a imprensa quando recebe o subsidio paulistano sem atrazo) aos hoteis de Roma seria propaganda mais eficaz para desenvolver o consumo do que, mesmo, a problematica prestação de contas dos filhos de deputados e cunhados de senadores, mulherengos agentes que só contribuem para o descredito de nossa patria nas praças européas.

Despedimento.

— Roma, seus monumentos, sua historia, suas vicissitudes, sua attitude, suas lições: modificaram-me maneira de ver homens e coizas, idéas e fatos, heróes e heroismos, crimes e criminozos? Não. Uma vida inteira pouco tempo seria para o estudo da grande cidade; o que, porém, nella vi, conciliando duvidas, conjuntando ensinamentos, reunin-

do impressões, revivendo leituras, esclarecendo debates: permite que me eu retire da maior e mais insistente aula de idealismo com as mesmas tendencias, a meu modo spenceritas, com que nella entrei. Cresceu, sem mudar de essencia, a minha bagagem intellectual.

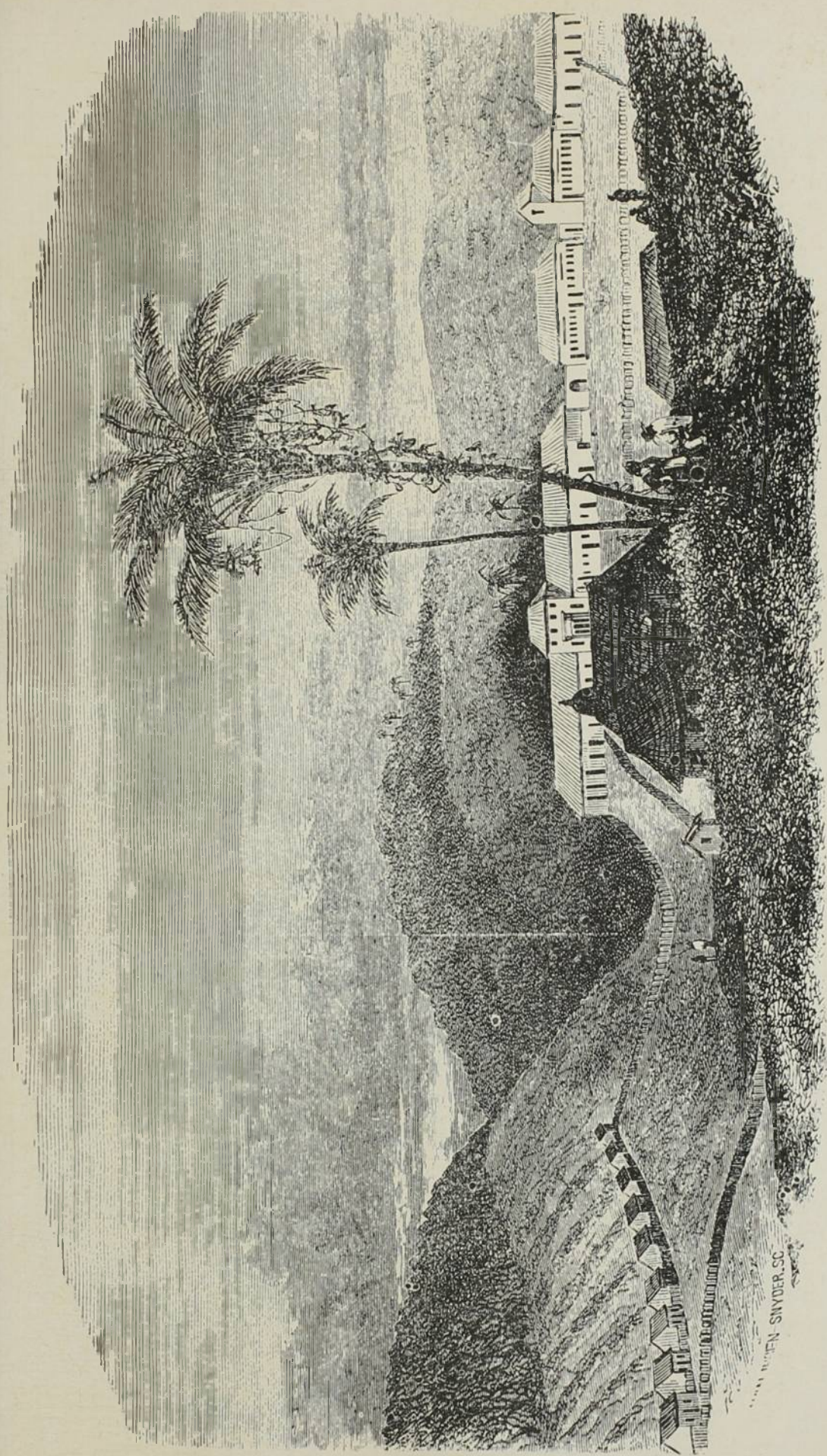
Volto como cheguei. A tolerante descrença que, na mocidade, mantendo á minha razão o direito de só acreditar em coizas demonstradas, me fortificou a independencia e o trabalho: Roma não a alterou: levo-a daqui solidificada, inabalavel.

... O homem é um cazo de encadeamento de forças mechanicas submetidas ás leis que regem a materia. Onde veio? Do passado que não tem principio. Onde está? No prezente que não tem duração. Para onde vai? Para o futuro que não tem fim.

Encontro-me na vida? Vivo. Circula o meu sangue? Funciono, mexo-me, penso. Cessa-me o calor? Esfrio: morro. Tal é o regulamento, conhecido, da atmosfera para baixo. Para que perturba-lo com ameaças de penas eternas porque Eva comeu uma maçã?

.....

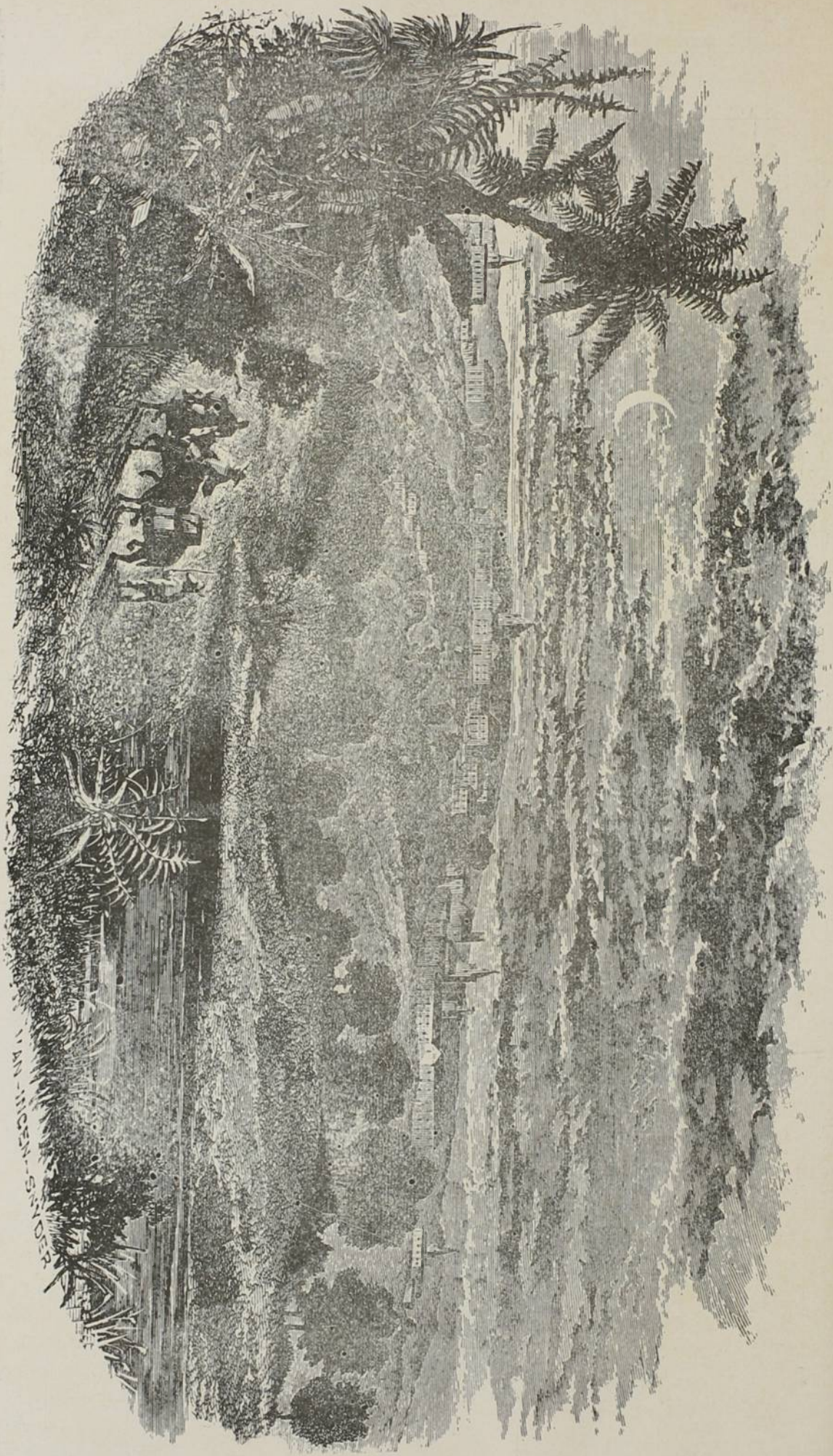
MARTIM FRANCISCO



GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

Fazenda do senador Vergueiro



GRAVURAS ANTIGAS

Vista da cidade de S. Paulo

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher

RICARDO GONÇALVES

(PAGINAS DE SAUDADE)

A morte é um simples incidente na vida: incidente fatal, que eternamente se repete, na eterna viagem do Nada para o Nada, nella a vida termina e nella sempre recomeça.

A verdadeira morte é o esquecimento. Morre sómente quem, na vida, não soube, ou não poudé, conquistar o direito de não ser jamais esquecido. E pois que esse direito — tão sublime que exalta os homens á condição de semi-deuses, dando-lhes a relativa immortalidade da consagração dos posteros — só se declara e só se consolida na morte, não a maldigamos. Fôra mesmo mais justo bendizermol-a, si ella nos não impuzesse a irremediavel dor da separação dos entes que nos são caros.

A Morte, só por si, não é tão horrivel como nós a imaginamos. Os homens, os proprios homens, é que inventámos todos os horrores de que ella se rodeia e se acompanha. Os homens, sim, mas os que se dizem filhos da mais adeantada das civilisações: a civilisação christan... Porque, ha mais de dois millenios, no berço da humanidade culta, no sagrado paiz do sonho e da poesia, na Hellade primitiva, a morte, longe de inspirar horror, era uma fonte creadora de belleza, porque o era do heroismo. Não despertava, então, nas imaginações doentias, os apavorantes phantasmas do Outro Mundo; não aterrorisava os espiritos fracos com as tremendas torturas do Purgatorio e do Inferno; não profanava os cadaveres abandonando-os á nefanda hediondez da lenta decomposição nos cemiterios.

Os gregos não humilhavam, não maculavam a esplendida formosura dos seus corpos apollineos e dos de suas mulheres incomparaveis com o espectaculo brutal, que hoje se desenrola, permanentemente, nos horrendos sorvedouros das necropoles. Os despojos dos mortos se purificavam, em breve tempo, nas chammas rogaes das pyras funerarias; e, logo, recolhia-se e guardava-se em uma urna de marmore — um punhado de cinzas... E o espirito do defuncto voava para a esphera

pura da memoria dos que o amaram, e nella subsistia, "como a idéa nobre ou graciosa que elle havia personificado na terra", na expressão magnifica de Paul de Saint-Victor.

"O genio grego — refere este admiravel escriptor — comprazia-se sobretudo com o embellezar a morte da mocidade; elle a cobria com o véu transparente das metamorphoses. Era Hyacintho colhido por Appollo, era Hylás arrastado pelas nymphas na agua do rio onde elle mergulhava sua amphora, ou Adonis amortalhado por Venus, no leito dos amores celestes. — Com que graça tombam os jovens combatentes da *Iliada*! Destacam-se da phalange heroica, sob o gume do gladio, semelhantes aos fragmentos de um baixo-relevo mutilado. E a queixa unica que elles proferem é — o ingenuo pezar de não verem, nunca mais, a luz do sol!..."

Como é bella essa declaração de amor á vida, á vida, que, afinal, toda se resume — na luz do sol! Belleza a que sómente eguala a da serenidade com que aquelles mesmos ephebos gregos rolavam nos campos de batalha...

Como esses jovens, formosos guerreiros da Grecia heroica, já lá vão dois annos, rolou na morte a figura luminosa do peregrino sonhador, cujo nome guardamos, todos os seus amigos, na memoria e no coração, como o nome de um santo. Santo — mais do que heróe — porque o seu heroismo foi o heroismo da suprema Bondade, o heroismo do sacrificio proprio, de quem perdoa para não matar e mata-se para esquecer offensas, para resgatar as culpas dos seus proprios offensores...

Não quero e não devo recriminar a ninguem: fôra um crime perturbar "a grande paz", por que tanto anciava aquelle nobre espirito soffredor, e na qual, ingenuamente, elle acreditou poder entrar, afinal, escalando, no alor de um desassombrado desespero, tragico e sereno, a alta muralha negra e mysteriosa da Morte, para o salto fatal sobre o insondavel barathro do Além. Quero apenas accentuar, pelo contraste, a grandeza moral, a fortaleza de animo de Ricardo, comparando-a á hypersensibilidade do seu incomparavel coração de poeta.

A sua alma era, ao mesmo tempo, branda e forte, generosa e arrebatada, suggestionavel e dominadora... Explica-se, de tal arte, muito naturalmente, a resolução sinistra, entre calma e desesperada, que, tão brutal, tão desgraçadamente, nos arrancou dos braços — para sempre! — esse inesquecivel, grande Amigo, que hoje pranteamos, na commovente solidariedade de uma só dor commum, funda e sincera, todos os seus amigos, todos quantos lhe comprehenderam e admiram o coração e o espirito, e ainda tantos e tantos que mal, de longe, lh'os puderam comprehender e admirar.

Nas cartas, tão dolorosas, tão lacerantes, e contudo tão admiraveis de clareza e belleza moral, em perfeito equilibrio, que elle escreveu, á beira da morte, aos que lhe eram caros, ficou-nos, a sangrar, inteira-

mente aberto, todo o coração do meigo, sacrificado poeta da Bondade; e nellas ficou, também, a nitida impressão, em alto relevo, do seu nobre, raro e singular character.

Essas cartas, sempre que as releio, com os olhos razos de lagrimas e o peito dilacerado, levam-me a evocar, juntamente com o saudoso perfil de Ricardo, a extranha figura de Hamleto: — ambos dominados por sentimentos aparentemente contradictorios, ambos dissimulando na maior serenidade a maior dôr, ambos incompreendidos dos espiritos vulgares, que os rodeiam e espreitam, como a esphynges... e ambos, entretanto, perfeitamente comprehensíveis para quem lhes visse na intimidade e os observasse com attenção amiga.

✱ Na verdade, de Ricardo bem se pôde repetir o que já foi dito de Hamleto: — “uma alma total, integral, absoluta, uma alma que odeia a mentira, que abomina a traição, que ama acima de tudo a verdade, e que, quando se possui de uma idéa fixa, nada mais vê em torno de si, e cêgamente se dirige para o fim visado, esmagando tudo quanto encontra em frente. Hamleto é tão verdadeiro, que, quando quer fingir qualquer cousa, mostra logo o designio que deseja occultar. Nunca houve mais desastrado simulador; e a sua simulação é ás vezes tão inhabil, que essa incapacidade para a mentira só poderia ser explicada pela tolice, se não fosse naturalmente explicavel pelo dominio absoluto da idéa fixa: a descoberta da verdade...”

Parecem palavras taes escriptas especialmente para definirem o estado de alma em que se achava Ricardo, na vespera da manhan fatal em que estalou a espantosa tragedia. Basta imaginar os horriveis tormentos que elle soffreu, na luta formidavel travada em sua consciencia, entre o dever de apurar a verdade, cuja suspeita o torturava, fosse ella qual fosse, e a necessidade de, para o conseguir, forjar a farça tragica do telegramma falso, infallivel estratagemma de que se valeu para attrahir sua companheira junto a si e a arrastar comsigo, num mesmo turbilhão de morte. Repugnava-lhe, ao seu character lealdoso e franco, usar da astucia planejada. Era, porém, indispensavel que a verdade apparecesse, fosse como fosse: hesitar entre ella e o seu escrupulo fôra, por certo, perder-se, fôra, talvez, aviltar-se... Apavorava-o a perspectiva atroz da morte moral... Não! Não podia mais vacillar: avançou, resolute, embóra mergulhado no mais sombrio desespero, e voluntariamente se deixou envolver na “bufera infernal che mai non resta”...

Desertando “a caravana immensa dos afflictos”, longe de confessar fraqueza de animo, Ricardo nos deu a mais bella prova da sua admiravel superioridade moral.

Fôra-lhe facil castigar a perfidia humana e, esmagando com o seu desprezo as serpentes que se lhe atravessavam no caminho, continuar, embóra mais desilludido e triste, a sua esplendida marcha triumphal

para a definitiva conquista da Gloria. Porque a Gloria já lhe sorria, muito proxima, áquelle poeta encantador, que era o orgulho dos seus amigos e a fascinação das mulheres.

Poeta de raça, orador brilhantissimo, cidadão notavel pelas suas raras virtudes civicas, nome já senhor do maior prestigio e popularidade no seio das multidões, poderia, si o quizesse, galgar, sem difficuldade e em pouco tempo, as mais altas posições de mando e de fortuna. Entretanto modesto até o retrahimento, aborrecia todo ruido em torno de si, de louvor aos seus meritos, e nestes apenas acreditava quando era a bocca desinteressada e franca de algum amigo intimo, que lh'os apontava.

Character mais puro e mais leal do que o de Ricardo jámais houve no mundo. Para uma alma como a sua, "só a idéa da traição mata" — elle o disse, numa das suas derradeiras confidencias; e nesta phrase, tão breve e tão verdadeira, sem o pensar, elle proprio se definiu. Detestava o preconceito, execrava a mentira, odiava a hypocrisia, abominava a lisonja. E, á maneira de Cyrano de Bergerac, preferia ficar á sombra, deixando que outros escalassem o balcão da gloria facil, pois, como o heróe de Rostand, considerava mais digno, mais bello,

"Subir pouco, mas só, completamente só..."

Alma cavalheiresca, fascinavam-n'o todas as idéas nobres, e impulsivamente se tornava o paladino ardente de todas as causas justas.

Coração generosissimo, a bondade o dominava com a força irresistivel de um instincto. Sentia-se cada vez mais fraco deante dos alheios soffrimentos, e em presença de uma desventura qualquer, logo se affligia, procurando o meio de a minorar de prompto. Elle proprio confessou essa fraqueza, em uma carta a seu pae, nestas palavras da mais eloquente simplicidade: — "Isto, que os outros chamam bondade, é para mim uma satisfação intima tão grande, que lhe tira quasi todo o merito."

Temperamento affectivo e singelo, amava, entranhadamente, a sua terra, a sua familia, os seus amigos, e, com estes, toda a gente humilde e simples, que d'elle se acercava. D'este seu amor á bondade, á humildade, á simplicidade, nasceu-lhe, na adolescencia, o enthusiasmo com que, ardorosa e convencidamente, abraçou o socialismo. E na idéa socialista resumia Ricardo a formosa trilogia da dignidade do Homem: — Hberdade, egualdade, fraternidade. Mas, é mister que o digamos desde logo — o seu socialismo não se manifestava sómente nos seus quentes, arrebatadores, discursos, nos clubs academicos ou nas praças publicas; demonstrava-o o admiravel moço pela pratica de actos de absoluta dedicação e coragem extraordinaria.

Vimos, nos seus traços mais caracteristicos, a nobre physionomia moral de Ricardo. Bem pudéramos examinal-a, mais detidamente, á

luz crua e forte, que, sobre essa feição da sua personalidade, projectam os documentos que possão, alguns dos quaes, devéras impressionantes, representam verdadeiras photographias d'aquelle singular espirito de visionario. Ainda é, porém, demasiado cedo para se fazer esse estudo mais delicado.

Por ora, só devemos, os amigos de Ricardo, procurar colligir todos os elementos necessarios á perpetuação da memoria do admiravel artista, que elle foi na terra. Quanto ao resto, contentemo-nos em repetir o que, a seu respeito, escreveu Amadeu Amaral, si não me engano: — “A sua psychologia de nervoso e de melancolico, talvez um tanto complicada e obscura, era, na realidade, de uma simplicidade e de uma transparencia inexcediveis. Elle era um moço profundamente, immaculadamente honesto e bom, incapaz de proceder mal e incapaz de fazer mal, — uma consciencia e um coração igualmente grandes e limpos... Dir-se-ia que a sua alma de moço, através do sentimento, chegára intuitivamente á pacificadora comprehensão da vida, onde vão enfim repousar os espiritos superiores, pelo caminho longo e aspero da philosophia.”

Accrescentemos, ainda o conceito que, de Cesar Bierrembach, fizêra o proprio Ricardo, e que tão bem se lhe ajustava á sua mesma pessoa: — “Havia, nelle, conformidade absoluta entre as suas idéas e as suas acções.”

Ricardo foi, sem duvida alguma, um homem de acção, um espirito combativo de ardente batalhador; mas foi, principalmente, fundamentalmente, uma alma rara de artista, um originalissimo poeta, um impenitente sonhador.

O sonho era, para elle, toda a poesia da vida, bem como a poesia foi todo o sonho da sua existencia. O Sonho, na sua propria expressão, era uma — “deliciosa enfermidade, que amolecia e quebrantava as almas.” O Sonho, em summa, foi o que matou; elle morreu, afinal, de poesia: — “Poeta egli é morto di poesia”, disse-o inspiradamente, num commovido artigo, o seu grande amigo, o brilhante jornalista italiano Paolo Mazzoldi.

Entretanto, assim como foi uma causa indirecta da sua tragica morte prematura, por outro lado, e muitas vezes, o sonho, a poesia, lhe serviu de balsamo consolador das suas maguas, nas crises de melancolia, que, de tempos a tempos, o assaltavam. Revela-se este facto, positivamente, nas notas de viagem e nas cartas escriptas pelo poeta na Italia, durante o tempo em que se demorou nesse paiz, em 1907 e 1908.

Em Veneza, por exemplo, em Maio de 1908, atormentado pelas profundas saudades da sua terra e da sua gente, Ricardo se deixára ficar, por alguns dias, recluso no seu quarto, a ponto de preoccupar seriamente a familia em cuja casa morava. A dona da casa e as suas duas filhas, — “duas solteironas, que certamente já viram umas trinta vezes as andorinhas de volta do Egypto... sazoadas, mas

attrahentes, sobretudo a mais velha, que é alta e grande, e tem na voz inflexões doces e sonoras, de um encanto extraordinario" — essas senhoras, refere o poeta, tratavam-n'o com bondade e carinho, como a um convalescente. A cada instante, entravam-lhe pelo quarto, levavam-lhe flores, procuravam fazel-o rir, contando-lhe as peripecias dos seus noivados, e como e porque não tiveram elles um remate "par devant maire..." Por fim, fizeram-n'o prometter que sahiria; e elle se foi, á noite, em companhia da velha e da filha mais moça, ouvir, em gondola, as cançonetas venezianas:

"A noite era de plenilunio, mas as nuvens carregadas prenunciavam chuva. Dezenas de gondolas alinham-se em torno de um café-concerto fluctuante — uma embarcação maior, com uma illuminação pittoresca de lanternas multicores... A' pequena distancia, um collar de luzes — e o vulto immenso do Palacio Ducal. Do outro lado, esbatidos na treva, os contornos da pequena ilha de San Giorgio, que exhala ao vento o aroma suavissimo dos seus jardins!... E as guitarras choram no silencio da noite..."

Outras vezes, porém, o bulicio das ruas, as alegrias da multidão, os encantos das mulheres formosas, os esplendores da Natureza em festa, numa palavra — toda a poesia ambiente dos seres e das coisas, que o rodeavam, longe de lhe dissipar a tristeza, ainda mais lh'a aggravava, creando-lhe um estado de alma extranhamente contradictorio com a vida exterior de em torno. Servem de exemplo estas impressões de um domingo, em Ferrara:

"Rumoreja pelas ruas e praças uma multidão alegre. Bimbalham sinos festivos na manhã cheia de luz e de gloria. Fronteiro ao restaurante em que almoço, o castello dos duques d'Este, — povoado de reminiscencias do Tasso e do Ariosto — recorta no azul purissimo os seus torreões ameitados. A Primavera espalha um doce aroma de flores novas, de novos amores e de novas esperanças. Todos — todos esses que vejo passar — têm no olhar o fulgor dos que amam a vida, o sorriso luminoso dos que esperam encontrar a felicidade numa volta do caminho.

Este ama. Entre a folhagem mysteriosa de um jardim, espera-o decerto o palpitante ancioso de um coração, o beijo quente de uma bocca virginal. Este outro torna ás ternuras da esposa e dos filhos. Aquelle sorri aos phantasmas do Passado; aquelle outro caminha de cabeça erguida para a visão deslumbradora que lhe estende os braços. Eu só vou tacteando, como um cego, na densa noite da minha Desesperança. Toda esta luz vernal, toda esta palpitância de vida, só serve para fazer mais escuro e tragico o abysmo de minh'alma, onde soluça a tristeza do Irreparavel.

E eu amo a vida, amo-a raivosamente, amo-a como se ama o Inattingivel. Adivinho, com o desespero dilacerante da impotencia, todas as volupias que ella pôde dar, todas as delicias que ella reserva para os Eleitos. Amo-a como se ama a mulher que nos esmaga com o seu desprezo. Amo-a com um amor infinito mesclado de ciumes exulcerantes, de coleras hediondas, de odios terriveis. Amo-a com a loucura de um amor de velho! — E hoje ella passou por mim, mais que nunca aromal e radiosa, no seu plaustro de luz. Passou distribuindo sorrisos e beijos. E' por isso que estou acabrunhado...

Feroz ironia a da natureza, que nos faz adorar a Vida, quando, jugulados pelo Destino, só nos resta a esperança da Morte! Se eu já tivesse vivido um pouco..."

Essa pagina íntima, tão admirável pela sinceridade dos sentimentos que a ditaram, faz lembrar o soneto em que o grande lyrico italiano Lorenzo Stecchetti amaldiçoa a Primavera:

Primavera che tu sia maledetta!

Semelhante estado de alma deve ter inspirado a Stéphane Mallarmé os versos dolorosos de um dos seus mais impressionantes poemas: — *L'Azur*:

*De l'éternel Azur la serene ironie
Accable, belle indolemment comme les fleurs,
Le poete impuissant qui maudit son génie
A travers un désert stérile de Douleurs.*

.....
*En vain! l'Azur triomphe, et je l'entend qui chante
Dans les cloches. Mon ame, il se fait voir pour plus
Nous faire peur avec sa victoire méchante,
Et du métal vivant sort en bleus angélus!*

*Il roule par la brume, ancien et traverse
Ta native agonie ainsi qu'un glaive sur;
Ou fuir dans la révolte inutile et perverse?
Je suis hanté. L'Azur! l'Azur! l'Azur! l'Azur!*

Do seu fino espirito de observador curioso e inteligente, Ricardo nos deixou provas nas cartas que escreveu da Italia, uma das quaes, d'entre as mais interessantes, foi publicada em o numero de Janeiro do anno passado da "Revista do Brasil". Nessa descreveu elle as suas impressões de Napoles: a miseria dos seus mendigos verdadeiros e falsos; a immundicie abjecta das suas viellas e dos seus beccos lamacentos; scenas e typos de ruas, estrumeiras onde, de quando em quando, se descobre uma flor: — "uma carinha angelica chama-nos a attenção, uns olhos negros e pensativos, um porte airoso e flexivel. ou encanta-nos o ouvido uma vozinha fresca e maguada, que rouxinoleia da janella de um quarto andar o estribilho melancolico de uma canção..."

Em outras cartas, contava-nos a sua admiração deante das obras primas da pintura e da architectura italianas, nas suas visitas demoradas aos velhos templos, ao Museu de S. Martino, ao Museu Nacional, á galeria dos "Uffizi", ás ruinas de Pompeia...

Espirito enamorado da Belleza, entretanto, por vezes, aborrecia-se, com incomprehensivel facilidade, mesmo das cousas mais sedutoras e attrahentes. Refugia então para os campos, onde a sua alma contem-

plativa saciava a torturante sede de solidão, que o devorava. Da carta em que falava de uma d'essas suas visitas, a uma velha abbadia, nos arredores de Florença, consegui salvar, piedosamente, os fragmentos que em seguida transcrevo:

...“era toda uma palpação de estrellas.

Entre as arvores passava um languido sussurro, um bisbilho dolente, como se se beijassem as frondes. Enchia toda a gruta um aroma de carne moça e virgem, um perfume de tranças:

Pouco a pouco a sua energia se entibiava. Baralhavam-se-lhe no cerebro as palavras da oração, latejavam-lhe as veias, uma onda quente subia-lhe á garganta, e o eremita desvairado, vencido, estendia os braços tremulos para estreitar um corpo, avançava os lábios sequiosos para colher um beijo.

A caveira ria a seus pés. E elle rolava pesadamente sobre ella, vasquejante, babujando a terra, lacerando as mãos nas asperezas da rocha. Depois, com os annos, o sangue frio foi-se-lhe arrefecendo a pouco a pouco.

Inundou-lhe a alma uma grande melancolia cheia de paz e de doçura.

Um dia, debruçado a beber numa fonte, descobre que já cabellos brancos lhe nimbavam a physionomia espiritualisada pela dor.

Deixa então o aspero retiro das brenhas — seguro da sua victoria sobre o rebelde — e vem fundar uma ordem religiosa.

Os primeiros monges erigiram uma parte do mosteiro; seus successores ampliaram a construcção.

Durante seculos nesse ermo selvagem só o velho casarão existiu, apoiado ao sopé da montanha, perdido entre as escuras florestas de abeto e pinheiros.

Em torno a solidão era absoluta.

Bastas vezes, sem que os monges talvez o soubessem, Florença inda mais vermelho fizera o lyrio do seu emblema com o sangue das luctas civis.

Um dia um exercito de Guelfos desfilára pela raiz da serra a combater os Ghibellinos”....

...“Vallombrosa transformou-se numa estação de villegiatura.

Ainda assim conserva em parte seu encanto maravilhoso, principalmente agora no inverno que os hoteis estão quasi todos fechados e os *touristes* a não visitam.

O sitio é bello, de uma belleza selvagem e merencorea, comquanto seus bosques não tenham a pompa magnifica das nossas mattas brasileiras. Falta-lhes a variedade infinita da flóra, a trama das lianas e dos cipós que se enroscam amorosamente aos troncos, as grandes frondes múrmuras que filtram mysteriosamente a luz, as moitas cheirosas resoantes de ruflos d'azas e de gorgeios, as verdes clareiras banhadas de sol.

Todavia para os melancolicos a rude solidão tem um encanto profundo.

A' noite o vento, que galopa ás soltas pelo valle, desarraigando os pinheiros, vem gemer nos telhados.

A velha abbadia, coberta de neve, dorme silenciosa e soturna. A lua derrama a sua claridade tristonha sobre as montanhas. Uiva um cão lugubremente no silencio nocturno. E eu, deante da janella, com os olhos abysmados no ceu, enredo-me na trama do devaneio sem fim. Pouco a pouco, de dentro do meu sonho, começo a ouvir um dobre lamentoso de sinos, um maguado queixume que repercute pelos cerros.

Baixo então os olhos, e lá me parece vel-os, aos monges d'antanho, que sóbem para o mosteiro adormecido, vagarosos e solennes, amortalhados nos seus buréis escuros...”

Muito propositadamente, trasladei para estas paginas de saudades os fragmentos de cartas e notas de viagem, que deixámos atrás. Da sua simples leitura, quem não houvesse, acaso, conhecido Ricardo, concluiria, logo, que este meu desventurado amigo, necessariamente, devia ter sido uma doce, uma bella, uma rara e grande alma de poeta. E não se enganaria.

A poesia de Ricardo... Poetas — é costume dizer-se — só por poetas entendidos; porém, da poesia de Ricardo, ninguém soube ainda comprehender melhor a belleza, nem percorreu a seu respeito com mais felicidade e mais verdade, do que Monteiro Lobato, um prosador, de prósa vária e scintillante, é certo, mas que nunca teve grande geito para o verso, e creio que só uma vez o tentou... desastradamente: num soneto, em que obrigou o maestro Henrique Oswald a rimar com o teclado de um piano, e, o que é peor — piano de roça.

A qualquer trabalho de exegése, por mais brilhante que seja, sobre a poesia de Ricardo, preferireis sempre as notas ligeiras, mas sinceras, mas justas, publicadas por Lobato na "Revista do Brasil," em o numero de Novembro de 1916. A bem da verdade, devo fazer uma restricção apenas: não concordo em que Hugo e Rostand deixem de ser, um dia, para o coração dos somens d'amanhã, os mesmos extraordinarios poetas, que são hoje, em nossos dias. Estou, porém, de pleno accordo em que a poesia não é rhetorica, nem eloquencia: — "E' dôr. E' dôr estylisada, dôr, de amor, dôr de saudades, dôr de esperanças, dôr de illusões murchas, dôr os anseios vagos, dôr da impotencia e do inexprimivel."

E de Ricardo bem se pudéra dizer que foi — o poeta da Dôr. Porque elle foi, em verdade, esse "eterno soar de cordas", para me servir ainda das expressões de Lobato: nasceu poeta, foi poeta "em menino, em moço, como homem, como amigo, como enamorado e como amante, foi poeta de todas as horas e de todas as estações. E como poeta morreu, pois morreu como o stradivarius a que a subitanea mutação de tempo estala as cordas tensas, e silencia para sempre."

Mas, si algum titulo se lhe deve dar, ao mallogrado poeta paulista, será preferivel se lhe dê o de poeta da Bondade. Bondade tambem diz Dôr, porque, as mais das vezes, nada mais é do que o sentimento, dentro de nós mesmos, da desventura alheia, como si fosse a nossa propria. E nesse sentimento consistiu toda a vida de Ricardo.

Bondade, simplicidade, modestia, melancolia — estas foram as cordas que mais soaram na sua lyra delicada e branda. A ultima d'essas cordas, accrescentou-lh'a elle, ao seu instrumento, quando, já moço, deixára a paz bucolica dos campos e das mattas, a vida rude e simples das fazendas, a boa e ingenua companhia da gente humilde da roça, para entrar no Jardim das Oliveiras, que é a grande vida de luctas das capitaes, em cujas insidiosas alamedas, ao cahir das sombras, entre lobo e cão, se atravessam tredas serpentes e sinistros monstros...

A sua modestia era como que o instincto de defesa contra taes perigos, que elle presentira e temia desde a entrada na adolescencia. E isto se revela, de modo impressionante, em duas estrophes inacabadas, cujo original possúo, as quaes, pelas incorrecções da metrica e da expressão das idéas, denotam, inilludivelmente, ser dos primeiros versos escriptos pelo poeta:

*As vãs agitações, o insano movimento,
Luctas, gloria, o esplendor, que fascina e seduz,
Eu não troco por este claro firmamento
Cheio de tanta luz.*

*Corra-me a vida assim, ignorada e modesta:
Irei cumprindo, sem revoltas, meu destino,
Como um arroio crystallino
Na paz de uma floresta.*

O seu gesto da simplicidade, o seu amor á natureza, á vida e á gente da roça, está fartamente documentado nas poesias da sua primeira mocidade — lindos chromos, á maneira de B. Lopes, taes como: *Chromo, Nha Caróla, Meio-dia, O rancho, A dansa dos tangarás...*

Das ultimas produções d'esse primeiro periodo, parece, fazem parte: *Zé da Ponte* — adoravel soneto humoristico, em que Ricardo adoravelmente pinta uma interessante scena e um typo original da roça, — e *Fazenda velha* — os quaes, a meu ver, são melhores, os mais felizes, os mais originaes de todos os trabalhos d'esse poeta genuinamente brasileiro.

E, pois que falamos no seu *brasilismo*, peço permissão a Monteiro Lobato, para, ainda uma vez, trasladar para este meu pobre escripto, mais um trecho do seu artigo a que já me referi, o qual traduz com a maior exactidão e belleza, o sentimento nativista do nosso pranteado irmão:

“Erra em seus versos o aroma dos nossos campos, o halito da terra, o bafio das velhas fazendas; sentem-se nelles o sabor das fructas do matto, o esvoaçar d'avesinhas só nossas, o rumorejo de capoeiras nossas conhecidas. Se apparece uma arvore conheceis-la de prompto, é a gissara esguia perdida numa tiguera, é a perobeira secca, escalavrada pelo fogo das queimas, é a piuva que Setembro afrouxela de flores côr de canario. Entra em scena uma avesinha? Não é o rouxinol nem o pardal importado. Escutai-lhe o trilo: é a patativa humilde; vede como dança: é o tangará. Evola dum verso um aroma? Recordai: é o cheiro do gravatá em fructo. Quebra o silencio um rumor distante: é o rechinar do carro de boi, é a tropa que trota pela estrada. Longe, um personagem: é o Zé da Ponte. E' a terra enfim, é o homem, é o céu, é o rio, é a matta, como nós os temos, incontaminados do pechisbeque francez como desinfluidos da bella falsificação alencarina.”

O seu grande amor á Natureza inspirou a Ricardo a idéa nobremente patriotica de escrever um livro de “versos para creanças, versos

sertanejos, roceiros, que lhes despertem o gosto pela vida rural", conforme elle proprio annunciava em carta a um amigo. A esse livro em preparação, pertenciam duas das mais admiraveis poesias de sua lavra: — *A arvore* e *O rio*. Basta o mallogro d'essa grande idéa, para se avaliar a enormidade do desastre irreparavel, que foi a morte do seu desventurado autor.

Manhãs de outróra, De manhã — são outros bellos cantos de amor á vida calma e feliz, que o poeta viveu, pelas fazendas e pelas cidadesinhas tranquillias do interior.

Uma véla que passa... é uma suavissima reminiscencia do seu viver de alegre namorado, á beira-mar, em Conceição de Itanhaen, talvez, talvez em Guarujá, talvez em Ubatuba, em Caraguatatuba... por onde andou a peregrinar sonhando, amando — e soffrendo. E' provavel que tenha sido escripta por esse mesmo tempo, talvez num d'esses mesmos logares, aquella outra poesia, em que Ricardo descreve, em commovedores versos, a vida de aventuras e de luctas e de dores, dos *Navegantes* cujas tres ultimas estrophes encerram tão tristes presentimentos, do tragico desmoronar de todos os seus sonhos de gloria e de amor.

O seu amor e a sua gloria... O amor, só o comprehendia Ricardo como a realisação definitiva da suprema perfeição moral. No seu conceito, — "sem uma cega confiança e um inteiro abandono, o amor é uma curta nevrose, tecida de sobresaltos e de angustias." Da delicadeza dos seus sentimentos poeticos a respeito do amor de namorado e amante, são formosos testemunhos um lindissimo soneto, que fez época, em S. Paulo, — *Mimo de caçador*, e a primorosa traducção dos versos de Jean Richépin — *Fremitos de amor*.

O seu amor de pae, que em ninguem no mundo foi mais exaltado e mais extremado do que nelle, attestam-no o delicadissimo soneto *A Gégé* e as redondilhas que, carinhosamente, dedicou a um filhinho de seu amigo Roberto Moreira.

Ninguem, em summa, soube comprehender o amor melhor do que Ricardo, ninguem o praticou com maior pureza, ninguem lhe foi mais fiel, nem mais leal, e, entretanto — como punge e como revolta registal-o! — a ninguem o Amor fez soffrer mais do que a esse pobre amigo! E um dos motivos que mais enterneceram, até as lagrimas, os seu amigos, no dia do seu enterro, foi a descoberta, entre as cartas que deixára, de um pedacinho de papel, em que se liam estes dolorosos versos, da "Ultima confidencia", de *Rosa, rosa de amor...* de Vicente de Carvalho:

*Só conheci do amor, que imaginei tão lindo,
O mal que elle me fez.*

Pobre amigo! Morreu de amor, morreu de poesia, quando já a Gloria o havia beijado, consagrando-o um dos mais perfeitos, um dos mais extraordinarios traductores do verso francez, que elle vertia para o nosso

idioma com o talento e a pericia de um grande poeta consummado, de um verdadeiro mestre da rima, pois o seu trabalho não ficava em nada inferior ao dos autores originaes.

Não sou eu, não somos nós, os seus amigos, que o affirmamos: são as suas proprias produções, que hão de ficar impereciveis, na historia da poesia nacional, como sejam — a versão dos trechos de *Cyrano de Bergerac*, de Rostand; “Regarde-moi, mon cher, et dis quelle espérance...”, da scena quinta do primeiro acto, e este outro — “Et que faudrait-il faire? — Chercher un protecteur puissant, prendre un patron...”, da scena setima do segundo acto; a versão d’*Os elephantes*, de Leconte de Lisle, a qual Oscar Lopes considera equivalente ao original; e, ainda de Leconte de Lisle, aquella outra admiravel traducção — *Sonhos mortos*, cujo final, a exemplo de outras poesias de Ricardo, como já vimos, era o sinistro presagio do seu proximo fim fatal:

*Meu coração é como esse mar, que tranquillo,
Beija as praias agora em doce murmurillo.*

*Tambem chorou, rugiu como elle... Sem descanso,
Contra as rochas lançou-se em tremendos embates,
Todo um dia cruel de insania e de combates.*

*Vês? Agora reflue apaziguado e manso,
Sem desejo ou temor de nova tempestade:*

*A’ caricia do sol, a voz mal se lhe escuta...
Mas o genio, a esperança, a força, a mocidade,
Eil-os mortos, na espuma e no sangue da luta!*

Santos, 11 — Outubro — 1918.

HEITOR DE MORAES.

ALGUMAS POESIAS

DE RICARDO GONÇALVES

CHROMO

*A casa onde móra aquella
Menina cór de assucena
E' uma casinha pequena —
Casa de porta e janella.*

*Tão pequenina e singella!
Ao vel-a, a idéa me acena
De quebrar o bico á penna
E fazer uma aguarella.*

*Pintar a casa, a collina...
Mas, sobretudo, a menina,
O ar descuidado e feliz,*

*Dando relevo á pintura,
Numa ridente moldura
De cravos e bogaris.*

NHÁ CARÓLA

*Arrepanhando o vestido
De chita azul, Nha Caróla
Põe fubá na caçarola,
Para o almoço do marido.*

*Rósna o "Despique" estendido
A' porta da casinhola.
Gritam gallinhas de Angola
No terreiro bem varrido.*

*Emquanto chia a panella,
A moça vae á janella,
A ver se o marido vem...*

*Mas entra logo, zangada,
Porque, na volta da estrada,
Não apparece ninguem.*

MEIO DIA

*Preso á cintura o vestido,
Mostrando a perna trigueira,
Junto de um ipê florido,
Bate roupa a lavadeira.*

*Sol de brasa. Ouve-se o ruído
Cantante da corredeira;
Vozes ao longe... um latido...
O baque de uma porteira.*

*Subito, em côro, as gallinhas
Cacarejam, nas vizinhas
Moitas de macega em baixo.*

*E ouve-se o guincho estridente
Que no ar socegado e quente
Sólta um gavião de pennacho.*

O RANCHO

*No trecho em que a estrada vira,
Junto ao matto que farfalha,
Existe um rancho de palha,
Tosca habitação caipira.*

*Dentro as panellas, a réde
De dous ganchos pendurada,
Uma espingarda tauriada
E santos pela parede.*

*Ao fundo a macega esconde
Um ribeirão de aguas claras,
Onde bebem veados e onde
Ha lontras e capivaras.*

*E' noite. O fogo flammeja
No rancho, espancando a treva,
E o caboclo a voz eleva
Numa trova sertaneja.*

*E de uma cidade já morta
Aspira todo o perfume,
Sentado perto da porta,
Olhando as chispas do lume.*

1905.

A DANSA DOS TANGARÁS

*Na matta aromal que é um templo,
Cheio de sombra e de paz,
Horas perdidas contemplo,
Sobre um relvoso tapete,
Esse engraçado minuette
Que dansam os tangarás.*

*Canta um sabiá na espessura
A merencoria canção.
Límpo de nuvens, fulgura,
Entre o rendilhado crivo
Das arvores, o festivo
Azul de um céu de verão.*

*E, sob um tecto odorante,
Se aduna o bando jovial:
Tem um topéte o marcante;
O correjo somnolento
Murmura o acompanhamento,
Com trinclidos de crystal.*

*Na matta umbrosa, que é um templo,
Cheio de aroma e de paz,
Horas perdidas contemplo,
Sobre o tapete da relva,
A maravilha da selva:
A dansa dos tangarás.*

ZÉ DA PONTE

*Em suave transparencia côr de opala
Esmalia a tardesinha; o sol descumba,
E o Zé da Ponte enfia-se num pala,
Monta a cavallo e toca para o samba*

*Toca depressa, mas um lôro estala,
Foge-lhe o pé direito da caçamba,
E o selim tendo a silha um pouco bamba
Pelas ancas precipite resvala.*

*E o Zé da Ponte, cabra destorcido,
Pião cotuba, segundo a voz do poro
Para longe da sella foi cuspidido.*

*"Dianho de sorte má!" caiu sem fala,
Perdeu a pagodeira e o chapéo novo,
Naquella tardesinha côr de opala.*

FAZENDA VELHA

*Neste retiro os longos dias passo,
Sem alegrias e sem dissabores,
Vendo as aves cruzarem-se no espaço.
E as paineiras vestirem-se de flores.*

*Habito, solitario, uma vicenda,
De amplos salões, fantastica e sombria;
Em redor, as senzalas da fazenda;
Ao fundo, o vulto azul da serraania.*

*A' orla do mato virgem mysterioso,
No silencio das tardes pensativas,
Gemem as jurutis de volta ao pouso
E trillam, docemente, as patativas.*

*E eu vejo, desbruçando-me ás janellas,
Sobre a monotonia das capoeiras,
Altos ipês de frondes amarellas
E adustas, retorcidas perobeiras.*

*Depois, no céu de opala se encastôa
A lua merencorea... E pelos campos.*

*Por sobre as aguas mortas da lagôa,
Tremeluzem, bailando, os pyrilampos.*

*Ha sussurros estranhos pela brenha.
Fóra, a noite estival fulge, tão clara
Que, como em prata fôsea, se desenha
No pincaro de um monte uma gissára.*

*E eu entro. Atiço o lume de gravetos.
E ouvindo, ao longe, pávidos rumores,
Evóco o samba tragico dos pretos,
Num rufo de atabaques e tambores.*

Á ARVORE

(Para as creanças das escolas).

*Salto do leito e vem cá fóra,
Vem ver esta arvore, sonora
De murmurinhos e canções,
O sol nascente a afaga e beija,
E as suas frondes purpureja
Com seus vivissimos clarões.*

*Anda-lhe em torno, alacre, um vivo
Zumbir de insectos; pelo crivo
Das folhas verdes fulge o sol;
E entre cortinas viridentes,
Zinem cigarras estridentes,
Tecem aranhas o aranhol.*

*Depois a pino, o sol escalda,
E a sua copa de esmeralda
E' como um pallio protector,
A cuja sombra, ampla e divina,
Cantam as aves, em surdina
Cantos dulcissimos de amor.*

*Ama-a! — toda a arvore é sagrada—
Ama esta esplendida morada
De abelhas de oiro e aves gentis!
Busca entender tanta poesia,
E faze côro á symphonia
Da natureza, que a bendiz!*

*Ama-a, na gloria matutina,
Entre os vapores da neblina,
Que toda a envolvem, como véus,
Cheia dos prantos da alvorada,
Ou melancolica, estampada
No oiro e na purpura dos céus...*

*E reza então: "Bem dita sejam
Por tuas frondes bemfazejas,
Pelos teus canticos triumphaes!
Por tuas flores e perfumes,
Pelos teus passaros implumes,
Por tuas sombras maternas!"*

1913

O RIO

*Rio sonoro que as planicies banha
E enche de rumorejos a floresta —
Foi seu berço uma rocha na montanha,
Teve uma origem simples e modesta.*

*Era, em começo, um timido regato
De meiga voz e de agua crystalina:
Desalterava os passaros no matto,
Beijava o caule ás flores na campina.*

*As andorinhas leves e graciosas
Molhavam na corrente as azas pretas
E roçavam por elle, buliçosas,
Numa doce caricia, as borboletas.*

*Vez em vez, uma inquieta saracura,
Sahindo, cautelosa, do brejal,
Da sua face luminosa e pura
Mirava-se no limpido crystal.*

*Assim cresceu, e agora, sem descanso,
Rega os campos, fecunda as plantações.
E ora coleia, preguiçoso e manso,
Ora estronda em profundos boqueirões.*

*E rubro, quando o sol tinge o horizonte,
Alvo do plenilunio á luz tranquilla,
Marulha sobre os arcos de uma ponte,
Reflecte as casas brancas de uma villa.*

*Leva a abundancia ao lar dos pescadores,
Move engenhos, carrega embarcações
E deslisa, entre bençãos e louvores,
Através de cidades e sertões.*

1913.

MANHÃS DE OUTR'ORA

*Antes que o sol, rompendo o céu, mais quente,
Da nevoa escassa desfizesse a trama,
Eu me quedava preguiçosamente,
Sob os lençóis, na tepidez da cama.*

*Invadiam-me o quarto pelas frestas
A doce luz pulverisada e loura,
O matinal sussurro das florestas,
O bulício das terras de lavoura.*

*Gritos de appello em prolongado entono,
Carros de bois rinchando nos caminhos,
A cantiga singella de um colono,
A vozeria estridula dos ninhos...*

*Ladrar de cães e vozes abafadas,
Coinchos, berros, balidos, cacarejos,
E, acompanhando o rithmo das enxadadas,
Uma triste canção de sertanejos...*

*Depois, o sol limpava os céus nevoentos,
E então, fugindo á ardencia de seus raios,
Passavam para a serra, barulhentos,
Taralhando febris, os papagaios.*

*E eu pensava nas fórmulas tão perfeitas
Daquella esquiva moça veneziana,
Que vira na labuta das colheitas,
E namorava ha mais de uma semana.*

*Colona, parecia uma princeza!
A sua voz se debulhava em rimas.
Maravilha de Graça e de Belleza,
Extraordinaria flor de longes climas!*

*Nunca achei mais formosa namorada!
Quem poderia ter o encanto della,
Quando esbelta fugia, arrebatada
Na vertigem veloz da tarantella?*

*E punha-me a sonhar: Ventura a minha,
Se por acaso um dia lhe beijasse
O til vermelho vivo da boquinha,
A setinosa purpura da face!*

*Mas batiam á porta: — "O sol vae alto!
Accorda, preguiçoso!" E á voz amiga,
Eu, resolutto, erguia-me d'um salto
Gorgeiando alegremente uma cantiga.*

DE MANHÃ

A Godofredo Rangel.

*Atiro para os hombros um capote,
Monto a cavallo e sigo estrada afóra;
Ri-se, corando meigamente, a aurora,
Entre nuvens de fogo e chamalote.*

*Anda por tudo um phrenesi de festa;
Scindindo a bruma leve dos espaços,
Vão-se trefegos bandos de sanhaços
Para o "Te Deum laudamus" da floresta.*

*Descem as caipirinhas para a fonte,
Vão-se para a capina os camaradas,
E ha cantigas de amor, doces toadas,
Num cafezal que sóbe pelo monte.*

*Penetro numa rustica vereda,
Junto ás limpidas aguas d'um regato —
Trémula fita rútila de seda,
Que vae torcicollando pelo matto.*

*O céu azul parece de velludo.
A relva é como rútila amethysta,
E o rio, a ponte, as perobeiras, tudo...
— Que pábulo divino para a vista!*

*Encôntro um caçador, junto ao caminho,
Negaceando os "nambús": má catadura,
A tiracollo a bolsa e o polvarinho,
Chapéu de palha e faca na cintura.*

*Agora é uma paineira resoante
Da garrulice matinal dos ninhos,
Em cuja fronde enorme e vicejante,
Ha flores, borboletas, passarinhos.*

*Aqui, por uma aberta da espessura,
Vejo dos tangerás a alegre dança;
Uma orchidea d'um tronco se pendura,
Um picapão num galho se balança.*

*Depois de uma porteira é um descampado;
Sobe aos ares o fumo de uma choça;
Passa um homem por mim: vae para a roça,
Pés descalços, camisa de riscado.*

*Caminho mais. O sol abre a pupilla
No alto dos céus, e já bem perto avulta,
Entre paineiras altas semi-occulta,
A torre branca da matriz da villa.*

*Vêm para a missa grupos campezinos;
Rincha um carro moroso pela estrada,
Emquanto vibra na manhã doirada
O festival repinicar dos sinos.*

UMA VELA QUE PASSA...

*Longe, um barco de pesca á viração desfralda
A vela, e singra ao sol, que rompe a escassa bruma,
Rumo desses ilhéus, que o marão engrinalda
Com seus flocos de espuma.*

*Garbosamente, a vela enfunada, palpita
No horizonte lilás, como um passaro exul;
Depois, se afasta e é uma aza branca na infinita
Curva do mar azul.*

*Primeiro amor, sonho formoso de criança,
Cheio de luz, cheio de unção, cheio de graça,
Tu és, na curva azul de um mar todo bonança,
Uma vela que passa...*

NAVEGANTES

*Ha homens, doce amada que me escutas,
Que se vão para longe dos seus lares;
Através de tormentas e de luctas,
Através de florestas e de mares!*

*Partem-se elles em busca de riquezas,
Embarcados em frageis caravellas,
Sem temerem do mar as incertezas,
Sem temerem a furia das procellas.*

*Uns levam dentro da alma angustiada,
Em que soluça o adeus da despedida,
A lembrança da noiva idolatrada,
A saudade da esposa estremecida.*

*Um, que riquezas e thesouros sonha,
Mesmo através do sonho que o domina,
A paisagem natal, bella e risonha,
Leva constantemente na retina.*

*Outros, sem que uma lagrima saudosa
Lhes humideça a face endurecida,
Deixam por uma vida aventureira
Uma tranquilla e venturosa vida.*

*E todos têm de rutilas chimeras
A alma povoada, e aguas em fóra
Vão-se as veleiras naus, vão-se as galeras,
Para um desconhecido que apavora.*

*Mares innavegados e bravios,
A inclemencia dos ventos e das vagas,
A principio... depois climas doentios
E perniciosos de longinquas plagas.*

*Fome e sede, calores suffocantes,
Emanações de brejos, deleterias,
E, a seguir-lhes os passos vacillantes,
Um cortejo de dores e miserias.*

*E vão-se... E um vento fresco de bonança
Tral-os de volta, um dia, á verde enseada.
A' verde enseada conhecida e mansa,
De onde partiu a frota empavezada.*

*E os loucos Argonautas atrevidos,
Que se foram em busca de um thesouro,
Voltam desanimados e vencidos,
A alma vazia, as mãos vazias de ouro.*

*Eu tambem fiz-me ao largo, assim como elles,
Na minha escuna, pelo mar da vida...
Volto. Mas, onde os sonhos, onde aquelles
Extraordinarios sonhos da partida?*

*Onde as montanhas de ouro refulgente?
Os bosques de coral e de saphira?
Essas regiões ideadas pela mente
Do poeta sonhador, que tudo aspira,*

*Volto, exanime e triste, á verde enseada,
A' abra feliz de onde parti creança,
E trago á minha nau desarvorada,
Sem a flammula verde da esperança.*

MIMO DE CAÇADOR

*A' hora em que a treva aos poucos se adelgaça,
Naquelle dia, de manhã, bem cedo,
Buscando as fortes emoções da caça,
Rumo da céva, entrei pelo arvored.*

*E, antes que o sol rompesse a bruma escassa,
Fui pôr-me de tocaia, ancioso e quedo,
Alli onde o correjo ondulando passa,
Entre o massambará, quasi em segredo...*

*Em breve um ruflo... um galho que estalida...
Um tiro... e após, de uma arvore visinha,
Cae nas folhas um passaro sem vida.*

*E é assim que agora posso dar-te, ufano,
Mimo de caçador, senhora minha!
Este vermelho papo de tucano.*

FREMITO DE AMOR

(Jean Richepin)

*Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.
Traz-me a brisa, entontecedor,
Um bafejo aromal de jasmims e de rosas.
Plangem de manso, no ar, musicas mysteriosas,
Cheias de um cálido langor.
Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.
E ai! é tão longe a terra, as praias tão distantes!...
Adeus, adeus, lindas amantes,
Trança em que me preendi, laço cheiroso e brando,
Bocca de onde arranquei meu coração sangrando!
Tão longe! Adeus, carnes em flor!
Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.
A estas recordações, meu sangue moço estúa.
Aromas, compaixão! Desapparece, ó lua!
Ventre alvo, seios nús, sustae vossa vingança!
Adeus, ó bocca! adeus, ó trança!
Adeus, adeus, carnes em flor!
Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor!*

A GEGÊ

*Ouve essa voz de mystica doçura,
A doce voz do sonho em que te agitas;
Beija a legião de loiras cabecitas
Que te circumda a face branca e pura.*

*Sorri, longe da humana desventura!
O berço azul-celeste em que dormitas
— Esse ninho de rendas e de fitas —
E' o paraíso, oh! fragil creatura!*

*Dorme! Não chega ao berço em que adormeces
O echo da nossa vida, entrecortada
De grandes maguas e paixões reféces!*

*Assim, dorme feliz, longe dos gritos,
Longe dos ais que solta na jornada
A caravana immensa dos afflictos!*

(1904)

AO R. M.

(Para o teu filhinho)

*Eu sei de certos senhores
Que desdenham, serios, graves,
O doce aroma das flores
E o terno canto das aves.*

*Rudes, a alma empedernida,
Não sei de emoção que os vença.
Desconhecem — dôr immensa! —
O que ha de melhor na vida.*

*Não sabem que às vezes cura
Desalentos, desenganos,
A buliçosa ternura
De um cherubim de dois annos;*

*Nem quanta meiguice espelha
O doce riso innocente
De uma boquinha vermelha,
Que espera o primeiro dente.*

OS ELEPHANTES

(Leconte de Lisle)

*O arcial infinito é como rubro oceano,
Mar que flammeja mudo em seu leito agachado.
Ondula immoto o céu cor de cobre, do lado
Do horizonte em que habita o formigueiro humano.*

*Nem vida, nem rumor. O leão farto descança
No antro afastado, em meio aos mattagaes infindos.
Vai beber a girafa esguia á fonte mansa
Que a panthera conhece, ao pé dos tamarindos.*

*Dorme tudo. Siquier um passaro no ar quente,
No ar em que gyra um sol de fogo, um sol em chamma.
A's vezes, com volupia, adormida serpente
Faz ondular morosa a rutilante escama.*

*O ar inflammado queima. O calor é mais denso.
E bambolecando a massa, intrepidos viajantes,
Rumo do ermo natal, pelo deserto immenso,
Vão-se num bando escuro os tardos elephantes.*

*Vêm elles do horizonte ensanguentado e quieto.
Vêm levantando o pó que em nuvem grossa ondeia,
E, para não sahir do caminho mais recto,
Desmoronam com a pata os comoros de areia.*

*Velho chefe, talvez, é o que á frente caminha.
Rugosa como um tronco a pelle do seu dorso,
E' um rochedo a cabeça, o arco immenso da espinha
Dobra-se com violencia ao mais pequeno esforço.*

*Os passos não estuga e tambem não lerdeia,
Que os passos pelos d'elle o bando inteiro marca.
E, deixando após si fundo sulco na areia,
Seguem todos atraz do velho patriarcha.*

*Seguem, levando a tromba apertada entre os dentes,
As orelhas em leque. O ventre bate e fuma.
E o suor d'elles produz uma ligeira bruma
No ar cheio de arthuriões e de insectos ardentes.*

*Mas que importam a sêde e o calor causticante,
Que lhes importa o enxame importuno que esvoaça?
Vai o bando a pensar numa selva distante,
— Primeira habitação da primitiva raça.*

*Vai rever a floresta umbrosa o escuro bando
E a caudal em que nada o hyppopotamo enorme,
E onde, brancos de luar, iam beber, quebrando
Os juncos marginaes com a grande pata informe.*

*Lá vão... E a linha escura e phantastica ondeia.
Lá vão elles, molgando as juntas, lentamente.
Mas passam... e depois fica immovel a areia.
Passam... e depois fica o deserto sómente.*

SONHOS MORTOS

(Leconte de Lisle)

*Olha, amigo: este mar, que ora assim tão manso,
Bateu, como um ariete, um dia, sem descanso,
Os promontorios; foi aos saltos em cachões,
Escalando, subindo as rochas e sobre ellas
Estendeu, a bramir, no fragor das procellas,
O espumoso lençol dos negros vagalhões.*

*Agora o encrespa a fresca brisa matutina,
A belleza do sol as aguas illumina,
E, longe, em direcção d'esse horizonte infindo,
Onde passam, nadando, embarcações remotas,
Vai-se da costa azul, o páramo scindindo
Em tremula revoada, um bando de gaivotas.*

*Ali boiam, porem, contornando os ilhéos,
Destroços de naufragios; e esses que os escarcéos
Assassinaram vão, sob as ondas pesadas,
Lividos, a sangrar, de costas ou de bruços,
A bocca aberta transbordante de soluços,
Olhos vitreos olhando as aguas socegadas.*

*Meu coração é como esse mar que, tranquillo,
Beija as praias agora em doce murmurillo.*

*Tambem chorou, rugiu como elle... Sem descanso,
Contra as rochas lançou-se em tremendos embates,
Todo um dia cruel de insania e de combates.
Vês? Agora reflúe apaziguado e manso;
Sem desejo ou temor de nova tempestade.
A' caricia do sol a voz mal se lhe escuta,
Mas o genio, a esperanza, a força, a mocidade
Eil-os mortos na espuma e no sangue da luta.*

O PLAGIO

— Você sahe, Nenesto, com um tempo destes?

— Não ha outro.

— Dia de S. Bartholomeu, inda mais ...

— Importa-me lá o santo!

— Está bom. Depois não se arrependa.

Isto dizia D. Eucharis ao seu marido Ernesto d'Oliveas, ao vel-o tomar o chapéu do cabide. Ernesto sahiu.

Fóra remoinhava o vento, annunciando tempestade imminente.

Por castigo, nem bem caminhára o teimoso duzentos passos, desaba repentino aguaceiro. Tão repentino que mal lhe deu tempo de barafustar por um "sebo" a dentro, no instante preciso em que o belchior cerrava a ultima folha de porta. Mesmo assim resfriou-se e foi com tres espirros que retribuiu á saudação do homem.

— Atchim!...

— Viva!

— Atchim!...

— Viva!

—Atchim... Brrr! P'ra burro! Espirro p'ra burro! C'est le diable.

(Seculo trinta! Se por acaso um exemplar deste conto chegar ao conhecimento dos teus fariscadores de antigualhas, não se assombre elle com a expressão curralina do meu Ernesto. Nem quebre a cabeça em interpretal-a com ajuda de philologia comparada e mais sciencias connexas.

Deixo cá a chave do enigma: semelhante expressão viveu correntia pelas immediações da Grande Guerra, com significado de abundante, excessivo ou estupendo. Nascida n'alguma cocheira, alargou-se ás ruas, e passou destas aos salões. Penetrou até na rhetorica amorosa. Romeus houve que, pintando a formosura das suas Julietas, substituiam o archaico — lindo como os amores — por este soberbo jacto de impressionismo cavallar: E' linda p'ra burro!

Não obstante, as Julietas caçavam com os masmarros, e eram felizes. Lá se entendiam...)

O belchior era francez, e Ernesto taramelava na lingua adoptiva do sr. Jacques d'Avray o necessario para embrulhar lingua com um belchior francez. Sabia differençar *femme sage* de *sage femme*, distinguia *chair* de *viande*, e alambicava a primor os *u u* gaulezes. Além disso tinha sciencia de varios idiotismos, usando amiude do *qu'est-ce que c'est que cá*; sabia de cór a historia do *Didon dit-on* além duma duzia de prosopopéas d'alto calibre forrageadas nos "Miseraveis" — o que já é bagagem glossica ponderavel n'um carrapato orçamentario com seis annos de sucção.

Taes conhecimentos mensalmente postos em jogo bastavam para espezinhar a paciencia do livreiro, a quem Ernesto em todo dois de cada mez alugava um bacamarte de Escrich matador das horas vazias da repartição.

Naquelle tarde, porém, Ernesto não queria livros e sim um tecto, razão por que falhou o sempiterno ritual do encetamento da sécca. (Esse ritual começava assim: *Qu'est-ce que vous avez de nouveau, monsieur?*)

Fóra, o vento pulverisava a chuva, em regougos sibilantes.

Tinha de esperar.

Esperou, remexendo estantes, folheando revistas, lendo a meia voz os titulos dourados. De longe em longe, tomava um volume e perguntava ao francez acurvado na escripturação de um livro de capa preta:

— *Combien, monsieur?*

E á resposta do homem repicava invariavelmente:

— *C'est très salé, c'est très salé, c'est très salé* — estribilho trauteado em surdina até que novo livro lhe empolgasse a attenção.

Empolgou-lh'a uma brochura esborcinada, a *Maravilha*, de Ernesto Souza.

— Olé! um xará! *Combien, monsieur?*

O livreiro sem lhe dar maior attenção rosnou qualquer cousa, emquanto Ernesto, absorto no manuseio do livro, ia murmurando machinalmente o *três salé*.

Leu-lhe o periodo inicial e o final, vezo antigo, adquirido no collegio, onde colleccionava n'um caderno a primeira e a ultima phrase de quanto livro lhe transitava pela carteira.

A *Maravilha* era um desses romances esquecidos que trazem o nome do autor seguido de uma comitiva de identificações á laia de passaporte á posteridade, muito em moda no tempo do Imperio.

Alfredo Maria Jacuacanga

(natural do Recife)

3.º annista da Escola de Medicina da Bahia

ou:

Doutor Cornelino Rodrigues Fontoura

Ex-lente disto, ex-director d'aquillo, ex-membro do Pedagogium,
ex-deputado provincial, ex-cavalleiro da Cruz Preta
etc., etc., etc.

Romances descabellados onde ha lagrimas como punhos, e punhaes vingativos, e virtudes premiadissimas de par com vicios archicastigados pela intervenção final e apothetica do Dedo de Deus — livros que a traça leu e rendilhou nos poucos exemplares escapos á funcção sobre todas abençoada de capear bombas de foguetes.

O periodo final rezava assim: “E um rubro fio de sangue brotou do niveo seio da donzella apunhalada, com uma vibora de coral num marmore pagão”.

Ernesto, né de Oliveira, mas d'Oliveaes por contingencias estheticas, enrubesceu de appolineo prazer. E assoou-se, prova muito sua de entusiasmo chegado a ponto de arrepio.

— Sim, senhor! Estava ali uma phrase soberba! “como vibora de coral... Magnifico! E este “marmore pagão?”

Foi ter com o Monsieur e leu-lh'a “com alma”; mas o typo, absorvido numa addição, miou o oui, oui, sem erguer sequer a cabeça.

Ernesto não comprou o livro (não era dois do mez) mas o escondeu num desvão para que ninguem lhe puzesse a vista em cima até o dia acquisitivo.

Emquanto isso, a chuva amainára.

Ernesto entreabriu a porta, espiou a rua murmurejante nas sargetas, e resolveu abalar.

— Monsieur, au revoir.

— Oui, oui, miou pela ultima vez o bruto.

Na rua endireitou para a casa ruminando que, sim senhor! era ter fogo sagrado! uma phrase d'aquellas fazia um nome, o xará tinha talento, e bem dizia Victor Hugo nos Miseraveis que o genio... é o genio!

Por todo o caminho foi redizendo-a, em mente, com cariciosa unção, remirando-a por todos os lados, sob todas as luzes. Degustou-a como um sybarita; pelo som, repetindo-a em surdina vinte vezes, pela fórma, revendo o geito com que a fixaram no papel os caracteres typographicos, pelas correlações associadas, evocando vagos hellenismos classicos que o padre mestre Jordão lhe embutira no cerebro a palmatoadas — Phrynéa, o cão de Alcebiades, as Thermopylas, o tonel de Diogenes, e outros.

Por fim, á noite, já a celebre phrase se lhe incrustara nos miolos no lugar onde costumam habitar as ideias fixas.

Chegou a repetil-a a D. Eucharis. Mas D. Eucharis, uma creatura sovada, toda virtudes conjugaes e preocupações caseiras, interrompeu-o a meio:

— E você trouxe, Nenesto, o pavio de lampião que te encomendei?

Ernesto d'Oliveaes arrepanhou a cara n'um assomo de dó ante a

chinfrinice mental da companheira. Dó, despeito e meia colera, coisa rara em sua alma de amanuense, gommosa e mansa.

— Que pavio? Que me importa o pavio? Quem fala aqui de pavio? Ora não me aborreça com historias de pavio!

E voltando-se para o canto (que a scena se passava na cama) embezerrou.

O somno dessa noite não foi bom conselheiro porque Ernesto no dia seguinte andou pela repartição mais meditativo que de costume, com os olhos parados — olhos de cabra morta que olham sem ver:

E' que uma ideia...

Não era bem uma ideia, ainda, mas cellulas vagas, destroços longamente vogantes de ideias mortas, lampejos de ideias futuras, coisas tão affins que ao cabo de tres dias se fundiam numa ideia-mãe de imperiosa vitalidade.

— Escrever um conto, uma simples "variedade", em linguagem bem caprichada, com floreados bem bonitos, arabescos de estylo..."

Dois ou tres personagens. Não gostava de muita gente. Um conde, uma condessa pallida, a cidade de tres estrellinhas, o anno de 18... Como enredo uma paixão violenta da condessa pelo pintor Gontran. Gostava muito desse nome. A scena, já se sabe, passava-se em França, que nunca achára geito em personagens nacionaes, vivendo em nosso meio, ao nosso lado. Perdiam o encanto. A narrativa vinha num crescendo até engastar aquelle final... Oh! sim!... aquelle final, porque em summa o conto viveria para justificar a exhibição daquella joia de "cellineo la'vor". E logo abaixo o seu nome por extenso, Ernesto da Cunha Olivaes.

Esse remate furtado ao xará da **Maravilha** aos poucos se foi insinuando na consciencia de Ernesto como coisa muito sua, propriedade artistica indiscutivel.

A **Maravilha**, ora!... Um miseravel caco de livro de que ninguém conhecia a existencia...

Plagio? Como plagio?! Porque plagio?! E' tão commum duas creaturas terem a mesma ideia... Coincidencia simplesmente. E além disso, quem daria pela coisa?

Ernesto era literato.

Quem não é literato em nossa boa terra?

"Fazer literatura" é a fórmula natural da calaçaria indigena.

Em outros paizes o desoccupado ou pesca, ou caça, ou joga o murro. Aqui belletrea. Rima sonetos, escorcha contos ou tece desses artiguetes inda não classificados nos manuaes de literatura onde se adjectiva sonoramente uma ideiasita de meio escropulo, sempre feminina, sem pé e raramente com cabeça, que goza a propriedade, aliás preciosa, de deixar o leitor na mesma. A grammatica soffre umas poucas marradas, os typographos ganham a

sua vida, as beldades se saboream na adjectivança e o sujeito autor lucra duas coisas: mata o tempo (que entre nós em vez de dinheiro é uma simples maçada) e faz jus a qualquer academia de letras existente ou por existir, de Sapopemba a Icó.

Ernesto não fugira á regra. Em moço, enquanto vivia ás sopas do pae á espera que cahisse do ceu um amanuensado, fundara a **Violeta**, órgão literario e recreativo, com charadas, sonetos, "variedades e mais mimos de Apollo e Minerva. Redigiu depois uma folha "critica, scientifica e litteraria" com dois tt, **O Combate**, que morreu de 6 mezes, combatendo a syntaxe até ao derradeiro transe. Compoz nesse intervalo e publicou um livro de sonetos cuja impressão deu com o pae na miseria.

Incomprehendido pelo publico que não percebeu o advento dum novo genio, Ernesto amargou como peroba miuda, deixou crescer grenha e barba, esgrouviou-se e disse cobras cascadeis do paiz, do publico, da critica, do Zé Verissimo e da cambada da Academia de Letras. Citava amiude Schopenhauer e Hartmann, mostrando tendencias para saltar dum pessimismo inoffensivo ao nihilismo russo. Foi quando o pae, farto das attitudes theatraes do filho, mettu-o numa roda de guatambú e pôl-o fóra de casa: — "Vá ganhar a vida, seu anarchista de borra!"

Ernesto, jurúru, achegou-se a um tio, influente na politica, e cavou afinal o empreguinho. No empreguinho amou, casou, e tomou a seu cargo a secção "Conselhos Uteis" do **Batalhador**. Estava nisso quando ventou, choveu, abrigou-se no sebo, pilhou a **Mara-vilha**, patinhou como Hamleto num pégo de indecisões, até que...

Ernesto em tiras de papel do governo, lançou em bello cursivo um começo bem arredondado: "Era por uma dessas noites de abril, em que o ceu recamado de estrellas lembra um manto negro com mil buraquinhos"...

.....

Na rodinha de orçamentivoros que domingueiramente beberriocavam o chá com torradas de D. Eucharis — todos afinados pela cravelha de Ernesto, victimas imbelles da incomprehensão — o conto estampado no **Lyrío** causou agradável surpresa. O João Damasceno foi o primeiro a lhe dar um abraço, num vae-e-vem de café, na rua Quinze.

— Olha, li o teu "Never more" no **Lyrío**. Esplendido! O final, então, divino! Tens miolo, meu caro! Pagas o chope?

Nesse dia Ernesto contou á esposa toda a vida do João e terminou scimativo: é um character, Eucharis, um nobilissimo character!...

O Capitão Prelidiano, chefe da sua secção, foi commedido como o convinha á eminencia do seu tamanco: Li o seu trabalho sr. Ernesto e gostei; termina com brilhantismo; continue, continue.

E o Claro Vieira? Fôra brutal, este.

— Que optimo fecho arranjaste para o teu conto! O resto está pulha, mas o final é **un morceau de roi!**

O que nessa noite D. Eucharis ouviu relativo ao character baixo, infame e vil de Claro!

Ernesto entrou-se de receios. Pareceu-lhe que o Claro estava no segredo do "encontro de ideias". Como medida de precaução deu busca aos sebos em cata de quanto exemplar da "Maravilha" empoeava por lá. Encontrou meia duzia, adquiriu-os e queimou-os com grande assombro de D. Eucharis que duvidou da integridade dos miolos maritaeas ao vel-o transfeito em Torquemada de innocentes brochuras carunchosas.

Mas nem assim soceçou.

— Quem me assegura não existirem outras, espalhadas ahi pelas bibliothecas publicas? Se ao menos eu houvesse variado a fórma, conservando embora a ideia...

Fôra audacioso, fôra, não havia duvida. Fôra tolo, pois não.

— Sou uma besta, bem m'o dizia o pae.

Ernesto arrependeu-se do plagiato, sim porque afinal de contas, vamos e venhamos, era um plagio aquillo.

A consciencia proclamava-o, reagindo contra as chicanas peitadas em provar o contrario.

E arrependia-se sobretudo por causa do "Dizem..." do **Chromo**. Constava ser o Claro o enredeiro daquellas maldades e o Claro na mofina era quatro de paus. Sabia revestir as palavras de um jossá urente de ortiga.

Fizera mal, porque, afinal de contas um plagio... é sempre um plagio.

Quando no domingo seguinte recebeu o **Chromo** tremeu ao correr os olhos pelo "Dizem..."

Mas não vinha nada e respirou.

No "Recebemos e agradecemos" havia uma referencia ao conto, muito elogiosa para o remate.

Tambem a **Dhalia** desse dia trouxe algo: "O conto do sr. F. é um desses etc. etc. O final é uma dessas phrases que chispam belleza hellenica etc."

— O final sempre o final! Estão todos apostados em me fazer perder a paciencia. Ora pistolas!

Deblaterou contra os jornalistas, contra os amigos, contra os dez exemplares do **Lyrío** em seu poder, dez arautos do seu crime. E queimou-os.

Na repartição, a um novo elogio do Damasceno, Ernesto rompeu, desabridamente.

— Ora não me seja besta!

Damasceno bocquiabriu-se.

O pobre autor via nas palavras mais innocentes allusões ironicas, directas, claras, brutaes. N'um simples "bom dia" enxergava risinhos de mofa. O proprio Capitão Prelidiano, cavalgadura honestissima, incapaz d'uma ironia, affigurava-se-lhe o chefe da malta.

Conspiravam contra elle, não havia duvida.

Poz-se em guarda. Fugiu dos amigos. Deu cabo do mate dominigueiro. Não podia sequer ouvir falar em literatura, o assumpto dilecto de tantos annos.

D. Eucharis, pensabunda, matutava:

— Serão lombrigas?

E deu-lhe Chenopodio, ás occultas.

*
* *

— E afinal?!

— Afinal?... E' o diabo ser a vida tão pouco romantica como é! Os casos mais interessantes descambam a meio para o mais reles prosaismo. Este do Ernesto d'Oliveas, por exemplo. Merecia um fim tragico, duello ou quebramento de cara. Quando nada uma remoção-sinha a pedido.

Mas seria mentir. Nem toda a gente encontra como elle um remate de estrondo á mão.

E' o caso deste caso.

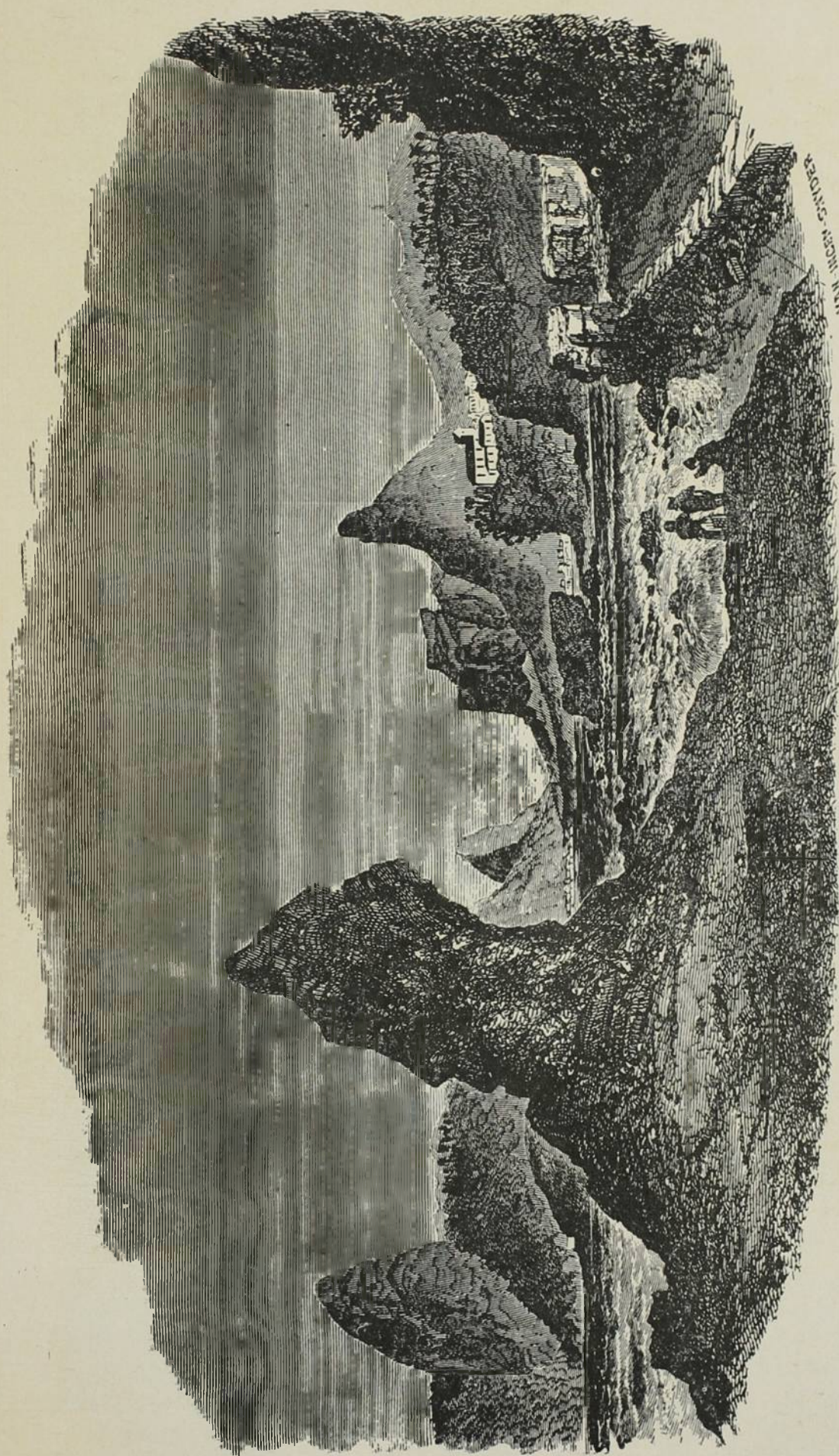
Ernesto adoeceu, mas sarou. O Chenopodio revelara-se um porrete para o seu mal. (Como D. Eucharis conhecia a vida e o marido!) Depois com o decorrer do tempo esqueceu o plagio. Os amigos esqueceram o "Never more". O Lyrio morreu como morrem Lyrios, Dhalias e Chromos: calote na typographia. Ernesto engordou. Já é major. Tem 6 filhos.

Continua a "fazer literatura". E se encontrar a talho um novo final como aquelle plagiará de novo.

Moralidade ha nas fabulas. Na vida, muito pouca, ou nenhuma. Feliz ou infelizmente?...

1904

MONTEIRO LOBATO

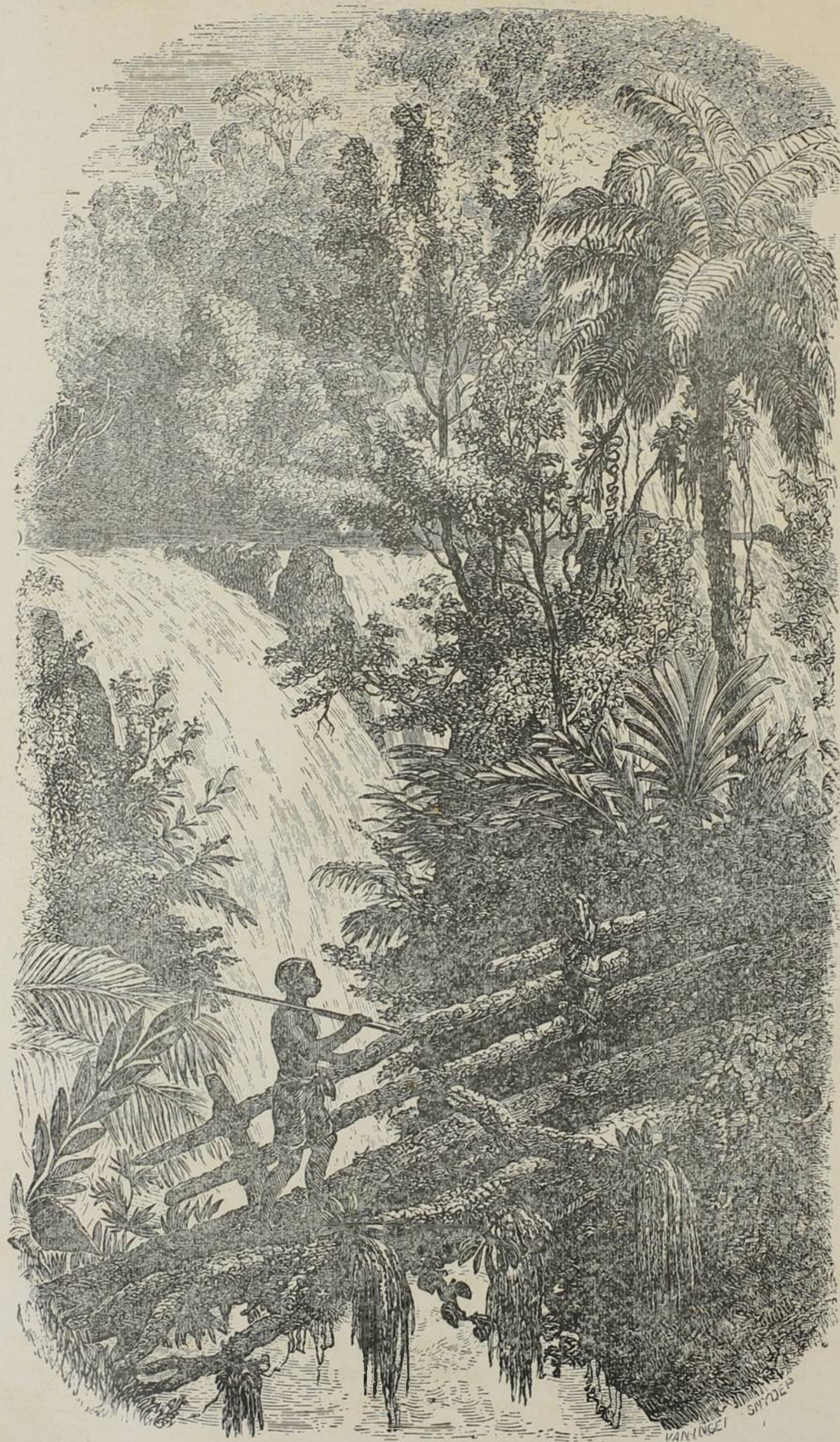


GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher
Vista do Ingá e S. Domingos

GRAVURAS ANTIGAS

Do livro *Brazil and Brazilians*, de Kidder e Fletcher



Cascata do Itamaraty, Petropolis

A SOMBRA

Nessa tarde calma de estio, á margem do oceano, ali, sobre aquella humida areia que avaramente guardava, em torno, a nitida impressão de seus pequeninos pés, desde que Ella se foi, eu ficara num extase profundo. Pretendia, certo, prolongar indefinidamente a inaudita emoção que me produziu seu primeiro beijo. E recordava todos os detalhes de nosso colloquio amoroso, até seus menores gestos, de mim apenas tendo a consciencia, mas uma vaga consciencia, do sorriso que meus labios esboçavam, desse sorriso que, numa analoga situação de sentimento, todos os labios humanos esboçam, dum sorriso — mixto de magua e de goso.

E, nella assim pensando, tive a sensação, em começo muito indeterminada, de que me faltava alguma cousa para um prazer completo; e instinctivamente perscrutava o horizonte, desviando a vista de um para outro ponto, do vestigio curvilíneo que deixa no espaço o pressuroso vôo de uma gaivota ao espectro oscilante, muito ao longe, da ultima nau que fugira do porto. E tal sensação foi a pouco e pouco augmentando, até adquirir a consistencia de uma imagem clara, inconfundivel. Eu o compreendi finalmente, o que me faltava era alguém que pudesse ler o meu pensamento, aquelle sorriso — mixto de magua e de goso.

E, detendo os olhos nos argenteos arabescos que a espuma desenhava na toalha verde-escura das aguas, irisados pelos ultimos raios do sol-poente, notei que aquella sensação ainda se desenvolvia, não ficara dentro dos limites normaes, excedendo o paroxismo de todas as que eu havia experimentado em minha vida. E tornou-se tão intensa, tão imperiosa, que, pouco depois, afigurou-se-me o reflexo duma realidade presente. Sim, devia estar ali, a pequena distancia, alguém um ser tal como o desejava, attento e carinhoso, a espreitar-me, a espreitar aquelle sorriso — mixto de magua e de goso.

Nesse momento, soprando com mais força, a brisa levantou mais alto as ondas e eu ouvi como alguém se encaminhar e estacar justamente aos meus pés. Cheio de anciedade, voltei-me bruscamente. E, sem surpresa, quasi sem pavor, vi ao meu lado uma sombra, uma bizarra sombra, que, á maneira de uma irmã gemea, reproduzia todos os meus traços physionomicos, aureolados, porém, de muita doçura. E ella, cabellos esparsos sobre a fronte, entreabria os seus labios, finos e ondulosos, num sorriso, num sorriso — mixto de magua e de goso.

“Ah! — disse-lhe — Esperava-te, cara irmã, para derramar o meu segredo na urna de teu coração. Não a conheces?... Não te encontraste, por ventura, com Ella?... Este espaço ainda guarda o aroma embriagante de sua passagem. Aspira-o e dize-me que flor seria capaz de desprendel-o?... Só Ella, só... Sentil-o é ver-lhe a bôcca — tumida e rubra, os olhos — azues como saphyra. Sentil-o é ver-lhe os cabellos aureos e finos, a fronte... é ver-lhe o corpo grácil, de ondina... “E a Sombra me ouvia attenta e silenciosa, deixando apenas se escoar de seus labios, finos e ondulosos, aquelle gesto enigmatico, um sorriso — mixto de magua e de goso.

“Difficilmente podes imaginar o amor que lhe voto. Parece Deus a fez expressamente para mim. Desde a primeira vez que a vi, dedico-lhe um sentimento profundo e sincero. Amo-a tanto que me consideraria muito feliz se lhe pudesse sacrificar minha vida. Julgo minha alma buscará a sua depois da morte. Mas, vê bem, eu lhe voto um affecto castissimo, sem desejos profanos, um affecto mui diverso do que se encontra no coração dos outros ephemeros... “E a Sombra me ouvia attenta e silenciosa, deixando apenas se evolvar de seus labios, finos e ondulosos, aquelle gesto enigmatico, um sorriso — mixto de magua e de goso.

“...E Ella me ama, eu o creio. Ha poucos minutos, num doce confacto, sua bôcca depoz em minha bôcca o penhor preciosissimo de seu amor. Pallida e convulsiva, balbuciou em meu ouvido: “Amo-te porque fazes do sentimento tua exclusiva razão... “Não o crês, Sombra?... Que queres me revelar com esse sorriso?... Amas-me tambem?... Teus, por acaso, ciume de mim?... Ah! Em vez de ironia, duma falsa piedade, leio em teu gesto uma inequivoca sympathia. Mas eu te não posso amar, já o sabes, pois lhe entreguei todo o meu coração. Apenas te posso dar uma amizade fraternal, uma simples amizade. Juro, porém, jamais me esquecerei da expressão de teus labios, desse sorriso — mixto de magua e de goso.

E a brisa, novamente soprando com violencia, levantou mais alto as ondas. Os cabellos tumultuaram sobre minha fronte. E a Sombra, compassiva e calma, os cabellos revoltos, disse-me: "Não... não tenho ciume de ti... porque me amas... porque nunca amaste a outrem... porque nunca poderás amar senão a mim mesma..." "E no instante em que chegava, amplo e hospitaleiro, a Sombra se occultou a pouco e pouco, mas deixou pairando no espaço, no espaço mysterioso de minha alma, para todo e sempre, aquelle gesto prophético, um sorriso — mixto de magua e de goso.

POMPEU PEQUENO

CARLYLE E A GUERRA (*)

Não é nossa intenção, ao emprehendermos este trabalho, penetrar e subjugar, pela analyse e pela critica, a extraordinaria e possante personalidade de Thomaz Carlyle. A sua obra, vasta e complexa como a propria natureza, exuberante e majestosa, como as nossas mattas tropicaes, encontra na sua propria grandeza a melhor barreira contra quem pretendesse desvendar-lhe os mysterios.

Não ha tentar o assalto por qualquer das faces.

Si nos aventurarmos atravez do intrincado dessa flora acabrunhadamente possante, tombaremos, exhaustos: a impotencia dos nossos sentidos nos não permite suportar a violencia das impressões que nos salteiam. São por demais fortes os contrastes das perspectivas luminosas e sombrias. Os raios offuscantes, que se desprendem ao choque das antitheses, rasgam amplas e instantaneas clareiras, convidativas na apparencia, mas na realidade só adequadas a realçar o poder das trevas que as acompanham. Sentimo-nos amesquinhados ante esse fulgurante rebento da propria natureza; se persistimos na peleja, terminamos por abandonar o campo da luta, levando na retina, e no cerebro estonteado, a vaga impressão de uma noite de tempestuoso pesadelo, em que o constante e ininterrupto succeder dos relampagos, nos fez entrever, esboçado apenas no horizonte longinquo e inacessivel, os contornos salientes de um mundo estranho e formidavel.

Carlyle é assim.

(*) Este trabalho foi concebido e quasi todo escripto, muito antes da acceitação, pelas nações alliadas, dos principios relativos á recomposição dos estados de accôrdo com a nacionalidade dos povos.

CARLYLE E O SEU GENIO

Filho dilecto da propria natureza, na sua obra, como nas da Creação, parece imperar a mais infrene das anarchias. As forças do seu cerebro de genio arrombam a cada passo os diques do estylo e os moldes communs em que as simples intelligencias costumam vasar os resultados de elocubrações laboriosas e mofinas. Elle vae além, como que desejando reduzir-nos á sua concepção dos heroes da humanidade. Procede por intuição. Parcella do todo, foi por este investido da missão de nos revelar um pouco deste grande segredo aberto, como elle proprio diz na sua poetica linguagem. E não será assim? Quem nol-o poderá affirmar? Quanto a nós, olhamos com sympathia o seu methodo. E' da propria essencia do genio antecipar, ás vezes de seculos, a sciencia, desvendando-nos bocados da verdade eterna, que aquella, após centenas de annos de vagaroso caminhar, vem confirmar pelas experiencias dos laboratorios. Ferri é quem o affirma, reconhecendo em Shakespeare extraordinaria clarividencia e absoluta segurança no diagnosticar os grandes criminosos da sua obra genial. Othelo e Macbeth tiveram as honras de figurar, tal qual os concebuu o maior poeta da humanidade, na galeria scientifica da escola criminalista positiva, após severa verificação experimental.

E porque não? Haverá quem sustente em nossos dias a victoria da sciencia? Ha ainda, acaso, quem nella deposite as esperanças dos que assistiram ao seu desabrochar no seculo passado? Prescindir do seu auxilio, deixar de reconhecer as suas reaes conquistas, seria absurdo tão grande como conceder-lhe imperio absoluto no terreno do saber. A atmosphaera dos laboratorios, extravasando, produziu a Allemanha de 1914 e matou o seu genio creador. Beethoven e Goethe, se volvessem ao mundo, não reconheceriam no imperio do kaiser os traços da sua patria.

MATERIALISMO E IDEALISMO

O dominio do materialismo scientifico, transformaria a vida numa simples e esteril luta pela subsistencia. Amorteceria em nós a ideia da verdadeira razão de ser da existencia. Anniquila-

ria o ideal, esse balsamo maravilhoso que nos mantém e que nos fortalece nos momentos de negro pessimismo. E estancaria uma das mais copiosas fontes de conhecimento, abertas á nossa curiosidade. Quem desconhece as conquistas dos antigos pelo unico concurso de sua imaginação engenhosa? A série incalculavel das hypotheses, por elles aventadas e mais tarde sancionadas pela sciencia moderna? E a arte? A unica criação verdadeiramente immortal do homem, — que seria dessa esplendida força, producto da necessidade incoercivel de perfeição, que nos ordena, imperativa, a caminhada para a frente?

Desbastados os exaggeros das duas correntes: metaphysica pura e materialismo scientifico, medra agora nas regiões serenas do pensamento, a flôr da conciliação. Nem uma nem outra em particular: porém ambas, irmanadas na mesma empreitada triumphal.

A verdadeira philosophia, reconhecendo os direitos desses dois frondosos ramos do saber humano, surge como a cupola luminosa do templo esplendoroso. Sim, a paz far-se-á em breve, paz fertil e sem igual, na terra e nos dominios serenos do intellectualismo, para maior gloria da humanidade. Então veremos trabalhar juntos, commungando na mesma obra sagrada, a intuição, o raciocinio e a experiencia.

OS HEROES E A HISTORIA

Porque não é de toda falha de verdade a concepção de Thomaz Carlyle sobre o papel dos Heroes na Historia. A prova do que affirmamos temol-a na sua propria personalidade de propheta. Como os que resplandecem na sua rutilante galeria, elle tem qualquer coisa desses illuminados que, na sua bellissima e poetica concepção, vieram a nós, enviados da natureza, indicarnos um pouco da verdade eterna e immortal. Não será isso acaso uma contra-prova de que somos senhores de alguma coisa positivamente verdadeira, quando a intuição se casa com os resultados de longas e exhaustivas experiencias?

Dissemos, ao iniciar este trabalho, que não era intenção nossa estudar em conjuncto a obra desse cyclope do pensamento. A sua producção, enorme e variada, está a pedir uma intelli-

gencia que se assemelhe á sua. Queremos apenas destacar, de um de seus escriptos, algumas paginas onde nos pareceu surprehender a visão segura de uma verdade comprovada pela observação objectiva dos factos. Destacando-a e analysando-a, cremos prestar serviço ao "Heróe", submettendo as suas conclusões ao confronto do methodo philosophico onde buscamos grande parte dos alicerces para a formação do nosso criterio intellectual. Procedemos com a maior isenção de animo, quanto ás correntes que disputam o sceptro da realza do saber. Admittimos sem paixão o que nos parece conforme á verdade, de cada uma dellas. Não escondemos, porém, a fascinação irresistivel, que exerce sobre o nosso espirito, a magistral hypothese de Spencer sobre a evolução. Se confrontarmos a concepção carlyliana com a theoria spenceriana, veremos como se entrozam as duas, sem attricto apreciavel.

Thomaz Carlyle, em sua celebre obra "Os Heroes", nas paginas magistraes em que nos mostra o heróe como homem de egreja, assevera ser o comparecimento de Luthero ante a Dieta de Worms, o facto capital da historia moderna. Na sua maneira de vêr, nesse dia de 17 de Abril de 1521, punha-se em movimento a força propulsora, que deveria lançar a humanidade na carreira vertiginosa dos seus destinos, os quaes, de então para cá, se vêm desenrolando com o poder incoercivel de uma fatalidade ineluctavel. Será assim? Não ha negal-o. Entretanto prevemos as objecções. O golpe desfechado por Luthero nas muralhas do Dogma religioso não foi o primeiro. Copernico, com a descoberta da theoria heliocentrica, já o havia precedido na luta da verdade contra o obscurantismo da Egreja, abrindo nos seus alicerces a brecha por onde se precipitaria o jorro cada vez mais forte do saber, até que saltassem os vigamentos da religião anachronica e periclitante. Então far-se-ia a aurora redemptora do pensamento soberano, devolvido ao logar de capitanea dos nossos destinos. Entretanto, submettamo-nos á verdade historica. Carlyle está com ella.

Estranha fatalidade quiz que essa figura diabolica de fanatico medieval assumisse proporções incommensuraveis no pungente drama em que nos debatemos ha seculos. E' Carlyle quem fala.

Subira o panno na rampa do porvir; iniciara-se o primeiro acto da scena empolgante entre todas. E' que a humanidade entrára na sua phase de integração definitiva; cessára o momento de gestação.

O trabalho millenario, desde a concepção nos tempos prehistoricos das origens indo-européas, até o advento da cohesão material e espiritual — primeiro estado da evolução spenceriana (homogeneidade indefinida e incoherente) — completára-se nas épocas anteriores.

Não julgamos necessario fazer a genese exhaustiva do que afirmamos, porque a sabemos sobejamente conhecida. Ninguém, de facto, ignora as linhas directrizes, a que obedeceu a civilização européa, quer na formação ethnica das sociedades, quer na formação intellectual e moral dos povos.

A RENASCENÇA

Apenas libertada da apparente lethargia medieval, a humanidade, como que extremunhada, tinha pressa em recommear a sua actividade de antanho. Ao calor primaveril, estonteante de vida e vigor, brotava a floração magnifica da Renascença. Era a victoria da luz sobre o inverno secular. A abobada celeste reflectia sobre a terra bemdita da península a suave coloração dos seus tons azul e ouro. A' ameaça terrificante das iras divinas, anathematisando as volupias de uma vida heroica e creadora, succedia o culto quasi pagão de uma religião de pompas e festins. Com as ultimas fogueiras da Inquisição, apagára-se pouco a pouco a lembrança apocalyptica do inferno e dos seus horrores. Vencera a vida. O homem entrava de novo na posse de seus dominios. O papa despira as tenebrosas vestes de suprema autoridade inquisitorial, para tornar-se o amigo benevolente e protector da arte e do genio. A Italia libertava-se, afinal, da nevrose que a consumira. A plethora de vida accumulada no longo periodo de incubação, explodia em esplendidos florões do seu genio artistico e creador. O Dogma tornava-se apenas uma arma politica de que se servia o despotismo temporal de uma theocracia deliciosamente epicurista, para satisfação de aspirações estheticas. A arte redimia a culpabilidade criminosa,

evitava a seus filhos predilectos as torturas dos presidios e das masmorras. Ante a perfeita belleza de uma obra prima, paraly-sava-se, impotente, o braço justiceiro da suprema autoridade pontifical. Esse povo de genios perdoava o despotismo politico da Egreja, em troca da protecção que ella dispensava aos seus idolos creadores de pura belleza. A par da rigidez das instituições politicas entregava-se elle, voluptuosamente, com a cumplicidade do Vaticano, ás delicias de um doce e commodo scepticismo religioso.

Leão X mercantilisava a crença, procurando no trafico das indulgencias o ouro necessario á conclusão dos seus palacios sumptuosos. Roma readquiria a grandeza e os fastos de outr'óra. Toda ella se transformára num templo magnifico onde os fieis se prostravam, contrictos, ante o deus pagão da belleza. Com elle insinuára-se no reducto do catholicismo o seu proprio inimigo, aquelle que o deveria ferir a fundo e em breve. E' que a causa das commoções periodicas, que nos sacodem, ameaçando tudo subverter, encontra-se na desigualdade do evoluer das gentes do planeta.

Si se verificasse por egual, entre os povos, o progredir dos mesmos, a humanidade ver-se-ia a coberto desses profundos ferimentos que afeiam os seus flancos torturados. A evolução dar-se-ia, serena e tranquillã, evitando as paginas negras da Historia.

LUTHERO

Ao calor nutriz do sol mediterraneo apressára-se o progresso das populações da peninsula. Entretanto, os raios bemfazejos do fóco irradiador eram interceptados pela massa intransponivel dos Alpes maritimos. Para além reinavam ainda as trevas medievas. As nevoas quasi perennes, as sombrias florestas de além Rheno, montavam guarda severa, defendendo a barbarie contra os assaltos da civilisação. Encastellada em si mesma, obcecada pelas visões infernaes de uma paysagem geradora de fantasmas horrendos, a alma humana sentia-se desamparada, na terra, a implorar soccorro e alivio a uma divindade surda aos seus appellos. Nessas paragens imperava soberano o estado de

espírito dos tempos medievos. Roma, benevolente para com os seus filhos, fazia valer os seus direitos sobre o resto da Europa. E aos habitantes desta parte de seus domínios em estado de meia barbarie chegava somente o peso dos Dogmas suffocantes. Mas não se revoltavam; antes, os queriam mais rigidos, mais intransigentes. Assim ordenava a sua fé cega e doentia. Entre elles crystallizando-lhes as sombrias tendencias, devia, afastada do mundo e dos homens, a figura tenebrosa de Luthero. As quatro paredes da sua cella de monge eram todo o horizonte que se permittia o frade torturado. As fantasticas visões desse cerebro em permanente delirio azedavam-lhe os dias e ennegreciam-lhe as ideias. A mais e mais se lhe enraigava no pensamento a necessidade de martyrisar a carne para a salvação da alma. Nos momentos de delirio em que lhe naufragava a razão, entrevendo como um aviso do céu a figura horrida de Satan, amaldiçoava o homem e os prazeres. E' então que lhe chegam, um dia, aos ouvidos estranhas noticias acerca de emissarios do papa, que mercadejavam, por ordem deste, com indulgencias e bençams. A sua consciencia recta e sincera não se quer render á evidencia. Imagina a fraude, a culpabilidade dos sacerdotes. Resolve partir para Roma afim de certificar-se do caso escandaloso. A sua ingenuidade de fiel intransigente, não admite a cumplicidade do papa na burla do principio basico da sua crença. Deus todo poderoso é o unico com direito a redimir os peccados terrenos. Parte. Por todo lado esbarra com os symptomas da impiedade e da desaggregação da fé. A' medida que se aproxima da cidade santa, avoluma-se-lhe no coração martyrisado o travor da surda revolta da sua simples e ingenua consciencia. Chega e crê sonhar, ao deparar-se-lhe, como numa visão satanica, a magnificencia impia da Egreja Romana. Era verdade o que ouvira lá ao longe, entre a negra floresta germanica, povoada de espectros e de diabolicas tentações. O seu rancor explode, então, violento, contra a farça grotesca das indulgencias conseguidas a troco de ouro.

A REFORMA

A luta estava travada entre a potencia papal e o humilde sacerdote germanico. A' invasão dos traficantes da clemencia di-

vina, oppõe Luthero a sinceridade da sua palavra de crente, de consciencia recta e inquebrantavel. Era o advento da Reforma, diz-nos Carlyle. Ella nascera d'esse embate, libertando a parte virgem da Europa septentrional do arrocho suffocante exercido pela Roma dissoluta de Leão X. O mundo tomava, inesperadamente, pela acção do obscuro monge barbaro, rumo opposto á rota até então seguida.

As consequencias seriam formidaveis. No dia do julgamento de Luthero ante o tribunal de Worms, jogavam-se os destinos da humanidade. Dalli partiria, ou deixaria de partir, o impulso que a lançaria na direcção dos seus destinos. Quizeram os fados que a verdade vencesse. A Egreja, anachronisada, já por essa época, havia de ser vencida pela propria força das coisas. E assim foi.

Iniciara-se a 27 de Abril de 1523, o grande drama a cujo epilogo assistimos. Liberto o pensamento humano, nunca mais elle cessaria de pugnar pelos seus direitos. A luta travara-se titanica, horrenda, prolongada. Não se venceriam com facilidade as instituições tão fortemente radicadas no solo da Europa. No entanto, tinha-se a demonstração cabal e impressionante de quanto é forte quem peleja por um direito. A humanidade comprehendera, se bem que obscuramente, a revelação que lhe acabara de fazer Luthero, ou melhor, este fôra um instrumento inconsciente da lei incoercivel da evolução. Mas Carlyle entreviu, com magistral clarividencia, a realidade. Nem por isso o grande reformador perde o seu direito de principal elemento, de ponto de referencia, de synthese das determinantes, fataes e ineluctaveis, que precipitaram os acontecimentos.

Não nos esqueçamos que continua o confronto da hypothese experimental e da concepção intuitiva do excelso pensador.

O DRAMA

Começa então, no dizer de Carlyle, o grande, o pungente drama em quatro actos e um epilogo. O primeiro desenvolve-se violento, succedendo as scenas mais ou menos interessantes. Qualquer previsão a esta altura seria ainda prematura; mas não tardaram a delinear-se as linhas geraes da trama empol-

gante. O primeiro acto raramente apresenta interesse real. Todas as circumstancias que o cercam veem-se envoltas, na confusão do presente, sem horizontes nem consequencias futuras deduziveis.

Analysemos o segundo, — a revolução liberal na Inglaterra, Cromwell e a sua acção. Já agora se tornam evidentes e palpaveis as linhas geraes do que se vae seguir. O individuo até aqui considerado como factor desprezive, ante os poderes reconhecidos, acabava de vencer a mais formidavel das tyrannias. Roma, a poderosa, recebera o mais rude golpe de quantos a haviam attingido. Esvaíam-se como nuvens inconsistentes as bases de todo o edificio do passado. Os seus alicerces sentiam o abalo que não mais lhes permittiria o equilibrio de outros tempos. Desfeita a crença da inviolabilidade do papa, ipso-facto diminuia o poder de resistencia de todo o vigamento social. Uma coisa era consequencia da outra. Não tardou a verificação dos seus effeitos. Cromwell, filho das mais baixas camadas sociaes,

O terceiro acto, adivinha-se, impõe-se, inconfundivel em seus restos mutilados á ignominia do patibulo.

Uma nova e indomavel força, que dormitava, toma consciencia de si mesma, e caminha de victoria em victoria.

O terceiro acto, adivinha-se, impõe-se, inconfundivel em seus contornos cada vez mais accentuados. Eil-o que rebenta, convulsionando o mundo, fazendo-o tremer, de alto a baixo, definitivo nas suas consequencias incommensuraveis: a Revolução Franceza.

A REVOLUÇÃO

A humanidade que, desde Luthero, já havia tomado consistencia capaz de a tornar boa conductora das correntes novas, assume a sua feição real, nesses dias memoraveis para os seus destinos; não ha lutar; o organismo chegou ao seu pleno desenvolvimento. Presenciamos á sua entrada na edade da razão. Abaixo toda e qualquer tentativa de protecção. Ella, por si só, já se sente com forças para caminhar, sem a ajuda de quem quer que seja. O proprio Carlyle, creador da famosa theoria dos Heróes, sente faltar-lhe a base para uma defesa cabal das

suas idéas. Ao enfrentar o estudo desse estupendo cataclysmo, os seus esforços, e a sua poderosa imaginação não conseguem argumentos para sustentar o que affirmára na vespera. No seu estudo sobre a Revolução Franceza desaparece da primeira plana a sua idéa preferida, o Heróe. Haverá contradicção? Não o cremos. O Heróe existiu, tornou-se indispensavel, mas chegára o seu dia. Carlyle o sente, e a sua honestidade, a sua sinceridade, — palavra que elle ama entre todas, — obriga-o a confessal-o tacitamente. Mas qualquer coisa nasceu que se assemelha ao Heróe e que assume o papel de principal actor. E esse, é a massa anonyma e todo-poderosa. No seu bellissimo poema da Revolução Franceza, Carlyle empresta-lhe todas as honras na tarefa grandiosa. O “sans-cullotismo” é o seu idolo. Em verdade, a este devemos tudo que nos adveio da formidavel subversão. Porque a grande commoção de 1789 procedeu com a humanidade, como a dynamite em terreno granitico; esfarelou, rdeuziu a pó o sub-solo resequido e empedernido, para que, uma vez serenada a explosão, se tornasse possivel a fertilisação do solo. E esse trabalho devemol-o ao “sans-cullotismo”.

Carlyle não se contradiz. Completa-se.

A messe foi esplendida, si bem que não se tornasse possivel a realisação de tudo quanto os seus actores della pretenderam. A humanidade não dá saltos: procede por partes. Entretanto, a implantação do dogma dos direitos do homem explica e redime o grande acontecimento dos seus crimes sem conta. De todas as consequencias da Reforma, esta é sem duvida a maior e a mais bella. Da nova semente germinaria a arvore magnifica do porvir. Qual seria ella? Carlyle nada nos diz. Contenta-se em propor um grande ponto de interrogação. Para que a daria elle? O drama não terminara, affirma: faltava-lhe o epilogo que o completasse. A nós, seus leitores do futuro, cabia responder, e não nos seria difficil.

A GUERRA

Lemol-o quando ainda apenas se iniciava a maior tragedia de todos os tempos: era o epilogo que se desenhava. Então, ninguém ousava prognosticar o que delle resultaria. As nações

atiravam-se umas ás outras na ancia de destruição que as obsecava. Succediam-se os governos nos paizes belligerantes, sem que se percebessem as suas intenções sobre a paz futura. Pessoalmente, não nos merecia duvida o desfecho fatal dos acontecimentos. A independencia das nações, quaesquer que fossem as suas condições, fortes ou fracas, comtanto que apresentassem, aos olhos do mundo, unidade ethnica e unidade de sentir, impunha-se como corollario fatal do dogma dos direitos do homem apoz o individuo homem, o individuo nação. A grande Revolução se completava. Era a conclusão logica a que nos conduzia a estupenda concepção carlyliana e a theoria de Spencer. Já havíamos previsto o que mais tarde, levados pelas circunstancias, se tornou o programma de paz dos povos que combatiam a barbarie.

Lembram-se os que seguem os acontecimentos que assoberbam a humanidade das revelações do governo "bolshevikista" na Russia: até aquella data prevaleciam os principios da antiga concepção politica. Os tratados entre os belligerantes do grupo da "Entente" não estavam de todo libertos de pretensões annexionistas. Depois, as determinantes imponderaveis, a fatalidade de um caminho pre-estabelecido á humanidade, impuseram-lhes o principio, hoje dogmatico, da independencia de todos os povos da Europa, da egualdade dos mesmos perante a Justiça e o Direito. Era que a humanidade attingira a ultima phase da evolução (heterogeneidade definida e coherente).

Terminada a libertação do individuo homem restava a conquista do direito das nações. A evolução natural da sociedade levar-nos-ia sem o cataclysmo actual ao porto que anhelavamos. Porém, mais uma vez se verifica a nossa convicção de que a principal causa desta guerra tremenda é a desigualdade de progresso entre os povos. Parece um paradoxo. Entretanto, se penetrarmos no amago do problema verificaremos a verdade da nossa these.

CIVILISAÇÃO E CULTURA

Não confundamos civilização e cultura. Esta, qualquer povo poderá conseguil-a em meia duzia de annos de esforço e tenaci-

dade; aquella só a longa e penosa experiencia a poderia imprimir aos povos da terra. Civilisação é a victoria do racional sobre o irracional. Cultura é a maior ou menor somma de conhecimentos accumulada no cerebro do homem ou de qualquer animal. Não se riam os que nos lerem. Não ha negar cultura aos cavallos de Nurenberg, capazes de resolver complicados problemas de arithmetica. Porém, quem ousará conceder-lhes a minima parcella de civilisação? Esta nada mais é do que o aperfeiçoamento do nosso subconsciente; é o capital hereditario que nos legaram a experiencia e o soffrimento dos nossos maiores; é a supremacia do sentimento sobre o instincto, adquirida pelo constante attrito da besta humana com a vida; é, emfim, aquillo que poderíamos chamar a alma do individuo e das nações. A nação civilisada, sem instinctos mas com sentimentos, foge ás tentações da violencia, ao crime de attentado contra a vida dos seus semelhantes, como ao individuo repugna o assassinato ou o roubo.

A Allemanha é um paiz culto, porém recusamos-lhe o epitheto de civilisado. Accresce que, em confronto com as nações da "Entente", ella lhes fica atrás, de um seculo, na escala da evolução.

Desde Napoleão que aquellas reconheceram a utopia da hegemonia universal, emquanto ella ainda persiste nessa idéa. Como pois conciliar a sua pseudo superioridade de cultura, que por ahi andam a proclamar, e a sua miseravel aventura de 1914? O que estranhamos, o que nos custa a conceber, é a infantil myopia dos seus decantados philosophos, que não entreviram a inviabilidade do sonho germanico. No entanto, ahi estão os exemplos de Frederico o Grande e Napoleão, entre outros.

Não, positivamente não. A Allemanha, confrontada com os seus inimigos de hoje, é-lhes inferior na cultura e na civilisação. O mundo, para nossa felicidade, já não mais está á mercê de megalomancias individuaes ou de castas. Ha uma intelligencia superior que nos guia e que nos defende contra os saltos da loucura e da barbarie. Foi sempre assim.

Findou a phase da supremacia do individuo sobre as multi-
dões. Estas são as que nos governam e nos dirigem. Dois mil
annos de penoso evolver para alguma coisa nos serviram. Ho-
je, melhor do que nunca entrevemos a profunda verdade da
phrase genial de Augusto Comte:

“O Homem se agita e a humanidade o conduz”.

Está a terminar o epilogo do grande drama que Carlyle di-
visara. A victoria coube ao Direito e á Justiça para maior glo-
ria da civilisação.

JULIO DE MESQUITA FILHO

BIBLIOGRAPHIA

RUY BARBOSA e escriptos diversos —
José Maria Bello — A. J. Castilho — Rio
— 1918.

Reune o auctor neste volume cinco estudos sobre Ruy Barbosa, estudando-o por partes, ao philologo, ao civilista, ao artista, ao orador. E dá uma impressão de conjuncto das mais equilibradas e completas. Ruy é hoje um thema de dissertações que tenta singularmente a penna dos nossos escriptores, como outr'ora tentavam-n'os as excellencias sem conta da terra brasilica. Reescreve-se o dialogo das grandezas substituindo o paiz por um homem. E decorre dahi um amontoamento atordoador de adjectivos superlativados, com prejuizo da figura em apothese.

José Maria Bello, entretanto, foge a esse molde e pinta de Ruy Barbosa um retrato sob todos os aspectos digno de louvor. Critica comprehensiva, visão por assim dizer ecologica de um homem verdadeiramente fora do commum. "Ruy Barbosa seria um homem de Estado num velho paiz europeu, de civilização secular, de entrosagem politica e administrativa perfeita, na Inglaterra, por exemplo, que deve ser a patria do seu espirito. Num paiz sul-americano, no tumulto da sua formação, na grosseria e aspereza de sua politica, na indisciplina de sua sociedade, na desordem intima das suas forças, teria que ser o que tem sido — um valor secundario, um inactual, insulado e estranho. Não comprehende ninguem, ninguem o comprehende. Sendo no consenso unanime da nação o maior homem da epocha, a gloria mais alta da nossa intelligencia, não conseguiu e não conseguirá, talvez, realisar as justas ambições á presidencia da Republica, que entre nós, no entanto, já desceu

das mediocridades fataes de todas as democracias, para colher, na agitação perigosa os quarteis, um pobre e inesperto soldado. D'ahi, tambem, a sua eterna falta de tacto, a sua incorrigivel inhabilidade, que o tornam quasi um ingenuo, entre as velhas e manhosas raposas da politicalha indigena. Não lhe será possivel jamais adaptar-se ao meio. E porque ninguem pode julgar-se imparcialmente, a visão de Ruy Barbosa perturba-se. Suppõe-se ludibriado e esquecido, attribuindo á injustiça dos homens o que é um effeito de causas mais complexas. A sua amargura extravasa-se, as suas illusões e desesperos gritam, nessas paginas cortantes de Tacito, que constituem a parte mais formosa da sua obra. Embalado nos seus sonhos liberaes, ignora a terra que habita e desconhece os homens que o cercam".

Documenta este asserto de J. M. Bello a acção que Ruy Barbosa exerceu na politica nacional. A sua ideologia, o desconhecimento da terra e dos homens como elles o são na dura realidade, fel-o combater a monarchia, verdade pragmatica, e propugnar pelo erro absurdo duma republica copiada aos Estados Unidos.

Fel-o, ainda, ao organisar a nova constituição, construir a mais bella das leis substantivas e ao mesmo tempo o peor regimento interno deste paiz. Bella porque seria uma peça maravilhosa se applicado ao Paiz Perfeito preluzido na imaginação dos Thomaz Moros e dos Platões. Pessima porque, dadas as nossas condições ethnicas e sociaes, nenhuma outra lei substantiva poderia revelar-se menos adequada á sua missão.

A carta por elle formulada é o magnifico theodolito do Felicissimo, do "Chanaan". Os nossos governantes armam o theodolito, mas medem com a corrente. E' o meio de errar menos.

Alem desta série de estudos sobre Ruy Barbosa o Auctor inclue no volume varios pequenos ensaios de critica literaria e sociologica, todos reveladores da agudeza de sua visão.

Destacaremos dentre elles, fazendo injustiça aos demais, os capitulos referentes á Politica Nacionalista, á Responsabilidade dos Dirigentes, á Vida Nacional, ao Perigo da Federação, e á Avenida. Aspectos dolorosos da vida brasileira, revelados sem apaixonamento, sem torsão da verdade núa, mas sem tendencia para extremar-se no roseo ou no negro — polos do mesmo erro visto como a côr local, exacta, dos nossos problemas, nem é rosea nem negra, porque sempre côr de avesso de decalcomania.

O excellente deste livro está em reafirmar a existencia dum critico verdadeiro, já firme e seguro, com as qualidades do seu mestre inicial, Taine, apuradas pelo alargamento de visão que lhe deu W. James e enriquecidas com esse precioso quê de emanção pessoal — magico tempero d'onde advem sabor e perfume ás obras literarias.

ROSA E ESPINHOS — Mario Sette—Imp.
Industrial — Recife — 1918.

Mario Sette, já conhecido dos nossos leitores pelas suas novellas, publica em Pernambuco um novo livro, *Rosas e Espinhos*, onde reúne varios contos e phantasia.

Abre o volume a *Clarinha das Rendas*, já dada a publico nestas paginas, novella triste e sentida de amores mal sorteados. *Clarinha* vê seu amado partir para o mar. O mar é tudo que não é o sertão onde decorrem aquellas vidas humilimas.

E' a capital, é o Acre, esse sorvedouro das energias cearenses. Parte o noivo, perde-se no mundo e fica-se *Clarinha* a definhar de saudades.

Empolga-a a tísica. E está já no fim, a deitar sangue, por dias, quando o pae volta da praça com uma carta do ausente. "Raphael mandava dizer que estava a juntar uns contos para fazer a sua *Maria Clara*, a *Clarinha das rendas*, bem feliz, bem bonita..." E' o melhor conto do livro, já pelo sentimento da historia em si, já pelo desenho dos personagens, pobres sertanejos como o são todos, desajudados de tudo, vencidos, esmagados pelo meio hostil. As demais composições que completam o livro, *Rosas*, *A Esmola*, *Cabellos brancos*, *O Segredo*, *O Dever*, *A Vingança*, *Castellos*, *Renuncia*, *Espinhos*, são pequenos quadros da vida rural ou urbana, traçados com simplicidade e carinho, onde perpassam "typos de todo dia". E' a vida trivial, nem heroica nem tragica, das nossas pacatas cidades do interior. E' grato ao A. subministrar nesses contos uma lição moral, um ensinamento ou conselho, sobretudo ás mulheres. Suas leitoras certamente que hão de fechar o livro, melhoradas nas qualidades de mães e esposas. Este character doutrinario, condenado pelas escolas da impassibilidade, é, entretanto o tom mais conveniente num paiz em formação onde mais que nenhum outro o povo necessita de que o eduquem. A arte pela arte é criterio possível nos paizes de alta cultura; entre nós representa um papel bem mais louvavel o artista que faz arte pela moral.

Mario Sette é dos escriptores do Norte um dos mais bem dotados, e dos mais capazes duma obra pessoal e séria já como reflexo sincero do meio ambiente, já como vehiculo de sãs doutrinas.

Inicia com este a serie dos seus livros nacionaes, visto como a estréa, *Ao Clarão dos Obuzes*, foi uma collectanea de reminiscencias europeas. Já é Mario Sette uma brilhante realisação, e será, com o aperfeiçoamento natural do estylo e de maneira de compor, um vulto primacial na literatura do Norte tão mal conhecida aqui no Sul.

DO TRATAMENTO DO PALUDISMO,
These inaugural — Dr. Herald Maciel —
Off. G. Robatto — Bahia — 1918.

Approvada com distincção, a these inaugural do novo medico merece fóra da Faculdade os mesmos applausos. Raras se apresentam assim, tão bem feitas, escriptas em melhor linguagem e com um tal rigor scientifico. Lei-a é prenunciar ao seu Auctor um lugar de singular destaque na medicina brasileira.

Estuda os varios tratamentos da malária, pelo quinino, pelo azul de metyleno, pelo arsenico e pela emetina, acompanhando cada um delles duma serie de rigorosas observações clinicas que permitem estabelecer com nitidez a acção especifica desses medicamentos e o seu gráu de effidencia. E estabelece, finalmente, as conclusões da experimentação, assim formuladas: 1.º) A quinina é ainda hoje o agente mais energico do arsenal therapeutico do paludismo agudo. 2.º) Nos casos de accessos perniciosos a quinina deve ser administrada em injeções endovenosas. 3.º) A colobase de quinina nenhum valor tem contra o paludismo. 4.º) Nos casos de paludismo tropical e quando os hematozoarios resistem á quinina, o azul de metyleno é sempre empregado com resultado satisfactorio, principalmente em injeções endovenosas. 5.º) A emetina pouca confiança merece no tratamento do paludismo, porque raras vezes ella age satisfatoriamente contra os hematozoarios de Laveran. 6.º) No estado chronico do paludismo a medicação arsenical é indispensavel, podendo só ella, em muitos casos, curar a malária.

A these do Dr. Maciel se muito depõe em favor do seu auctor, enaltece ainda o valor scientifico da Faculdade Bahiana, onde lecionam mestres de notabilissimos meritos, como o Dr. Garcez Fróes, sob cuja direcção se formou o espirito do novo scientista.

O MESTRE DE CAMPO — Affonso Arinos
— F. Alves — Rio — 1918.

Entre os ineditos encontrados no espolio de Affonso Arinos destacava-se este romance, parado em meio, e que agora vem á luz editado pela casa Alves. Incompleto como está, vale como "estudo" para uma tela que, por ignorado motivo, não foi levada a termo. Nelle se denuncia todo o Arinos de mais tarde, com as suas qualidades mestras já bem accentuadas.

ETERNO SONHO — Jayme Balão Junior
— Liv. Mundial Curitiba — 1918.

Offerecida ao "glorioso prosador Paulo Barreto", que é o nosso João do Rio, a novella do Sr. Balão constitue uma obra assás curio-

sa. Desnorteia o leitor. Inutil procurar classificar-a num genero conhecido. E' algo entre biblico e futurista, com toques de naturalismo.

"E' inutil — a dor vence. A desgraça vence e a magua vence. A dor corrompe e petrifica o coração e depois, purificada e exaltada, abrandando-o. As tristezas destroem a alma e fazem a vida o horror dos horrores e o odio dos odios. Mas a dor vence sempre, que luta, que luta!"

E' assim o livro inteiro, em versiculos desnorteadores desde o primeiro até ao ultimo: "E foi com os olhos em pranto que ellas viveram... e foi, despedaçadas pela dor, que ellas morreram... E foi, afinal, purificadas pelo soffrimento, que ellas um dia tornaram a viver, pacificamente, — no eterno sonho."

VERSOS — Emilio Gonçalves — Off.
"Estado de S. Paulo" — S. Paulo — 1918.

O Sr. E. G. confessa em prefacio que os versos publicados são versos dos 18 annos, e que os não perfilha hoje porque "não mais os entende bem".

O poeta tornou-se mais prosaico e a vida ensinou-lhe a achar "de sobremaneira vantagem" ter um tostão na algibeira em vez de um bom par de sonetos." Se os publicou foi isso devido "á insistencia de amigos, que o fizeram desempoeiral-os do fundo da gaveta onde jazem outras ridiculas e aleijadas producções".

E diz ainda... "fostes vós que contrariastes o desejo de deixar morrer na gaveta essas producções dos tenros annos"... "é vossa a culpa de ter publicado o meu primeiro livro."

Como não duvidamos da palavra sincera do Auctor juntamos ás suas as nossas censuras a taes amigos, aconselhando-o a reformal-os.

VISÕES E RESONANCIAS (alguns aspectos sociaes do catholicismo no Brasil) —
Hildebrando — Typ. Livro Azul — Campinas — 1917.

Hildebrando, pseudonymo dum preclaro sacerdote já conhecido dos leitores da Revista, onde publicou um interessante estudo sobre D. Luiz de Britto, reúne em volume estudos e impressões, já publicados e ineditos onde apanha muitos aspectos da catholicidade brasileira. Seu livro são "vistas, lances, tentamens, modalidades, matices, aspectos enfim do catholicismo brasileiro, não como corpo de doutrina á crença e á moral, ás almas e aos corações dos individuos, que isso é patrimonio commum de todos os povos que

acceitam os ensinamentos Evangelicos; mas sim emquanto é levêdo são e fecundo, tendendo penetrar a massa das nações infiltrando esse que de peculiar e quasi divino nas suas organizações humanas de collectividade.

São as manifestações dessa tendencia que abrolha aqui e acolá, com mais ou menos viço em terras do Brasil, que o autor procurou apanhar de relance e atar em feixe para que assim podessem ser melhor apreciadas em seu conjuncto."

De como o conseguiu só bem avalia quem lhe percorrer as paginas escriptas com o desembaraço de quem é senhor do seu pensamento e elegante manejador da lingua. A variedade dos assumptos e a maneira sempre pittoresca com que os trata o Auctor, fazem desta collectanea uma obra agradável, digna de leitura e attractiva ainda para os que não commungam com as suas idéas. O artigo em que trata de Euclides da Cunha e Alberto Rangel revela em Hildebrando um critico atilado, de idéas amplas, finas, malleaveis.

Ahi não é o sacerdote que fala — é o artista, o literato de escol, o intellectual eminentemente comprehensivo e capaz de esplendida visões estheticas. Hildebrando é indubitavelmente um dos lucidos espiritos que fulgem no clero brasileiro, e, posta de parte a sua qualidade de sacerdote, é ainda um artista da lingua, um critico de juizo seguro, um impressionista notavel que desejariamos ver expandir-se nas obras de mais vulto e folego de que se revela capaz.

A VELHA E A NOVA BASTILHA, Ricardo Severo — Poci & C. — S. Paulo — 1918.

Nesta conferencia realisada na sessão de 14 de Julho, no Centro Republicano Portuguez, de Santos, o Sr. Ricardo Severo, faz uma approximação entre a Bastilha franceza e a germanica. "O povo de Paris demoliu o carcere da Democracia; o povo allemão levantou-o de novo, em proporções taes, que ameaça o resto da humanidade." Tira todas as consequencias dessa approximação, mostra o papel heroico desempenhado pelos soldados portuguezes na França, e concita os compatricios transatlanticos a cooperarem com elles. "A nossa funcção, é dar. Só assim nos podemos remir pela nossa abstenção, pela nossa ausencia."

O novo trabalho de Ricardo Severo, embora ligeiro, reafirma ainda uma vez a sua poderosa individualidade de homem de pensamento e de acção, e, sobretudo, do portuguez de lei.

NOÇÕES DE HISTORIA DO BRASIL —
Osorio Duque Estrada — Liv. Alves —
Rio — 1918.

Felizmente já se vae abolindo o velho systema de fabricar compendios de Historia do Brasil pelo molde dos catecismos cujo typo classico é o celebre livrinho de Lacerda.

— Quem descobriu o Brasil?

— O Brasil foi descoberto no anno de 1500 pelo almirante portuguez Pedro Alvares Cabral.

A creança decorava, e seria capaz de repetir o compendio inteiro sem ter na cabeça uma noção ecologica da vida e desenvolvimento do paiz.

Diz muito bem, em prefacio, o Auctor:

“A simples noção de um facto historico e social, considerado isoladamente e sem o nexco logico que o deve relacionar aos antecedentes (como um dos elos da mesma cadeia que constitue a trama de toda a civilisação, representando a humanidade em marcha sempre constante e evolutiva) cousa é que não offerece a menor utilidade, porque não chega a ter a minima significação. Começar, como fazem os auctores de taes compendios, ensinando á creança que o continente americano foi descoberto por Colombo, e o Brasil por Cabral, sem nenhuma referencia aos descobrimentos maritimos e ás causas que os determinaram, é semear palavras ao vento e sobre-carregar inutilmente a intelligencia dos alumnos, patenteando ao mesmo tempo a propria incapacidade para a explicação dos factos historicos.”

Com a visão ampliada por esta comprehensiva idéa da historia, o Sr. O. D. E. elaborou um compendio interessantissimo. Já o eminente Dr. João Ribeiro realisara um compendio assim, lá vão 18 annos; volume pequeno mas donde se sae com uma noção nitida e larga da historia do nosso paiz, cousa que nem sempre acontece aos corajosos que abordam truculentos bacamartes derramados em grossos e numerosos tomos.

Ao lado do de João Ribeiro vem agora este de Duque Estrada figurar como um dos melhores compendios onde possa o escolar iniciar-se na historia patria — sem maçar-se nem perder o tempo.

OS DESPOJOS DO PADRE FEIJÓ —
 Affonso A. de Freitas — Typ. S. Lazaro
 — S. Paulo — 1918.

Na qualidade de relator-da Commissão nomeada pelo I. H. de S. Paulo para o fim especial de investigar onde jaziam os restos do Padre Feijó, o Sr. A. de Freitas apresentou em sessão de 16 de Julho deste anno o relatorio que constitue o objecto desta nota.

Ignorava-se o paradeiro desses veneraveis restos. Os documentos impressos eram omissos ou contraditorios. Foi mister consultar a tradição popular, inda a mais absurda, recorrer á memoria de velhos contemporaneos e ligar estes informes ao que existia escripto — passos estes dados com tanto discernimento que logo o mysterio se aclarou. Feijó falleceu a 10 de Novembro de 43. Foi embalsamado e enterrado no Convento do Carmo, e mais tarde transportado para um jazigo perpetuo na igreja de S. Francisco. Ali foi encontrado, depois de sérias pesquisas, ficando dest'arte resolvido para sempre o problema da localisação dos restos mortaes do grande Regente.

O COLONO PRETO COMO FACTOR DA
CIVILISAÇÃO BRASILEIRA — Manoel
 Querino — Imp. Off. — Bahia — 1918.

Já conhecido pela sua operosidade, demonstrada em obras anteriores entre as quaes se destaca o precioso elenco dos **Artistas Bahianos**, Manoel Querino faz neste opusculo um apanhado geral da acção do africano no Brasil. Tem razão em tudo que affirma. Se houvesse justiça no mundo faria jus á nossa gratidão a humilde e desprezada progenie de Cham.

O Brasil material sahio inteiro do trabalho negro; não ha cidade, ou fazenda, de norte a sul, que não testemunhe o ingente esforço do musculo escravo. Mas Querino frisa ainda uma outra face da contribuição africana: ella produziu, pelos mysterios do cruzamento, algumas das mais altas manifestações de intelligencia e esthesia de que se orgulha o paiz.

Gonçalves Dias e Machado de Assis, para citar apenas os primaciaes, encabeçam a lista enorme dos vultos notaveis em cujas veias corria o sangue d'Africa. Devemos, portanto ao negro os alicerces da nossa riqueza material, como lhe devemos ainda mentalidades que hombream com os productos supremos da especie humana, viçados no seio las raças superiores.

**IMPrensa DOCTRINARIA E INFORMA-
TIVA** — Santos Netto — Imprensa Nacional
— Rio — 1918.

Jornalista profissional, Santos Netto conhece e aponta todos os vícios que inquinam a imprensa no Brasil. Enumera-os, verbera-os, e aponta os meios de saneal-a. E como o faz com desembaraço e sem peias na língua, consegue com este folheto traçar um diagramma nada lisonjeiro para os nossos profissionaes da imprensa. Conclue aconselhando uma como que regeneração, ou moralisação. Medidas coercitivas não as quer nem pede, mas pede aos jornalistas que de motu-proprio se ponham de boas avenças com os princípios duma moral mais sã.

RESENHA DO MEZ

A "CASA PORTUGUEZA" EM S. PAULO

Desde alguns annos que nos cobre um céu caliginoso de cataclismo.

Não é mais o firmamento de infinito azul, limpido e brilhante, com irradiações de irisante polychromia, que é o meio luminoso em que se expande a alegria vivaz da natureza. E', pelo contrario, uma abobadada opaca de nuvens negras e ameaçadoras, cobrindo a face da terra, como a cupula dum vasto tumulto, engrinaldada por festões de mortallhas e crêpes; é o escuro céu de infinda tristeza, envolvendo a alma da humanidade numa fria atmosphera de morticinio.

A guerra, a fome, a peste, assolam os povos como pragas de expiação, sentenciadas pela Providencia em castigo da maldade humana. Erguem-se para o alto todos os braços, num lance impulsivo de anciedade e imprecação, e raras são as clareiras, por onde surtam alegres claridades de esperanças.

Todavia, é por essas raras clareiras, que se escoam as auroras, em deslumbrante paveia de luz, que vivifica todos os ideaes e todas as esperanças. Através dellas deparamos a imagem da vida; deixemos-nos illuminar por essa claridade bemfazeja que nos insufla a coragem de viver, de lutar, de romper esse firmamento de funerea escuridão, e de voar triumphantemente pelos páramos luminosos, onde pairam as nossas esperanças de paz e de felicidade.

Aproveitemos por agora um desses momentos em que o arco-iris se desenha no nosso horizonte, como uma aureola promissora de bonança. E, sob essa illusão de auspiciosa alegria, falemos de paz.

O culto do lar

Pois que vos vejo defronte de mim, senhoras e senhores, engalanados para uma festa, não vos affliginei com os quadros tormentosos da humanidade sob esse ermo céu, caliginoso e funereo, de cataclismo; procurarei conservar-vos o sentimento alegre de serena consagração que aqui vos trouxe. Deixemos pois os tristes casos da guerra e falemos de coisas quietas e pacificas.

Ora, nada ha que melhor synthetise a paz do que o "Lar", em torno do qual, na mais calma beatitude e desde os tempos biblicos, se organisa a familia humana. O lar e o berço, na tranquillidade majestosa das suas funcções, constituem os symbolos da vida familiar nas suas origens, na sua filiação tradicional; o primeiro concretisa a casa patriarchal da mesma grey; o segundo representa a casa maternal, o seio criador dessa grey. Assumpto dilecto para um instante de paz, tomal-o-ei, no desejo de vos fazer esquecer outros instantes de afflictiva tormenta; e discorrerei, portanto, sobre os vossos lares, sobre as vossas casas.

Não é que tenha eu para dizer-vos sensacionais novidades sobre as

casas de portuguezes, e que sejam ellas superiores ou muito diversas das dos outros povos. Mas é que despertarei na vossa memoria um quadro intimo, ahi guardado com amoroso recato, e que recordareis com o mavioso colorido, com o poetico lyrismo da vossa saudade. Vou trazer-vos á lembrança a casa de vossos paes, essa lareira em torno da qual se esboçaram os vossos primeiros passos na vida, e em cujo seio acalentador se embalsamaram as vossas primeiras esperanças.

Não vos perturbeis com a humildade desses pequenos lares, em confronto com o casario monumental das grandes villas e cidades.

Qualquer que seja o aspecto primitivo desse lar, desde a diminuta choupana do serrano, á casa do mais humilde lavrador ribeirinho; desde o casal remediado do proprietario de gleba, ao abastado solar de vasto latifundo, o valor moral dessa recordação é o mesmo; e não ha nuns maior nobreza do que noutros. Honra por igual o caracter dos que conservam essa memoria, e a ella se ligam por um sentimento inabalavel de devoção, por um culto inflexivel de religiosa piedade.

■ Em torno do lar está

A tradição

alimentada pelo fogo que é o seu elemento de vida, tão sagrado como o dos templos de outróra, guardado por vestaes. Lar apagado, fogo morto; quer dizer: casa abandonada, familia desfeita.

Não deixeis extinguir esse culto, pois seria o mesmo que cortar o fio que vos liga á terra natal, á familia, á patria. O culto do lar é de todos o mais nobre, pela sublimidade do seu sentimento humano, pela sua piedade filial, pela sua cordial fraternidade, pela sua christianissima bondade.

Não só os paes e os irmãos figuram em torno dessa lareira, mas todos os do mesmo sangue, da mesma grey. E o simples fogo, em que

se cozinha o pão quotidiano de um grupo familiar, transforma-se no symbolo sagrado da patria; mas, a patria da comunidade, vastissimo lar em torno do qual, todos, por igual, têm um lugar onde recebam a acção generosa desse fogo vivificador e a sua ração de pão — do pão alimento e do pão espiri-tual.

Se o fogo é santo, a casa é a redôma, o pequeno templo que abriga esse altar divino que é a lareira. Por isso a casa em que nascemos, a casa dos nossos paes, existe em nosso coração como o amor primeiro, aquelle que nos prende á nossa mãe, essa angelica criatura, para todos nós mais que bemdita, e que domina toda a nossa vida como a bôa estrella, diamantina e pura, que illumina o nosso destino.

A velha casita dos humildes, modesta e pobre, ou o palacete dos afortunados, imponente e luxuoso, reduzem-se á mesma lembrança de crystallina singeleza; e confunde-se essa carinhosa memoria com o amor de mãe, o mesmo na sua essencia. seja ella muito pobre ou muito rica. Quantos dos que emigram, não tentam regressar só para satisfazer esse martyrio de saudade; é commovente ouvil-os narrar as bellezas da sua terra, os recantos minimos da sua casa, os bosques, os pomares, os jardins, como se fôra esse sitio um pedaço de celestial poesia, donde os arrancára a tentação enganosa da emigração; e, em verdade, alguns delles partiram de velhos tugurios de pastores, cujos parques eram as chans floridas nas primaveras viçosas, ou as encostas de urze, giestaes e rosmanninhos; onde os pomares eram de raros pilriteiros ou de amoreiras silvestres, os bosques de debeis salgueiraes junto ás represas do riacho, que salta pelas quebradas da serra. Como é bello este amor, cuja poesia assim engrandece as imagens queridas e as exalça até esse mundo ideal em que não ha a pequenez da humildade, mas a suprema eloquencia da santidade! Como eu admiro e venero

estes ignorados trovadores da sua terra natal, e como me commovem os seus cantares, tanto mais sublimes e encantadores quanto mais humildes!

Não sei se, por melhor as sentir, se me afiguram essas lóas de portuguezes as mais sinceras e as que mais perduram no sentimento do povo. Não conheço raça que melhor conserve e respeite a tradição nacional; e o Brasil foi no seu periodo colonial um exemplo evidente desse espirito tradicionalista do portuguez.

A casa em Portugal

Procurae reconstituir em vossa memoria a architectura de uma casa de lavoura do nosso Minho, ou mesmo de uma herdade do Alemtejo, e vêde se não têm iguaes nas antigas casas de fazenda do Brasil colonial.

Lá, as casas têm o ingresso central com escadaria exterior, com alpendre ou varanda coberta; e entra-se por um amplo vestibulo, disposto como o atrio ou a "sala de estar" dos planos inglezes; a seguir a sala de comer, tão longa quanto é possível para que nella caibam todos os da familia e todos que lhe pedem franca hospedagem; aos lados distribuem-se os dormitorios, e pelas alas que fecham o quinteiro, em geral com avarandado coberto; alli ficam tambem a grande cozinha com a sua enorme lareira, a casa do forno, o tear e outras dependencias. O quinteiro ou eido prolonga-se para além da casa, com o solo atapetado por uma espessa camada de tojo secco, coberto totalmente por uma ramada, supportada por esteios de pedra; por ella se estendem longas videiras de troncos ramosos e torcidos, que pelo estio se enchem de pampanos e cachos. No centro, ou a um canto do eido, fica o pôço com a pia e o sarilho do balde. Seguem-se os curraes do gado, os apriscos, os chiqueiros e as adegas, muitas vezes installadas sob o pavimento alto nas casas sobradadas. Ao fundo ou ao lado, fica a casa da eira com os

espigueiros, rodeados de mêdas tendo as catarochas enfeitadas por cataventos; ao outro lado a cortinha, abrangendo o jardim, a horta e o pomar, fechada por muros em algrete, por onde se alinham séries de geranios, velhas panelas de manjerico, bergamota, hortelan e alerim, vasos de cravos ou filas de aboboras multicôres, de mogangas e de chilas.

No jardim, além de algumas plantas de medicina caseira e muitas flôres de facil cultivo, as roseiras de musgo, de chá, da Alexandria, e algumas trepadeiras que se enroscam nos esteios, nos troncos das parreiras ou vão até aos pilares dos alpendres, entre as quaes se destacam as glycinias e as madre-silvas.

Este modelo de casa de lavoura, ampla, commoda, hospitaleira, perfeitamente disposta consoante o caminho do sol e as condições locais da vida familiar, transportou-o o portuguez por todo o seu vasto dominio colonial e soube adaptal-o ás circumstancias, ao clima, e aos materiaes do paiz. E de tal sorte lhe conservou o caracter, que não poudesprender-se mais de toda a architectura colonial esse aspecto typico, que lhe marca a origem portugueza.

Não ha muito que um publicista celebre, Paul Adam, a proposito do esforço portuguez em prôl da liberdade do mundo, nos louvava como habéis architectos, com a rara qualidade de imprimir ás nossas obras esse inconfundivel caracter nacional, adaptando-as maravilhosamente ao quadro local. E dizia:

"Que critico comporá o livro condigno sobre estas egrejas, sobre estes conventos do Brasil, sobre a sua architectura, sobre os sitios incomparaveis que dominam, e que foram escolhidos, golfos, rios ou florestas, pelo genio dos fundadores?

Só os egypcios e os gregos souberam tambem, edificando os seus templos ou as suas acropoles, transformál-os em centro duma paisagem limitada, composta pela vista do ho-

mem que se detem entre as suas columnas, pela do monje que se desbruçava na janela do seu refeitório”.

O abandono da tradição

Veiu, porém, a natural politica da independencia, e com ella o vêsio de desprezar tudo quanto provinha da metropole. O proprio emigrante, que de Portugal trouxe para aqui pedaços do seu paiz natal, regressou esquecendo-os; e, voltando á sua aldeia, começou por escarnecer de toda essa humilde e pittoresca architectura rural, que tão bem se amolda á paisagem local. Esta sua acção perniciososa sente-se por todas as aldeias de Portugal; quem viajar pelas nossas estradas de rodagem destaca por toda a parte esses predios de “brasileiros”; são facéis de conhecer tal a sua disparatada antinomia com o quadro ambiente.

Construiu o palacete á beira da estrada, com dois pavimentos. O rez-do-chão com portas em arco, como as casas de commercio das cidades do litoral do Brasil; algumas vezes ahi montou negocio de pannos e mercearia, ou simplesmente conservou as portas cerradas, aproveitando o armazem para adega. O andar, com janellas de sacada e gradis de ferro, é coroado por cornijão e platibanda com apilardos, e sobre estes algumas estatuetas de faiança vidrada, representando o commercio, a industria, as quatro estações, ou ainda a America na figura duma india, enfeitada de pennas, com arco e flecha. Em geral têm um mirante ao lado com lambrequins rendados, com bolas de vidro espelhado e colorido; um portão lateral com grossas pilastradas e cães de louça no cimo; e a seguir altos muros, vedando a chacara das vistas dos transeuntes e da invasão da canalha miuda.

Ainda bem que, de quando a quando, algum pequeno casebre de largo beiral, alpendres, telhados á portugueza, pequenas janellas em adufa, enfeitado de trepadeiras e vasos de flores, desponta entre o

arvoredo de algum pomar, apenas vedado por cerca viva de rosas e madre-silvas, dando a nota dessa modesta architectura tradicional, que se espalhou pelo mundo onde foi a tradição portugueza, e com ella a obra colossal da civilização.

Da mesma fórma que o brasileiro de Portugal, assim o brasileiro do Brasil foi tirando á architectura da sua casa o caracter que lhe competia em função das circumstancias especiaes do meio. As villas agrarias, os predios urbanos, não se adaptam mais ás condições locais, nem têm como habitação o conforto relativo ás manifestações capitaes do clima.

Importou-se de toda a parte, dos paizes do norte da Europa ou da America, dos paizes do litoral ou do centro europeu, quanto modelo mais ou menos exotico impressionou o dilettantismo de viajante brasileiro, avido de apprehender o que ha de “novo” por esse mundo, e de realisar na sua terra algo de mais “novo” ainda.

Consoante esta corrente de modernismo, que cada vez mais se adapta ao cosmopolitismo da immigração actual — constitutiva, dum grandioso e novo Brasil — vão desapparecendo, na forçada transformação dos velhos nucleos urbanos dos tempos coloniaes, as construcções em que perdurava o tradicional caracter portuguez.

Só temos que felicitarmos, nós outros, oriundos da velha metropole, por ver o ingente progresso desta nação que é a mais notavel das nossas obras. “Quando um povo, como o de Portugal — diz ainda Paul Adam — criou em tres seculos, uma patria como o Brasil, o historiador pode dizer que a nação portugueza é uma “admiravel nação”.

Com razão, porém, nos desgostaremos por ver entre os nossos compatriotas o desfallecimento e a perda do caracter nacional.

A missão dos portuguezes

A nossa missão no Brasil não é terminada, e não perdeu a sua func-

ção activa; está ainda intimamente ligada á constituição ethnica da nacionalidade brasileira, e o nosso papel neste paiz é ainda primordial, como elementos integraes, conservadores dos principios basilares da nacionalidade, que é fundamentalmente portugueza.

Para este effeito, cumpre á colonia uma superior unificação, não com fins de politica, social ou economica; mas com o fito de realisar a unidade moral, conservadora dos caracteres da raça, procurando elevar-se ao nivel superior de illustração que corresponda ao alto progresso do Brasil; e engrandecendo, pela sua prosperidade, pela sua elevação moral e intellectual, a mãe patria portugueza.

Falei-vos das casas de Portugal, que guardam o lar, symbolo da patria; e não o fiz, apenas, no proposito de que transporteis para aqui as vossas casas tradicionaes, como outróra os anteriores immigrants nos tempos da colonisação; mas para que continueis a manter na sua crystallina pureza a tradição nacional, no que ella tem de original e caracteristico. Basta que a colonia estabeleça e mantenha uma só "Casa Portugueza", a casa de toda a colonia, e dentro da qual toda ella caiba, em torno duma só lareira, em que um só fogo a illumine e acalente; um só lar que symbolise a patria, a mãe de todos nós, e onde cada um encontre, para a sua saudade e para o seu amor, carinhosa e mutua correspondencia, trocada entre irmãos na mais affectuosa e pacifica communitade; um unico centro de attracção para o qual devam convergir todos os portuguezes, completando o quadro domestico duma antiquissima familia, unida pelos laços duma velha e nobre jerarchia; o quadro inalteravel da familia lusitana.

E' esta uma antiga ambição minha, e dum grupo de portuguezes da colonia de S. Paulo, projecto lançado em casa de Bettencourt Rodrigues, um dos nossos mais queridos amigos e correligionarios, antes do advento da Republica que hoje so-

lennisamos. Esse projecto fez-se publico, encontrou na colonia acolhedor entusiasmo e para sua realisação não faltaram promessas de valiosos auxilios; todavia a victoria do movimento republicano em Portugal, trouxe perturbações na colonia, dissensões pessoas e de opiniões politicas, que impediram a propaganda desse plano de fraternal e democratica união. Houve que adial-o; e talvez que seja este o momento de reatar essa propaganda, agora que no Rio de Janeiro se levanta a mesma idéa com um acolhimento animador; a colonia de S. Paulo, que tem a primasia da idéa, não deverá esquecel-a nem abandonal-a. Aos que me perguntam o que vem a ser essa

Casa portugueza

não tenho mais que repetir as palavras já ditas nesse tempo. E' uma vasta casa, de aspecto tradicional, caracteristicamente portugueza no seu plano geral, nas suas partes, e na sua architectura. Terá um grande pateo ou pateos á maneira dos eidos em que vos falei, para recreações ao ar livre, e um grande salão para todas as reuniões e festas da colonia. Nas alas externas do edificio serão accommodados: em primeiro lagor salas de aula, para os cursos de primeiras letras, arithmetica e contabilidade, geographia, historia e literatura portuguezas e brasileiras, francez, inglez, allemão, technica commercial; em segundo logar, salas para exposição de productos portuguezes, temporarias, ou permanentes, archivo e bibliotheca; em terceiro logar installações para o Consulado portuguez e caixa de repatriação; em quarto logar salas para a Camara Portugueza e associações portuguezas beneficentes; em quinto logar salas para jogos e bilhares, bar e restaurante. Constitue pois um grande edificio em que a colonia se reunirá para se illustrar e para se divertir; é escola e ao ao mesmo tempo um centro, gremio ou club. A sua fachada será em estylo portuguez e terá, como motivo dominante, uma porta tão gran-

de, tão ampla, que por ella caibam quantos portuguezes haja na colonia, quaesquer que sejam as suas crenças religiosas ou convicções politicas, pois que um unico pavilhão tremulará no seu mastro de mesena, tendo o symbolo augusto da patria portugueza, que é unica e sempre a mesma, independente da formula politica dos seus governos.

Transportar para esta casa tudo quanto é tradicionalmente caracteristico dos vossos lares, das vossas casas paternas, eis o proposito do monumental projecto. Se fôr realizado, tereis ahi, como em um pedaço da patria, todos os symbolos da nossa tradição, a iconographia desse elevado culto, que é a razão moral da nacionalidade; a casa portugueza será ainda mais: um "templo" dos portuguezes. Como affirmação unitaria da colonia, e portanto da nação portugueza, da solidez do seu organismo social, impôr-se-á neste meio; e terá para a defesa dos interesses economicos e politicos, não só da colonia como da metropole, uma importancia superior á das diversas associações em que se subdividem os portuguezes, e que se inutilisam nos seus campos differenciados de actividade.

E ahi tendes, senhoras e senhores, porque vos falei das casas de Portugal, e porque tal assumpto abordei no dia de hoje.

Festejamos o triumpho da democracia republicana em Portugal. A obra da "Casa Portuguesa" é um exemplo bellissimo da democracia, applicada segundo os principios superiores da liberdade, igualdade e fraternidade. Reunindo sob um unico tecto, na mais affectuosa comunidade, os portuguezes que vivem em S. Paulo, qualquer que seja a sua fé religiosa ou politica; mantendo o respeito mutuo das respectivas consciencias e pensamentos; praticando as relações de fraternidade entre todos; tratando de igual para igual os interesses geraes e especiaes dos individuos que compõem a colonia; educando e illustrando os que necessitam; eis uma grande obra alta-

mente democratica, patriotica e benemerita, cujo programma é digno da solennidade deste dia.

A obra da Republica

A revolução de 5 de Outubro, installou em Portugal o regimen republicano. A obra revolucionaria, porém, não attingiu ainda a sua méta.

Após a demolição do antigo estatuto governamental, iniciou-se o ingente trabalho de reforma; mas, não obstante a surprehendente actividade dos reformadores, impossivel é modificar o meio social, os usos, habitos ou costumes, e adaptal-os rapidamente á nova lei.

A Republica requer um povo de republicanos; e a individualidade social do cidadão republicano não pode ser criação espontanea, surtindo de um meio de agitação e revolta; tem que ser criada em meios de tranquillidade e perfeita paz, tal como o protoplasma nas camadas de estatica calma, que jazem nas profundezas inatingiveis dos mares. Só ahi, nessa paz absoluta, se encontram os plasmas embryonarios da vida, assim como no vacuo infinito do universo, se descobrem as nebulosas, que são as massas embryonarias dos mundos.

Todas as transformações sociaes necessitam de um longo prazo para o estabelecimento final do seu equilibrio; e esse equilibrio é eternamente instavel, porque a instabilidade é propria da natureza humana, sempre vária, insatisfeita, lutando por ideaes sempre vagos e fugidios.

Não é nosso mal, portanto, que não tenha havido desde logo em Portugal uma republica modelar, realisando immediatamente a paz entre os homens, estabelecendo a ordem e o progresso. A paz será ainda um ideal attingivel, mas longinquo.

O Portugal metropole, porém, não é o unico nucleo de portuguezes que existe no globo terrestre.

A nacionalidade portugueza

é bem mais vasta; é mesmo de immensa vastidão.

Outros nucleos se encontram em outras partes do mundo, numa situação especial. Em colonias isoladas, dependentes da metropole, ou em colonias livres dentro de outras nações, esses grupos de portuguezes vivem em um quadro social completamente diverso do seu quadro natal. Qualquer que seja o estado politico da nação adoptiva, realisam ao abrigo das suas leis uma situação social independente, e são forçados a abster-se de todas as lutas politicas, para isolar-se dentro de um regimen excepcional de ordem e de paz.

Esses pedaços de Portugal, que não são attingidos directamente pelas tempestades politicas da metropole, estão portanto em condições sociaes de paz e de equilibrio que lhes permitem completar serenamente a obra revolucionaria. Cumpre-lhes essa missão, já que os soffrimentos da sua patria apenas os molestam moralmente; e que as lutas fraticidas dos partidos politicos em nada os perturbam ou prejudicam.

Nestas condições, que são theoreticamente perfeitas, poderão iniciar a obra constructiva da democracia republicana. Emquanto na metropole persiste a acção destruidora da revolução, a colonia reformará, construirá.

A "Casa Portugueza", tal como vos apresentei em seu prospecto, realisa pois essa grande obra de democracia, abrigando dentro dos seus hospitaleiros muros uma verdadeira republica de portuguezes, que se regerá pela lei constitucional da tradição, que se unirá intimamente pelo amoroso sentimento e pela elevada idéa da Patria. Dentro deste instituto portuguez, em uma atmosphera de bondade, simplicidade e fraternidade, se preparará o "cidadão", essa entidade social que é o elemento indispensavel de todas as republicas. A colonia avançará a metro-

pole em grande parte do caminho a percorrer para attingir o ideal de gloria e progresso que todos ambicionamos para o nosso Portugal.

Presta á velha metropole portugueza este grandioso serviço, cumprindo piedosamente um dever filial e os mandamentos do verdadeiro patriotismo.

A "Casa Portugueza" é, pois, a cupula desse grande edificio iniciado em 5 de Outubro, mas cujos fundamentos estão nas conquistas da democracia, cujas raizes mergulham na alma simples e bondosa, no caracter rigido e democratico da grey portugueza.

Um appello

Discorrendo sobre os vossos lares e as vossas casas, conduzi-vos, patriotas meus, até esta conclusão. Se é solenne esta assembléa, solenemente deponho em vossas mãos este projecto, que, para a commemoração do grande dia da Republica Portugueza, será glorioso monumento, e gloria excelsa para a nossa colonia.

Por vossas mãos demarcae no sólo brasileiro os alicerces desta obra; sobre este sólo que foi fecundado por sangue portuguez, e do qual surgiu a grandiosa nação brasileira, obra monumental dos nossos antepassados, criação da nossa raça.

(Ricardo Severo — Conferencia realisada no Centro Republicano Portuguez de S. Paulo, a 5 do corrente).

DOS MALES, O MENOR...

A irrupção da influencia hespanhola entre nós desnor-teou por tal forma os espiritos, que poucos saberão a quantas andam — quer no que toca aos meios de prevenil-a, quer no que concerne á propria identidade da molestia.

Em relação a este ultimo ponto, bastará ponderar que já houve quem aventasse a possibilidade de se tratar de insolação, de typho exanthematico, de peste bubonica e até de cholera-morbus, para se ajuizar do gráo de perturbação a que chegámos.

Felizmente, a Directoria Geral de Saude Publica do Rio já acudiu a desfazer taes atoardas, declarando-se convencida, á vista dos multiplos exames a que procedeu, de que é — “apenas de gripe a epidemia reinante”.

Apenas!

Ficam assim removidas as suspeitas que attribuiam a outros agentes pathogenicos as tropelias exclusivamente imputaveis ao bacillo de Pfeiffer.

Já não ha, pois, lugar para duvidas: é com este que nos temos que avir.

E como semelhante avença é justamente o que pretendemos evitar, ahí surgem novas e tremendas apprehensões.

De feito — como impedir a intro-missão daquelle “cavalheiro” na nossa economia interna?

A pergunta tem suscitado alvedrios de toda casta — uns sensatos, outros disparatados, nenhum plenamente tranquillizador.

Em todo caso, a maioria dos suffragios coube, até ha pouco, aos saes de quinina.

Em consequencia, entrou toda gente, acoroçoada pelo governo, que, por sua vez, se estribava na opinião dos facultativos, a usar e abusar dos referidos saes — sem que, entretanto, semelhante expediente restringisse, já não digo o numero de obitos, mas sequer a parcella dos casos benignos.

Dar-se-á que a inefficacia do medicamento provenha da falsificação delle?

E’ possível.

Todavia, neste particular, estou com o dr. Cassio de Rezende.

Publicou, ha dias, este profissional, num vespertino desta capital, um artigo, que, em substancia, diz o seguinte:

Não está provada scientificamente a minima acção electiva dos saes de quinina em relação ao germen da influenza. Nestas condições, é inutil a sua ingestão. Mais: é nociva. Porque? Porque a quinina é um veneno do protoplasma. Destróe

os globulos brancos (leucocytes) do sangue. Destruindo-os, impede a phagocytose. Impedindo a phagocytose, desarma o organismo: escancara-lhe as portas para todas as infecções. Além disso, mesmo em doses ordinarias, a quinina perturba profundamente a acção dos fermentos oxydantes do sangue e dos fermentos digestivos, alterando por essa forma uma serie de reacções chimicas normaes, tendentes a manter a vida e a preservar a saúde.

Está, pois, condemnada a quinina.

Condemnada, entenda-se, como preservativo da influenza. E condemnada, não só theorica, mas ainda praticamente. A proposito, cita o articulista um trabalho recentemente publicado numa revista medica ingleza, sob a epigraphe: “Um relatorio sobre a epidemia de influenza em 1918”, no qual dois medicos do exercito britannico, depois de assignalarem a inexistencia de recursos prophylacticos contra a molestia, sentenciavam a inutilidade da administração, sob qualquer forma, da quinina, como preservativo da influenza, comprovando o asserto com o caso de tres doentes que, recolhidos á enfermaria, por impaludados, tomavam diariamente gramma e meia de quinina — dose que, nem por ser massica, os livrou da molestia nem da cóva por ella aberta.

A’ vista do que, conclue o dr. Cassio de Rezende pela abolição da quinina, cuja acção prophylactica e curativa só se exerce realmente no impaludismo, sendo de todo em todo nulla, e mesmo prejudicial, por enfraquecer a resistencia organica, nos casos de influenza. Nestes, opta o articulista pelo emprego das preparações salicylicas — aspirina e productos analogos — ao seu parecer mais efficientes no tratamento do mal.

Até aqui, a Allopathia.

Que dirá, a respeito, a Homoeopathia?

Enquanto os allopathas se enredam em mil conjecturas e suggerem

outros tantos expedientes, todos problematicos, todos falliveis, — para desfecharem, afinal, na mesquinha conclusão de que difficilmente se evitará a molestia e de que taes e taes drogas se lhes figuram as mais efficazes — ou as menos inefficazes — no debellal-a; emquanto assim se dividem as opiniões nos arraiaes allopathicos, entre os homoeopaths o accôrdo dos pareceres é completo:

- Para prevenir a influenza?
- GELSEMIUM!
- Para combatel-a?
- GELSEMIUM!

Se occorrerem complicações, alterne-se o medicamento com os que os symptomas supervenientes indicarem.

E prompto!

Nenhuma hesitação, nenhuma controversia: é — pão, pão; queijo, queijo!

Porque?

Porque — diz a Homoeopathia — os seus processos se esteiam num principio, obedecem a um lemma, escudam-se numa lei: a “lei dos semelhantes”.

“Similia, similibus...”

— E’ bôa! — retrucará a Allopathia — os nossos processos tambem repousam num principio, attendem a um lemma, regem-se por uma lei, a “lei dos contrarios”, que, por signal, igualmente se formula em tão bom latim como a dos semelhantes: “Contraria, contrariis...”

Seja, Tratem-se os contrarios pelos contrarios... De accordo. Mas, qual será o contrario da influenza, por exemplo? Que medicamento apresentará a Allopathia capaz de produzir symptomas contrarios aos dessa ou de qualquer outra molestia, e, portanto, applicavel aos casos occorrentes?

Moita!

Quanto á Homoeopathia, que responderá ella no tocante á questão em debate? — Sejam os semelhantes tratados pelos semelhantes... E haverá na pharmacopéa homoeopathica medicina que produza no

individuo são symptomas identicos aos da influenza?

Ha.

Esse medicamento é o GELSEMIUM.

Dahi a unanimidade dos homoeopaths em preconisal-o.

Com razão? Sem razão?

Não sei.

Decidam-no os que o souberem.

Por mim, declaro que não recorri nem pretendo recorrer a outro. E como o que tenho podido observar me autorisa a aconselhal-o, aqui fica a indicação. Se a querem mais concreta, registrem-na: GRIPPINA, tres gottas ou globulos, de tres em tres horas.

Nada lhes levo pela receita.

E’ gratis, e, além do mais, attende a um salutar alvitre: dos males, o menor... — (Adalgiso Pereira — *Diario de Santos* — Santos).

O ARAGUAYA

— E quanto aos aspectos da natureza, o Araguaya tão falado... E’, de facto, bello?

— Quanto a esses aspectos, confesso que apprendi e observei mais, nesses dois mezes de sertão, do que em toda a minha vida. Porque uma cousa é ver os animaes empalhados nos museus, ou mesmo em gaiolas e jaulas dos jardins zoologicos, e outra é vel-os livres, dispersos, na sua vida natural. Nas margens ermas e despovoadas do Araguaya, principalmente depois do “furo” do Bananal, e ainda mais do Rio das Mortes, encontra-se toda a qualidade de caça commum ás nossas brenhas. Essa região é qual novo eden biblico, em que os sêres se apresentam como nas primeiras paginas do Genesis... A quantidade e a variedade das aves aquaticas, então, são phenomenaes: ha gaivotas, ás centenas, e patos, marrecos, colhereiras, garças, biguás, cárocas, socós, manguarys, juburu’s, em cada praia ou a cada avanço prolongado da canoa... O rio, embora possua pedras, morros e cachoeiras em outros pontos do seu grande curso, é um tanto monotono nas cem leguas que percorri — Mar-

gens sempre planas, praia de um lado e barranco de outro, ou vice-versa. Mas, aos poentes, que são lindíssimos, a agua torna-se irizada furtacôr, e o quadro, majestoso e empolgante, digno da viva palheta de um Henrique Serra ou de um Graner.

— Então, deveremos considerar península a ilha do Bananal, em vez de ilha?

— Não, respondeu-nos o sr. dr. Eurico de Góes, naturalmente não positivei bem o meu pensamento, ou foi elle incompletamente apprehendido por distincto redactor de conceituado vespertino, numa rapida palestra que tivemos. A ilha do Bananal converte-se em península durante a estação da vasante ou da secca: um isthmo de areia veda a entrada do canal ou do braço direito, que, aliás, continua alimentado por lagos e rios que nelle desaguam. Quando sobrem a enchente, as aguas arrastam as areias do isthmo, que desaparece, para reaparecer mais tarde, com a vasante.

— Póde dizer-me alguma cousa relativamente aos costumes dos indios que habitam a região que percorreu?

— Ao longo do Araguaya, nas praias, durante a secca, e nas barreiras, durante as enchentes, vivem os carajás, dos quaes visitei dez aldeamentos. Nos rincões da margem esquerda do grande rio, mais ou menos entre o Crystallino e o Rio das Mortes, habitam os valorosos e temiveis chavantes, rivaes dos carajás e dos quaes os "mariscadores" ou pescadores do Araguaya, que encontramos em caminho, fugiram por haverem descoberto vestigios no lago Comprido, adeante de cuja bocca passámos uma noite. A ilha do Bananal, ao norte, abriga os famosos e indomaveis canoeiros e, ao centro, os javães, que são os mesmos carajás localizados num nucleo fixo e não errante. Sem contar alguns cherentes avulsos e já civilizados (os mesmos chavantes do Tocantins e rio do Somno), uns cayapós e uma india tapirapé, que foi capturada e vive entre os carajás, sómente vi estes ultimos em agrupamentos primi-

tivos ou selvagens. Andam todos á moda de Adão e Eva no Paraizo, e apenas as mulheres usam uma pequena tanga de embira ou de entrecasca da gamelleira. Os homens perfuram o labio inferior e no orificio introduzem um pequeno botoque de madeira. Usam as orelhas furadas e uma incisão circular na maçã do rosto, pintada a genipapo, distinctivo da tribu.

Moram em choças abobadadas, recobertas de palha. Dormem em esteiras. Alimentam-se de caça, pesca e alguns possuem roças de milho, mandioca, batata, etc. Os que vivem afastados dos logares povoados ainda extraem fogo com o attrito de dois pedaços de pau, raiz de saran ou outra madeira apropriada. Por armas, têm o arco, a flecha, a lança e o tacape. Ornatos de penna usam diversos, e tambem missangas, ao pescoço. Tanto os rapazes solteiros como as raparigas donzellas trazem, na perna, uma liga de algodão pintado de urucu', symbolo da castidade e da virgindade.

Fumam, em cachimbos roliços, o apreciado "coti" (nome que dão ao fumo). Creem num Ser Supremo, espirito que vivifica e anima tudo na natureza, a que não dão fórma. Acreditam na sobrevivencia após a morte, tanto que enterram os seus mortos com armas e alimentos e celebram festas annuaes, de canto e dança, com grandes enfeites apparatusos de pennas, para rememorar os que se foram. São habéis canoeiros, mas não valem, no esforço e na resistencia, os mestiços remadores ou zingradores do Araguaya ou do nosso rio Ribeira de Iguape. A industria é muito rudimentar: potes de barro, cestos e objectos de que têm necessidade mais directa, como pentes, etc. Um systema de constituição de familia curioso é o modo por que se faz o casamento: os paes da "moça" é que vão pedir o "moço" aos respectivos paes, e, uma vez resolvido isso, fica tudo consummado. Desde que se unem, vivem exclusivamente um para o outro. Os carajás são monogamos.

— E que acha do processo de catechese que tem sido posto em pratica ultimamente?

— Parece-me que a catechese leiga ou official, da maneira por que tem sido feita, ao menos em Goyaz, tem viciado os indios, em vez de os melhorar. Não quer isso dizer que eu seja partidario da catechese religiosa, sem a fiscalização, continua e moralizadora, dos governos. Mas o facto é que os indios, por esse methodo burocratico e ignorante da psychologia delles e do meio em que vivem, além de não serem utilizados em pról da communhão brasileira, se tornam cada vez mais apurados nas manhas de tudo pedirem e quererem sem trabalho, e continuam a viver a sua vida parasitaria e improductiva. De cambulhada com objectos uteis e inuteis, que aos indios prodigamente se têm dado e que ainda vivem empilhados ou se vão estragando ou furtando, aos poucos, em ranchos mal seguros no sertão, parece incrível que aos indigenas se tenham fornecido utensilios que elles não comprehendem ou empregam para fim disparatado (como certos vasos que os civilizados guardam nas bancas de cabeceira, e os indios transformam em terrinas e panellas), e até se lhes tenham fornecido carabinas, a granel — o que, não raro, serve contra nós mesmos, conforme tem acontecido!

— Que me diz dos recursos e do futuro de Goyaz?

— Si, economica ou administrativamente falando, Goyaz não é um estado rico (embora tenha pago a sua divida e possua um saldo, em caixa, de cerca de mil contos), o seu solo é fecundo em riquezas naturaes. Boas pastagens, soberbos campos, agua em abundancia. Lá existe, como tive occasião de ver, na Serra Dourada, a interessantissima arvore do papel, a "*Lasiandra papyrifera*".

Mineralogicamente consideradas, então, as riquezas avultam: sem faltar no ouro e nos diamantes, conhecidos desde os tempos coloniaes, Goyaz possui depositos de sal gemma, areias monaziticas no Parana-hyba e, até, perolas de certos lagos vizinhos do rio Vermelho e do Araguaia! Numa palavra: póde-se dizer que Goyaz tem tudo. O que mais lhe falta — é o caminho de ferro,

a via rapida de comunicação. os trilhos de aço que encurtam as distancias e arrastam o influxo civilizador.

— E, quanto ao estado sanitario das zonas que percorreu e dos males do sertão, poder-me-á accrescentar alguma cousa?

— E' com sincera dôr na alma e lástima profunda que, como brasileiro, abordo esse ponto. Mas o proprio patriotismo exige que a verdade seja dita, afim de que coope-re para que venha a ser o mal attenuado. Não foram as penosas e longas viagens a cavallo, a soalheira, a sêde, a falta de conforto, nem os mosquitos, os carrapatos e o receio de feras e de indios o que mais me impressionou no sertão: — foi a falta absoluta das mais elementares noções de hygiene, por parte dos sertanejos ou moradores das estradas. O sertanejo, em geral, é um typo simples, bom, leal, hospitaleiro, resignado, com os pés descalços e expostos aos espinhos e ás mordeduras das serpentes. Mas ignora, completamente, que não ha mal nenhum em deixar as crianças em promiscuidade com porcos e gallinhas, nos charcos, a comerem terra e contrahirem anquilostomiase. E' lhe indifferente que o tuberculoso, o syphilitico ou morphetico se sirva da sua caneca, sempre collocada num prato, que recobre um pote de agua, destinada a todos. Desconhece que os terriveis *barbeiros*, que pullulam nas fendas de barro dos seus ranchos cobertos de palha ou de telha, são os causadores dos papos na familia, entre cujas pessoas já existem algumas surdas, cretinizadas ou imbecis! Ajunte-se a tudo isso a falta de asseio pessoal e domestico, o pernicioso habito de cuspir no chão, o abuso do fumo e da aguardente — e ter-se-á um quadro triste de ignorancia e degradação humanas!

Imagine-se, agora, que o interior de quasi todos os Estados do Brasil é mais ou menos assim, mesmo os mais adeantados, e não será difficil deduzir uma forte parcella de degenerescencia no acervo dos brasileiros de amanhã! Bem haja, pois, qualquer tentativa ou esforço, que se effectivar, em beneficio do sa-

neamento dos sertões — o que, com a instrução publica e as estradas de ferro, constituirão seguros elementos da nossa grandeza futura. — (Eurico de Góes — Entrevista com o *Correio Paulistano* — S. Paulo).

A FRUTICULTURA NA CALIFORNIA

A laranjeira da Bahia foi introduzida nos Estados Unidos em 1870 e pouco depois dessa data no Estado da California, em Riverside, onde ha poucos annos ainda se encontravam as duas arvores que deram origem a uma das mais importantes culturas do oeste. Actualmente, a laranjeira, occupa o primeiro logar na pomologia californiana, não só pelo numero de arvores, mas tambem pela área plantada. Segundo a estatistica de 1912, havia então neste Estado mais de treze milhões de laranjeiras, occupando uma área de cerca de sessenta mil hectares, ou sejam, aproximadamente, 24.500 alqueires paulistas.

Nesse mesmo anno, na California, a produção de laranjas e limões foi de 15.826.000 caixas, no valor de mais de 28 milhões de dollars, ou mais de 110 mil contos da nossa moeda, tendo sido de 8 milhões de caixas a produção do Estado da Florida. O valor médio, annual da produção das laranjeiras na California é de 20 milhões de dollars, ou cerca de 80 mil contos em moeda brasileira. Diante disto, bem fraca figura fazem os 295 hectares com as suas 73.000 laranjeiras do Estado da Bahia, segundo a estatistica de 1913 do nosso patricio dr. Argollo Ferrão, apesar da asserção dos mais distinctos especialistas americanos de que "with its rich, soil, mild climate, and abundant rainfall Bahia is preeminently suited to fruit culture". Não resta duvida de que dá Deus nozes a quem não tem dentes.

Aconteceu com a laranja da Bahia o que se deu com a borraça

do Pará e o que ha-de succeder a muitos outros productos nossos, em vista das acertadas providencias tomadas pelos nossos grandes estadistas.

O saboroso abacate está destinado a ser, dentro de poucos annos, uma fruta vulgarissima nos Estados Unidos, sendo já hoje abundante em todos os hotéis da California e por baixo preço.

Durante os ultimos vinte annos, têm sido experimentadas na California as melhores variedades de abacateiros da Guatemala, mas o interesse pela cultura foi despertado, em 1905, pelo sr. G. N. Collins, do Departamento de Agricultura, que chamou a attenção dos fruticultores americanos para as qualidades commerciaes desta fruta. Em 1915, numa reunião da "California Avocado Association", foi apresentada uma moção pedindo-se ao secretario da Agricultura que enviasse á Guatemala um especialista para o estudo da cultura do abacateiro e procura de variedades adaptaveis aos Estados Unidos, tendo sido para isso designado o sr. Wilson Popenoe, que alli esteve de Setembro de 1916 a Dezembro de 1917. Este distincto especialista, que acaba de publicar um interessante trabalho acerca da sua missão, introduziu no seu paiz 23 novas variedades de abacate, asseverando que, pela cultura, os frutos produzidos aqui poderão ser facilmente superiores aos da Republica da America Central.

Em Los Angeles, na chacara do sr. E. H. Huntington, tive ensejo de vêr varios abacateiros já desenvolvidos, um delles com frutos, ao ar livre, e em differentes pontos do Estado já se encontram plantações regulares, havendo algumas arvores de doze annos de idade.

E' bem possivel que o nosso governo, dentro de uma dezena de annos, volte a sua attenção para esta cultura e que comece a prometter favores com o fito de estimular a exportação do abacate pa-

ra a America do Norte. Entretanto, vão os nossos clarividentes homens de governo tratando de estabelecer culturas de peras e maçãs nos Campos do Jordão e procurando desenvolver por todos os meios a cultura destas frutas, que podem ser adquiridas nos Estados Unidos por um preço muitissimo inferior áquelle por que conseguiremos produzir-as ahi.

Aos Estados Unidos devia o governo brasileiro enviar agronomos para o estudo da fructicultura, não sendo disparatado que aqui viessem tambem estudar a cultura das frutas trópicas, que se encontram nas cinco estações experimentaes mantidas pela Secção de Introducção de Sementes e Plantas Exoticas nos Estados da Florida, Maryland, California e Washington. Na de Miami, na Florida, sob a proficiente direcção do sr. Edward Simons, destinada principalmente ao estudo e cultura das plantas das regiões tropical e sub-tropical, encontram-se quasi todos os nossos frutos. Alli ha em cultura cem variedades de mangueiras, quinze de abacateiros, abios, sapotis, caju, cambucás (que já frutificaram), jaboticabeiras, anonas grumixamas, guabiobas, cabelludas, etc. A estação de Brooksville, no mesmo Estado, é destinada principalmente á cultura de plantas das regiões não tropicas da China e do Japão, havendo alli uma enorme variedade de kakis. No Estado da California ha a celebre estação experimental de Chico, para a cultura e estudo de plantas do genero "Citrus".

Muito teriam aqui que aprender os nossos agronomos, com muito mais proveito pessoal e para o paiz do que encerrados em gabinetes a escrever monographias de plantas que nunca viram, ou que, pelo menos, nunca cultivaram, sem uma unica observação pessoal, de valor para a sua terra. — (Ed. Navarro de Andrade — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

A CAPITAL DO BRASIL

Bastam uma vaga inspecção visual sobre o mappa do Brasil e um ligeiro conhecimento da sua vida publica, para nos convencer do grande alcance patriótico que teria o cumprimento do dispositivo da Constituição que determina a transferencia da capital da Republica para o planalto de Goyaz. Foi esta uma das mais felizes idéas dos constituintes republicanos; politica, social, moral, economicante, tornar-se-ia extraordinaria a sua significação. Com problemas nacionaes que se eternizam, a attestar a nossa incapacidade para as realizações praticas e a encher-nos de tristeza e desanimo, encontrariam a sua solução, quasi que automaticamente, pelo simples facto da mudança da capital. Talvez por isto mesmo, ninguem crê que ella venha a effectivar-se em nossos dias. Para tamanha obra, seria necessario que subisse á presidencia da Republica um homem extraordinario, que não recuasse ante os primeiros impecilios encontrados, capaz de arrostar a grita dos interesses feridos, e que desejasse deixar de si, da sua passagem pelo governo, um sulco indelevel. São raros esses homens. Em regra, os dirigentes politicos, aqui como em toda a parte, a esses trabalhos, que, mais do que ao momento presente, interessam ao futuro do paiz, preferem a acção, de resultados immediatos, que tóca á galeria, á facil opinião publica. A mudança da Capital para uma zona deserta do interior do Brasil levantaria os protestos vehementes dos politicos do Districto, dos representantes dos outros Estados, de todos aquelles que, directa ou indirectamente, vivem do Thesouro Nacional.

Para compensar esses pequenos interesses contrariados, imaginemos, alguns momentos, como num sonho, os frutos immediatos ou longinquos, que ella produziria. Antes de tudo, o seu alcance militar na defesa do paiz. Não ha mais grave perigo

numa guerra estrangeira, hypothese que deve entrar sempre nas cogitações dos homens de governo, do que uma capital maritima, sujeita ao bloqueio e ao assalto do inimigo. Quasi todas as nações têm capitães centraes; quando os Estados Unidos precisaram de uma cidade para sede do governo federal, esqueceram Nova York, que era então, como ainda hoje, o seu maior centro urbano, e crearam Washington expressamente, longe do litoral e ao abrigo, portanto, das invasões estrangeiras. Mas, deixando de parte este aspecto militar, de effeito problematico e remoto, examinemos as vantagens de ordem politica e economica, que adviriam da transferencia da capital.

E' sempre mais nefasta do que benefica a influencia das grandes cidades na politica e na administração dos diversos paizes. Em as nações secularmente organizadas, onde ha uma vida politica, mais ou menos disciplinada, uma opinião publica esclarecida e consciente, ella naturalmente se restringe e se atenua. E' este o caso dos paizes europeus.

Muito diverso é o caso do Brasil. O Rio, fatalmente, o absorve e o resume. Nenhum dos freios automaticos, que actúam alhures, teria função entre nós. Afóra S. Paulo, que outra grande cidade proxima póde fazer-lhe sombra? O paiz immenso, mal povoado, communicando-se difficilmente através do seu vasto territorio, tem de se resumir na capital. A vida politica e administrativa se resentirá, de certo, dessas influencias de todos os momentos de uma cidade como o Rio. De bom ou máo grado, ella guardará o travo dos sentimentos, das paixões, tantas vezes cégas, das ruas e das multidões inflammaveis. Claro que ninguem tentaria negar os beneficios das grandes cidades na direcção dos negocios publicos; nelas haverá, no minimo, uma sombra de opinião publica, uma imprensa, mais ou menos livre, que a articule ou a simule. Mas, tambem, quan-

tos males não causam? A quantos erros e crimes os seus desvarios de momento, as suas correntes impetuosas de ruas, não obrigam os homens de governo, que sacrificam docemente a propria consciencia á estultice das gloriolas offuscantes? Longe do Rio, num recanto tranquillo do sertão, a nossa vida politica só teria que lucrar em serenidade, em honestidade, em dignidade.

Seriam de ordem economica as maiores vantagens da mudança da capital. E' o urbanismo um dos erros fundamentaes da politica brasileira, erro que todos nós deveriamos combater por todos os modos. Só queremos ver o Brasil do litoral, dos portos, das cidades, das avenidas, contrafacção ridicula de Londres e Paris, esquecidos dos sertões, aonde devem existir as fontes verdadeiras da vida nacional. Toda a politica constructora dos ultimos annos do Imperio e da Republica vem sendo orientada no sentido do urbanismo; á riqueza e ao luxo das cidades não corresponde, de longe sequer, a pobreza do *hinterland*. Ha quatro seculos que nos enquistámos nas praias, sem coragem de levar a nossa *bandeira* civilizadora pelas largas e desconhecidas terras do Nordéste e do Oéste.

A mudança da capital para o planalto goyano alteraria radicalmente a direcção da nossa politica. Em vez de visar exclusivamente o litoral e as cidades, como faz hoje, começaria de se interessar pelo sertão. As estradas de ferro, as estradas de rodagem, fariam da futura cidade o seu grande centro de irradiação. Abro um mappa do Brasil, e sonho. Traço estradas; aqui, a grande linha, que da capital imaginária desceria a Belém, pelos valles do Araguaya e do Tocantins, ligando ao resto do Brasil a incomparavel bacia amazonica; ali, a outra linha do triangulo, de que o Amazonas seria a base, a entroncar-se na Madeira-Mamoré, depois de cortar e abrir ao mundo toda a desconhecida região do norte de

Matto Grosso; além, a linha do Norte, que pelo S. Francisco desceria até Joazeiro, ligando a Bahia, Pernambuco e os Estados pequenos, do Piauí a Sergipe, á viação do sul do paiz; ainda, a linha do litoral, que duplamente communicaria o planalto a Rio e a Santos, pela Central e pela Mogyana. Seguindo o sulco civilizador das estradas, imagino cidades, invento industrias, descubro e exploro minas, povôo os campos, e, ao cabo, sorrio de mim para mim, na antevisão desta Chanaan tropical...

Será absurdo todo este sonho? Pelas nossas condições geographicas, seremos, um dia, um dos grandes paizes do mundo. Esses longos sertões, hoje desertos e esquecidos, abrigarão, forçosamente, dentro deste seculo, um povo feliz, culto e forte. Não poderiam os pobres homens de hoje enriquecer os e povoal-os, pelo simples effeito da sua vontade e do seu patriotismo. A grandeza do Brasil será, sobre tudo, uma função do tempo. E' outra a nossa missão: preparar o paiz futuro, alargar e empedrar o leito do rio, para que a enchente vindoura delle não extravie e não afogue a paisagem circumvizinha. Construamos o arcabouço, plasmemos a fôrma, para que amanhã a grandeza das coisas que virão não nos atordoe e não nos esmague. A mudança da Capital estou que seria um passo decisivo em a nossa historia, o grande signal dos tempos futuros, o inicio de nova e fecunda politica de construcção nacional. E por isto, não acreditando embora na sua realidade proxima, é-me grato divagar, deixar-me levar ao sãbor dos meus sonhos e das minhas esperanças... — (José Maria Belo — *Correio da Manhã*, Rio).

O IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

A abertura do canal do Panamá e a intervenção na guerra européa terão o dom de modificar inteiramente a physionomia da civilização industrial e da democracia rural

americanas. Ambos abrem-lhe novos destinos e horizontes. A tarefa infiltradora é muito mais facil do que ao primeiro contacto se nos poderá afigurar. No norte, o Canadá equivale a uma estrella a gravitar para o systema solar americano, com uma velocidade, sensível á vista desarmada, quanto mais ao telescópio dos astrónomos politicos. O grande sociologo Goldwin Smith prégava a união do Dominio aos Estados Unidos vehementemente. As industrias americanas, cada dia que passa, arrebata-lhe os mercados aos exportadores de Liverpool, enquanto o Far West canadense, inculto e despovoado, soffre a penetração das bandeiras de *cow boys* do oeste americano. A politica generosa dos radicais inglezes, que impediu, graças ao seu extravagante e anti-patriotico liberalismo, a realização do Zollverein sonhado por Chamberlain, abre as portas do Canadá ás potestades do Wall Street, tornando-o, num breve tempo, um feudo economico das colonias financeiras de New York.

No sul, a indole turbulenta das republicas ibericas alliada á sua incapacidade para constituirem a rede de uma vasta federação, impede qualquer velleidade de equilibrio, entre latinos e anglo-saxões na balança continental. Se fosse possível cohesão e solidariedade entre os americanos do sul e do centro, a ameaça para o futuro da latinidade talvez se cumprisse mais tarde. Mas, ao passo que Washington e os constituintes de Philadelphia conseguem manter a unidade nacional, entre as provincias da metropole inglesa, Bolívar, fundador de cinco independencias, não logra fundir numa synthese politica na America iberica as aspirações federalistas do seu genio politico ambicioso. O mundo latino-americano é assim um campo aberto aos golpes do imperialismo yankee, baldado como se acha de um nucleo homoganeo, que baluarte a resistencia em torno delle.

As naturezas timidas estarão de certo suppondo que iremos perder a autonomia esphacelada pelos canhões dos *dreadnoughts*, vindo aposar-se disto aqui em nome da força por quem iremos viver brutalmente

tutellados. Hoje os factores imperialisticos não carecem assustar com balaios e trovoadas os aborígenes em vespas de serem barbeados, penteados e incorporados ao rythmo acelerado da civilização. Um banco germanico no Rio da Prata collabora muito mais profundamente para o exito das ambições teutonicas na America do Sul, do que milhares de allemães espalhados pelos paiz afóra, mesmo mantendo inequivocos preconceitos de raça. O capital é um conquistador muito mais efficiente do que o canhão. A America, querendo senhorear o Atlantico, não precisa despachar esquadras, contingentes militares, para occupações e actos impertinentes de arbitrio. Seria até anti-politico.

O imperialismo tambem se civiliza e adquire os habitos polidos e elegantes, que traduzem o apuro e a intelligencia privilegiada das raças, que o personificam sobre a terra. As esquadras, que são o seu espectro nos mares, em vez dos tranca espinhas e dos mata sete da questão Christie e dos ferrabrazes bombardeadores de Duguay-Tarouin, trazem os pés de ouro do fox-trotte e do *one-step*, que tanto são leões nos salões como lobos no mar. Enleando um coração fragil de mulher, um marinheiro americano conquista mais seguramente os mercados do Brasil, da Argentina e do Chile, do que deflagrando vinte libras de polvora na culatra de um canhão. O germano estava vencendo mais de pressa com uma pasta de amostras debaixo do braço do que com a carabina no hombro e o sabre na mão.

O Atlantico vae ser um mar americano. A barreira erguida aos Estados Unidos era a Allemanha, que nunca se rendeu á evidencia da doutrina de Monroe, e por isso mesmo se recusou sempre systematicamente a reconhecê-la. William Stead affirmava convencido que o centro de resistencia ao imperialismo americano, era Berlim. De tal modo o pan-germanismo, nunca se illudiu com as inclinações da grande democracia no caso de uma guerra europeia, é que procurou habilmente organizar na America uma mentalidade teutonica, capaz de preparar

entre as oligarchias militares a reacção contra a supremacia politica yankee, quando os Estados Unidos pretendessem leval-a contra o bloco dos imperios centraes. E só a resistencia das castas militares argentina e chilena, trenadas por missões allemans, explicam a neutralidade destas republicas no conflicto germano-americano. A sensibilidade nellas é até mais exageradamente allia-dophila do que aqui.

Esgotada a Allemanha, depois de uma guerra exhaustiva, que a sangra abundantemente, nenhum outro povo, a não ser o japonéz, lhe poderia deter a marcha para a *welt-politik*. A abertura, porém, do canal do Panamá, deslocando o eixo central da civilização politica e industrial da Europa para a America, marca o inicio da marcha facil dos Estados Unidos para o oriente e as republicas do Pacifico. Fortificado o canal, o Pacifico continúa um *mare clausum*, dividido entre elles e o Japão, emquanto este, educado na escola dos barbaros, não se prepara afim de decidir se a supremacia da Asia pertence aos amarrellos ou aos anglo-saxões. O problema do Atlantico póde dizer-se já resolvido para os Estados Unidos. Só o do Pacifico permanece como uma incognita, porque ninguem poderá calcular a astucia e a tencidade que irá despender a oligarchia carthagineza de Tokio, por intermedio dos seus pro-consules na Corea e na China, afim de liquidar militarmente a questão da soberania asiatica.

A flamma da latinidade, que levou espiritualmente os Estados Unidos á guerra, se acha pois numa hora de penumbra, ennoitecendo numa espessa treva. Para suffocal-a é indifferente o osculo bruto do germanico ou o abraço estouvado do seu descendente americano. Os padrões subtis do gosto, da graça e da doçura hellenicis vão ser substituidos pelas fórmulas praticas, do industrialismo americano. Batido o ideal latino pelo seu proprio salvador, a beira do mar azul, onde elle despontava do seio illustre das aguas, a obra heroica da revolução e a tarefa gentil da renascença, no

cosmos americano, que se inaugura, irão viver como fórmulas mumificadas, de um universo interessante para os estudiosos dos fosseis históricos, como a Babilônia, a Palestina e Roma, apaixonam os egiptólogos, os orientistas e os romanistas. — (A. Chateaubriand — *Correio da Manhã*, Rio).

UM GRANDE INVENTO

Encerrou-se a Exposição Industrial. Mais feliz que as anteriores teve o merito de revelar um invento que se nos afigura capaz de funda repercussão na vida economica do paiz. E' um aparelho modesto, exposto num pequeno telheiro, ao lado dos carros de boi de eixo duplo. Não chama a attenção. Não dá na vista. Não vem precedido de reclame dourada. Mas quem pára diante da machina "Universal", e medita um bocado sobre as possibilidades infinitas encerradas naquella modesto jogo de peças mechanicas sae convencido de que se resolveu um grande problema. Esse aparelho permite a transformação immediata do caldo de canna em assucar. A' medida que a garapa escorre da moenda, o assucar bruto ensacca-se do outro lado, e tudo se faz automaticamente, sem exigencia de nenhum machinista especializado na industria. Resaltam incontinenti as vantagens do novo processo: suppressão do oneroso transporte da canna e da lenha para o engenho. Moenda e evaporador, agora combinados, podem funcionar dentro dos proprios canaviaes, e deslocar-se de um ponto para outro conforme as necessidades da industria. O combustivel, lenha ou bagaço, fica á mão. A mesma força, boi ou cavallo, que move a moenda, faz funcionar o evaporador. O mesmo operario que

lida com a canna basta para attender á fornalha, e bastará para ensaccar o producto. Dadas as condições da nossa pequena lavoura assucareira, e a qualidade do operario de que ella dispõe, esta machina representa um ideal attingido. Attende a todas as deficiencias de uma e de outro. O inventor, engenheiro Marcos Ayrosa, chegou a esse resultado depois de longos estudos, observando as falhas, os pontos fracos das grandes usinas de assucar, em permanente crise financeira por força do elevado preço da producção. Elle conseguiu separar o problema agricola do industrial, resolvendo dest'arte a questão. Ao lavrador não caberá, como até aqui, o simples papel de productor da canna; irá além, e entregará á usina o caldo de canna já evaporado e ensaccado; a usina, recebendo o producto nestas condições, ultimarà a transformação, ou refinando a garapa em pó, ou desdobrando-a em alcool. Problemas do vasilhame resolvidos, problemas tremendos de transporte duma materia prima da qual só se aproveitam 10 %, resolvidos, problemas da pequena cultura em condições prosperas, resolvidos, supprimidos tambem os eternos cravos das grandes usinas — o novo invento do sr. Ayrosa traz no bojo uma verdadeira revolução economica. Habilita-nos a sair do marasmo actual e fazer deste paiz um formidavel centro assucareiro capaz de resistir a toda concorrência.

Para concretisar o facto basta dizer que na opinião duma das nossas melhores autoridades agricolas, a producção duma sacca de assucar bruto, desde o primeiro passo no plantio do cannavial até ao ensaque, não vae além de 5.000 réis, ou sejam 83 réis o kilo!

ARTHUR RUBINSTEIN

Celebre pianista polaco, que segundo a critica universal, é o primeiro da era presente e passada



Quiz que só lhe
tocasse no pia-
no, perante o
fino publico do
Municipal, o te-
chnico - afinador
ESTEVAM LUC-
CHESI, e diz:

Je constate avec plaisir
que M. Estevam Lucchesi
est un excellent accordeur
et qu'il a réglé mon
piano de concert à ma
plus grande satisfaction.

Estevam Lucchesi

tem officina á Rua B.
Itapetininga. 16

Telephone, Central
4888

Arthur Rubinstein
Rio, 16 Juillet 1918

AS CARICATURAS DO MEZ



NOTA DA REDACÇÃO

Devido á desorganisação determinada pela epidemia reinante deixam de sair neste numero as caricaturas do mez.

Livros á venda

(em perfeito estado de conservação)

Cesar Cantú — Historia Universal, traduzida em portuguez por A. Ennes, 20 vols. enc.	80\$000
Boletim da Agricultura, 10 vols. encadernados, novos (annos de 1900 a 1909) e mais dois vols. enc. do Instituto Agronomico de Campinas, tambem novos	40\$000
Binet — Les idées modernes sur les enfants	3\$000
Flamarion — Uranie	3\$000
Debay — Les parfums et les fleurs	3\$000
V. Tissot — Russes & Allemands	3\$000
Guizot — L'Eglise et les Sociétés Chretiennes	4\$000
E. Havet — Les Christianisme et ses origines (3 vols.)	20\$000
Padre Secchi — Le Soleil, 3 vols. grandes	30\$000
T. de Freitas — Vocabulario Juridico	20\$000
" " — Testamentos	20\$000
Buisson — L'Enseignement primaire aux Etats Unis	8\$000
Wundt — Physiologie Humaine	8\$000
Maricá — Maximas.	3\$000
Dezobry & Bachelet — Dictionnaire de Biographie et Histoire, 2 grandes vols.	40\$000
Leonard de Vinci — Traité de la Paysage	10\$000
Savard — Cours complet D'Harmonie	10\$000

Pedidos a P. T. S. por especial favor na
REVISTA DO BRASIL, caixa 2-B

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritorio: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LÉVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Tra-
vessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgia —
Operações — Rua Libero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica **especialmente das**
crianças — Res.: R. Bella Cintra,
139. Consult.: R. José Bonifacio,
8-A, das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —
Medico. S. Cruz do Rio Pardo —
S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
lephone 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titu-
los — Escritorio: Travessa do
Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Al-
buquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA — Caixa Pos-
tal 174. End. Teleg. "Leonidas".
S. Paulo. Telephone 626 (Cen-
tral) — Rua Alvares Penteado —
S. Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira ingleza. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina,
Engenharia, Litteratura. — Revistas.
— Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPH. NORTE, 5667 — End. Tel.
— "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro —

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico Interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

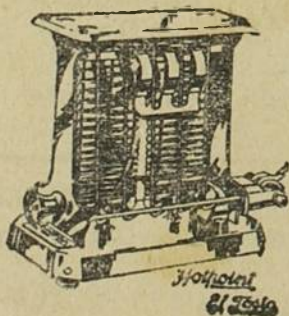
Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa
da Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

SÃO PAULO

Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.,

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPIACABA N. 10

Caixa Postal 523 End. Tel. "Anglicus"

■ ■ ■ Armazens de mercadorias e depósitos de carvão ■ ■ ■
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brroke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburgo	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".
Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartu-
chos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::
:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundi-
ções e fabricas, drogas e productos chimicos para indus-
trias, louça sanitaria, etc.

Loteria de São Paulo

EM 19 DE NOVEMBRO

100:000\$000

POR 16\$000

Os bilhetes estão á venda em toda a
parte

CURA DA GRIPPE HESPANHOLA

DOCUMENTOS E ATTESTADOS

CARTA DO DR. AUGUSTO MILITÃO PACHECO, ATTESTADO DO SR. EDOUARD BENAIN, ATTESTADO DO SR. ARISTIDES DE ALMEIDA LEITE, ARTIGO ENTHUSIASTICO DO "DIARIO HESPANHOL", ESTE ULTIMO, PELA SUA EXTENSÃO, NÃO SERA' REPRODUZIDO

Seabra.

Fiz uso, bem como todos de minha casa, já em numero de QUATORZE, atacados da "hespanhola", como remedio, da "Grippina". Os seus resultados são MARAVILHOSOS, quer nos casos benignos, quer nos de manifestação mais grave. A tua "Grippina" é um bom remedio. Deves procurar tornal-o conhecido de todos os que soffrem.

AUGUSTO PACHECO. Firma reconhecida.

Sr. dr. Alberto Seabra.

Para maior tranquillidade da população, venho comunicar-lhe o seguinte: Em minha casa têm cahido successivamente atacadas da grippe até esta data seis pessoas. Destas, tres estão em convalescença e as outras em excellentes condições. Tomaram exclusivamente "Grippina". E', portanto, um remedio bom, pratico e ao alcance das classes pobres. Póde v. s. fazer desta o uso que leh convier, etc.

ARISTIDES DE ALMEIDA LEITE. Firma reconhecida.

En reconnaissance des resultats immediats que j'ai obtenu moi et les personnes de ma famille avec le prodigieux medicament la "Grippina" contre le grippé espagnole, je tiens au benefice du peuple á vous le communiquer et a vous exprimer toute ma reconnaissance.

Veuillez agréer, etc.

EDOUARD BENAIN. Firma reconhecida.

"GRIPPINA", preservativo e curativo — Formula do DR. ALBERTO SEABRA.

Para a convalescença da grippe: "VIGORINA"

Remedio da fraqueza geral e da convalescença (N. 24) — Preço do vidro, 3\$000

COMPANHIA PAULISTA DE HOMEOPATHIA

30, Marechal Deodoro — Telephone Central 2798 — Depositarios em Santos: Drogaria A. Leal & Cia. — Pharmacia Colombo

LIVROS INTERESSANTES

ESPIRITO ALHEIO — Anecdotas e episodios de gente de theatro, colligidos por Mucio da Paixão. "Espirito alheio", é um volume de apreciadas chronicas do fmo litterato campista, de côr muito local, apreciando factos e occorrencias nossas, atravez da vida theatrl, 1 volume, 4\$000.

NOTAS DO DIA — Interessante livro de Affonso Arinos, 1 volume, 3\$000.

PARA SER ACTOR — Guia pratico da Arte de Representar, por Eduardo Victorino, ensaiador dos theatres de Portugal e Brasil, 1 volume, 2\$000.

GUIA DE MEDICINA HOMEOPATHICA — Por Nilo Cairo, 3.^a edição muito melhorada e consideravelmente augmentada, 1 volume cart., 8\$000.

CODIGO PENAL BRASILEIRO — Devidamente annotado com grande cópia de Jurisprudencia do Supremo Tribunal Federal e opiniões dos doutos e todas as leis e decretos penaes posteriores ao codigo, por José Tavares Bastos, 1 vol. enc. 12\$000.

DIVISÃO E DEMARCAÇÃO DAS TERRAS PARTICULARES — Pelo Dr. Affonso Fraga, 2.^a edição revista e melhorada, 1 vol. enc. 10\$000.

FORMULARIO DE CASAMENTOS — Conforme as disposições do Codigo Civil Brasileiro, nos art. 180 e seguintes, por Um Profissional, 1 volume, 2\$000.

O ELEITOR BRASILEIRO — Formulario e commentario. Lei n. 3139, de 2 de Agosto de 1916, prescreve o modo por que deve ser feito o alistamento Eleitoral e decreto n. 12193, de 6 de Setembro de 1916, dá regulamento á li n. 3139. Leis do Estado de São Paulo n. 1509, de 17 de Novembro e n. 1564, de 30 de Dezembro de 1916, minuciosamente organizados por UM PROFISSIONAL, 1 volume, 3\$000.

CODIGO CIVIL BRASILEIRO — Lei n. 3071, de 1 de Janeiro de 1916, conforme a edição official. Edição annotada e com um repertorio alphabetico, por UM PROFISSIONAL, 1 volume, br., 2\$000; encardonado, 4\$000.

LYRA POPULAR BRASILEIRA — A mais completa e mais bonita collecção de poesias, modinhas, recitativos e lundu's, dos melhores autores brasileiros e portuguezes, colleccionada por Jsoé Vieira Pontes, 5.^a edição melhorada, 1 volume, 3\$000.

ORADOR POPULAR MODERNO — Contendo uma infinidade de modelos de discursos para todos os actos solennes. Colleccionados por S. de L., 1 volume, 2\$000.

THEATRO DAS CRENÇAS — Interessante collecção de peças infantis, para creanças de 8 a 12 annos, dos melhores autores, colleccionadas por J. Vieira Pontes, 2.^a edição, 1 volume, 3\$000.

SECRETARIO MODERNO — Novo Manual de correspondencia familiar e commercial, por J. T. da Silva, 1 volume, cart., 4\$000.

FORMULARIO DOS JUIZES DE PAZ E CASAMENTOS — Contendo: juizes de Paz e suas attribuições, legislação dos Estados, desenvolvimento completo da ACÇÃO SUMMARISSIMA E EXECUÇÃO. Processo do casamento civil, registo de nascimentos, casamentos e obitos, nomeação dos Escrivães de Paz, registo de animaes. Por UM PROFISSIONAL, 1 volume, br., 6\$000, cartonado, 7\$000.

REGIMENTO DAS CUSTAS JUDICIARIAS — Contendo: Taxa judiciaria, Imposto do Sello, Papel sellado, Imposto de transmissão "inter-vivos e causa-mortis" e taxa adicional, por, UM PROFISSIONAL, 1 volume, 4\$000.

O VERDADEIRO LIVRO DOS SONHOS — Ou o Echo da Fortuna — Composto pelo systema Rutiliano, contendo 60.000 vocabulos postos em ordem alphabetica e relativos a pessoas, animaes, plantas, fructas, flores, artes e exercito de terra e mar, augmentando com as verdadeiras tabellas rutilianas, a CHAVE DE OURO, os numeros sympathicos a cabala da sibila e outros muito uteis aos jogadores. 1 grosso volume, 5\$000.

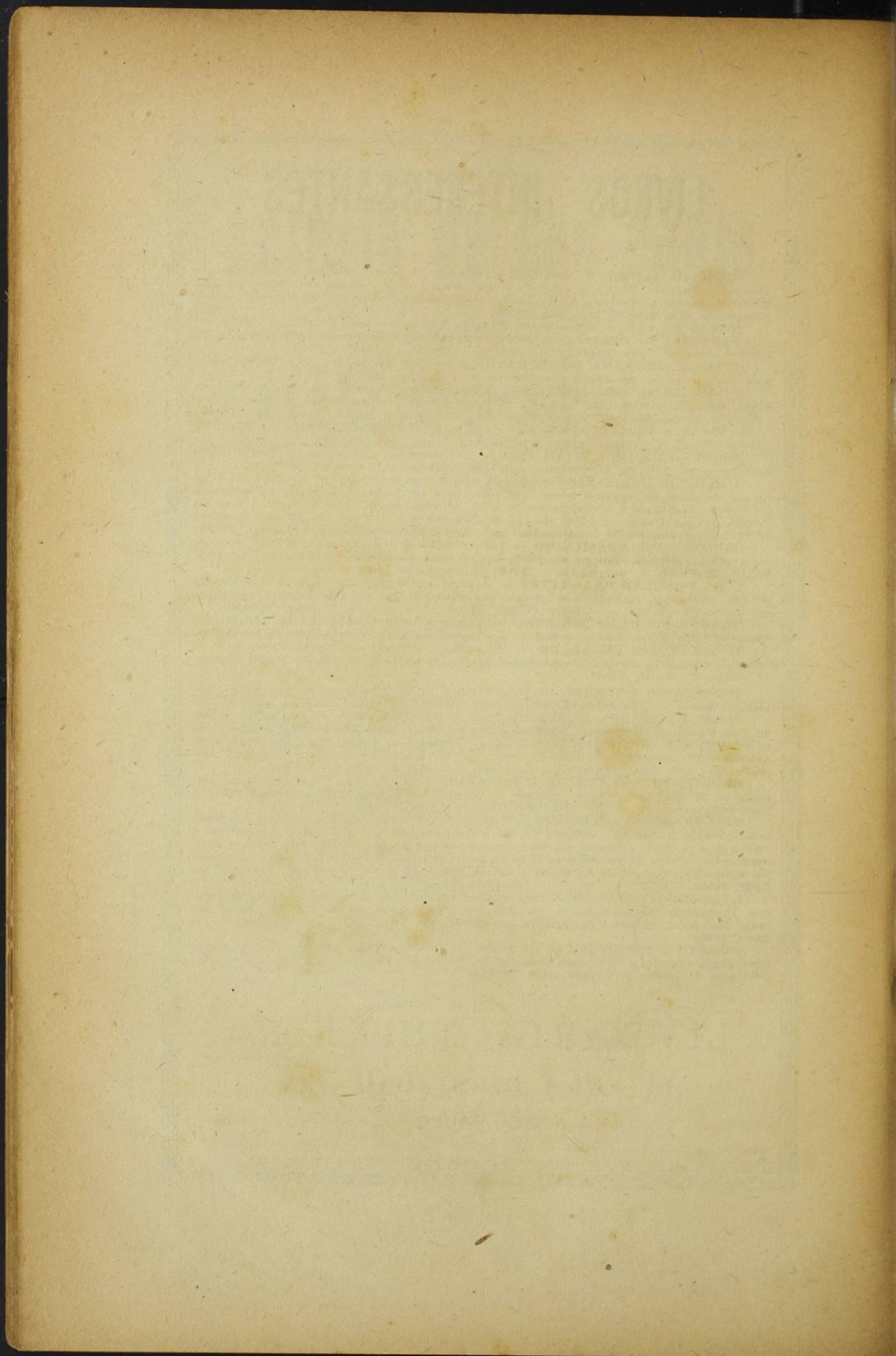
LYRA DAS CRENÇAS — Interessante collecção de comedias, poesias, monologos, cançonetas, scenas-comicas, dialogos, etc., para creanças de 8 a 12 annos, dos mais festejados autores, cuidadosamente coordenda por José Vieira Pontes, 1 volume, 3\$000.

DIREITO E ESCRIPTURAÇÃO MERCANTI — por partidas dobrada, contendo uma longa exposição do Codigo Commercial Brasileiro, por José Augusto do Amaral Sobrinho, 1 volume br., 8\$000; cart. 10\$000.

LIVRARIA TEIXEIRA

16 — RUA DE S. JOÃO — 16

--- SÃO PAULO ---



46249

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ	MANDIOCA
ARROZ	MILHO
ASSUCAR	FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO